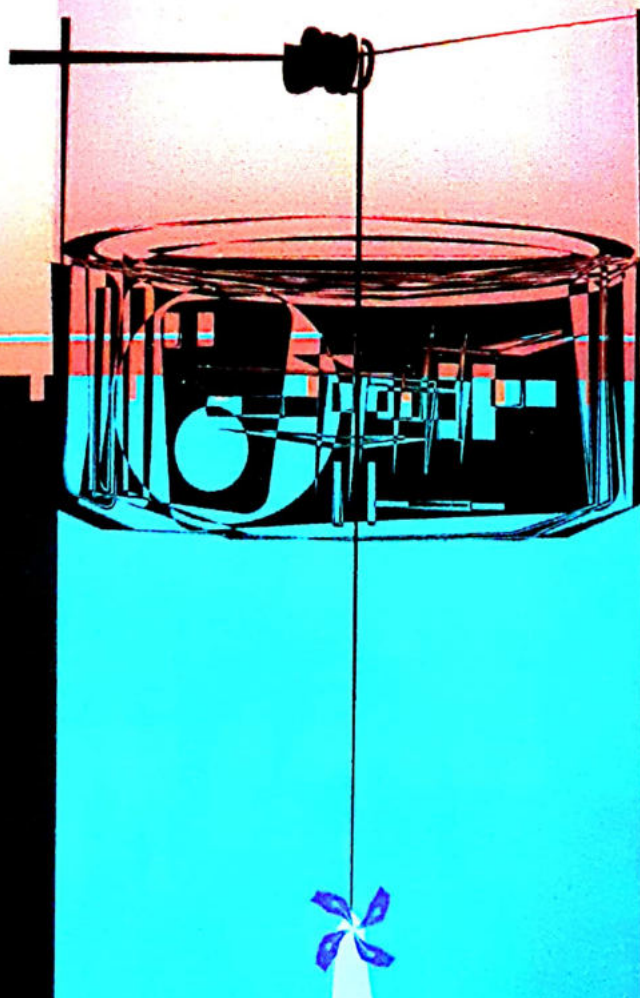


4ª EDIÇÃO

Palha de Arroz

Fontes Ibiapina



Palha de Arroz
© Jamira Ibiapina Caddah

Editores
Cineas Santos
Laila Ibiapina Caddah

Projeto Gráfico
Arca Comunicação

Capa
Antônio Amaral

Revisão
Rosa Pereira

Impressão
Halley S.A. Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica

121p Ibiapina, Fontes

Palha de Arroz./Fontes Ibiapina.– 4ª ed.
226p.

1.Literatura Brasileira – Romance. 2. Literatura
Piauiense – I. Título

CDD - 869.93

Direitos desta edição reservados à Oficina da Palavra
Rua Benjamin Constant, 1400
e-mail: oficinadapalavra@ig.com.br
Teresina-PI - Fone: (86) 223 4441

Se um dia um escritor gravar numa obra a tragédia desses desgraçados do Piauí, – dir-se-á que fez obra rocambolesca, que deixou a imaginação trabalhar, sem o controle da razão, dominado pela ficção.

Dra. Maria Rita Soares de Andrade

*"Dorme, cidade maldita,
Teu sono de escravidão".
Sonha com o pobre que grita:
Senhor meu Deus, dai-me pão!*

*Ao ex-governador Petrônio Portella Nunes, que
a um Piauí caduco deu um destino moço.*

I

Ruas quietas dentro duma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres. O sol assim como se enferrujado. Quase mesmo que querendo se apagar de todo. Era assim uma coisa como se o próprio tempo estivesse de propósito para abafar o movimento daquelas vivalmas que por ali labutavam e faziam outras coisas. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranqüilidade. Já a tarde ia-se findando. E não aparecia um vivente para fechar o ponto do dia, ou mesmo abrir o programa da noite que já vinha vindo bem perto. Tudo silente. Tudo parado que nem água de poço.

Às portas dos armazéns, estivadores trabalhavam dando os últimos pospontos em sacos de oiticica, cera de carnaúba, babaçu. Já outros batiam e dobravam peles e espichados. Foi quando Parente, terminando sua tarefa, saiu assim rumo à ribanceira do rio. Jogou os panos fora e caiu n'água para derreter, mesmo sem sabão, ao menos a metade do grude. Alguns carroceiros, que davam jantar aos burros, atiraram-lhe pilhérias pesadas. Logo Parente lhes deu notícias das mães. Ninguém, entretanto, ao menos de leve se queimou. Qualquer um já bem sabia quem era aquele negro safado. Já ia para coisa de dez anos que morava na Barrinha. E, para ser sincero, da Barrinha para Palha de Arroz, quase que ninguém falava outro português. Era mesmo só aquele deboche sem cabimento. Só aquele linguajar depravado do negro Parente. Com cada palavrão que, com poucos minutos de palestra, não ficava um ente da família que não pegasse da sua. Também!... Qual seria outro prazer em bairro tão pobre?!

Vareiros encostavam canoas às ribanceiras. Para dormirem amarradas. Vareiros e canoas... duas coisas parecidas e que se completam tanto em serviços como em gozo de descanso. Destinos parecidos. Ambos forçam o dia todo duma à outra margem do rio. À noite, os dois amarrados. Elas em correntes, eles nos braços de quem quer que seja. Isto quando os dois também não tiram serão até às horas-mortas.

Porcos d'água, enfronhados em ternos de mescla azul (marca Janganda) saíam daquelas casas flutuantes – barcas rebocadas por vapor. Lá se vinham eles pacholas por sobre tábuas que mordiam a ribanceira do rio e o beijo da embarcação. Também pelintras, lá se vinham vindo os graduados – comandante, mestre, contra-mestre, foguista, maquinista e outros. Apenas uns três ficavam *de-quarto*. Os demais se botavam para as zonas, para os quebras.

Já ia pardejando. Genoveva passou rebolando as ancas dentro duma saia de chita, subindo a rampa do cais. Toda imponente, empinada. Toda dentro de si! Dengosa de faceira! Só que com o pescoço duro e meio torto, para a lata d'água não vomitar golfadas em seu corpo.

Pau de Fumo passou correndo. Numa disparada das malucas, que tempo não teve sequer de passar uma lambidela de olhos em seu xodó que ia assim com uma lata-d'água. Era que quando fazia uma das suas, azeitava as canelas que nem para Genoveva tinha tempo de olhar.

Dois guardas perseguiram o negro com uma vontade azeda de dar conta do recado de sua profissão. Mas se dava, porém, que Pau de Fumo também era profissional. E ainda mais que estava dentro do programa de seu meio de vida.

E aquele mulato da peste que desde menino aprendera a correr por aquelas buraqueiras, deixava os adversários na bagagem.

O moleque mais safado daquelas quebradas, mais uma vez, baixava os dez dedos no que não lhe pertencia. Por isso mesmo os guardas perseguiram-no.

O pobre do barbeiro velho do quiosque de madeira lá da beira do rio, de mãos à cabeça, mais parecia ficando louco de repente. Se soubesse que aquele patife estava ali por perto, não teria deixado a gaita na gaveta quando saiu. Enquanto se botou para a bodega do Doca da Jovita, para passar um trago de cana nos peitos, o desgraçado varreu a gavetinha de sua banca. Diabo!... Trabalhou o dia todo que Deus deu, – alisando pescoço e queixos de vareiros, carregadores, carroceiros e estivadores, – para encher a pança do gatuno mais salafrá da Palha de Arroz.

Sentia os guardas em seus calcanhares. Carreira maluca. Disparada sem termo por cima de paus e pedras. Em direção à Usina Elétrica. Se de qualquer maneira não desse certo, seria a única tábua de salvação. E mesmo, um dia havia de se acabar dentro daquele poço com mais de sessenta metros de profundidade. (Seriam oitenta?!... Mais?... Menos?...) A Usina estava parada. Morta há bem uns quatro anos. (Mais?... Menos?...) Que coisa! Pensamento sem futuro. O poço estava vivo. E um dia havia de se acabar dentro dele. Lá no fundão! (Hoje?... Amanhã?...) Pensamento besta. Mas um dia morreria nele. De qualquer maneira satisfeito. Longe dos homens que sempre puderam e nunca lhe prestaram um por pequeno que fosse benefício. Melhor mesmo morrer só. Só e abafado num poço fundo, numa escuridão eterna. (Suicídio?... Iria para o Inferno?... De que jeito seriam os tais quintos de

lá? Inferno existia mesmo? Seria com i maiúsculo?) Ora, ora, ora!... Que besteira! Mesmo existindo, o que adiantaria em seus sofrimentos?...

Carreira sem freio. E os policiais atrás. (O pior era que um fora seu amigo de infância). Melhor mesmo no fundo do Poço da Usina. Preferia a morte a cair nas garras daquela Polícia infame. Morreria afogado, num centro escuro e abafado de poço fundo. Mas não ia de fome dar o couro às varas numa terra onde de tudo podia e devia haver com fartura. Tanta gente por aí afora falando em fim de Ditadura!... Pra quê?!... Tanta gente falando em Democracia!... Liberdade... Pra que também?... se os homens na certa seriam os mesmos. De nada adiantava mudar as coleiras e serem os mesmos cachorros. A democracia que devia haver era a Democracia de Pão, Liberdade de Vida, Direito de Viver.

Graças que os guardas perderam-no de vista. Decerto que ficaram por conta. E lá se foi ele satisfeito por haver despertado a feira do dia seguinte. Quem quisesse que se batesse. Se não encontrava serviço... Nem tinha dinheiro em baú, visto que não herdara coisa alguma de ninguém. E se também não era empregado do governo, como roubar de outra maneira?! Como sustentar Genoveva e três filhos?! Aí era que estava o porquê sem mas nem porém de sua história. Sim... História. Não recordava o autor: "Cada homem começa e termina a história do mundo". Tinha portanto o seu mundo, a sua história. E a história de seu mundo que era sua própria história. Diabo! Para que um dia estudara!?... Só para saber essas coisas! Diabo!... Para que pensar nisso?!...

O relógio da torre da Igreja de S. Benedito deu doze mordidas no beijo do sino apalpando o silêncio. E aqueles

pensamentos rodando que mais rodando na cabeça do negro:

– (Relógio. Sino... Carrilhão de Roma!... Vaticano... Basílica de São Pedro – primeiro Papa! Pedro Apóstolo, Príncipe dos Apóstolos. Igreja. Religião. Democracia. Liberdade... Tantas palavras bonitas e tanta gente sofrendo no mundo! Quantos cristãos escravos?!... Inferno! Inferno!! Inferno!!!)

Noite escura. A cidade também era uma escrava. Escrava do governo. A Usina morta. Já ia para muito tempo com a capital sem luz elétrica. E caso sem jeito, pois o próprio Interventor alegava que a capital não tinha capital para comprar uma usina que custava usinas de dinheiro. E quando a Lua do céu não bancava a camarada, era uma escuridão sem termo na cidade toda.

Dentro daqueles charcos, misturado com cobras, lagartixas, carrapatos, muriçocas, o diabo-a-quatro, era que não era possível esperar que o dia amanhecesse. E até que não ficava distante a casa de Maria Preá. Ah!... que ficava longe! Uma volta danada para não passar pela Praça Saraiva, nem nas barbas da Polícia!

– (Conselheiro Antônio José de Saraiva, fundador da Cidade Verde em plena Chapada do Corisco. Que Deus o tenha em Bom Lugar. Verde é esperança. E a gente sofrendo até mesmo de esperar).

Maria Preá. Mulher-da-vida. Pobre que só ela! Mas, por ser pobre mesmo, nunca que lhe negara uma banda de sua tipufa puída numa noite daquelas. Àquela hora, porém, talvez que já tivesse hospedado outro. Quase que não adiantava aventurar, pois Maria Preá só tinha uma rede. Além de tudo, Maria Preá só era uma.

Lá se estava o Tribunalzinho que nunca lhe negara acolhida e justiça no momento oportuno e necessário. E ali foi se lembrando de certa passagem que certo dia lera – não se recordava em quê. Pois bem. Desde março de 1614, por decreto de Luiz XIII, uma porta do Tribunal de Paris permanecia aberta a qualquer hora da noite. Aquilo para ninguém se privar de seus direitos um minuto sequer na vida.

– (Paris... Cidade Luz... Edson...)

Diabo!... Para que um dia estudou!?...

Quando Maria Preá abriu os olhos, por entre os buracos do cobertor rendado de velho, já estava ele, de lamparina à mão, todo cheio de vida olhando para ela.

– Que vento que te trouxe aqui esta hora?!

– O vento da Polícia.

– Quê!... Mas Pau de Fumo!!!...

– Fala baixo, égua! Ou então me chama de Chico.

– Não tenho jeito, nego. Só mesmo de Pau de Fumo.

– Então te cala! Meu nome de guerra não pode ser dito assim a qualquer hora. É que tenho meus problemas. A maldita da Polícia anda aí a meu encalço. Bem sabe de sobra como sou. Quando me aperto, me desaperto na primeira oportunidade. Hoje mesmo se deu que me apertei e me vi obrigado a me desapertar. E tenho certeza que a esta hora um *macaco* qualquer está à minha espera no batente da porta. O diabo é quem vai lá, que não sou burro pra apanhar duas vezes num beco. E boca de siri, que o bolso velho aqui está mas é gemendo de gordo.

– Apaga a luz!... safado. Assim os meninos acordam.

– E você ainda tem menino?!

– O peste do Pedro Tampa mandou outro dia deixar os dois que pari quando nós éramos casados. Mas já tenho quem queira eles.

- Casada você ainda é.
- Deus me livre! (Deita assim! Assim...)
- Pode que Ele a livre de outra coisa ruim. De casada é que duvido. Só rico descasa-se nesta terra, porque tem dinheiro para o tal de desquite. Pobres se separam apenas.
- Besteira... Deixe destas besteiras, nego! Nego... Nego da mamãe... Nego. Ne-e-e-go!...

Levantou-se cedo. Passou a vassoura das unhas nos cantos dos olhos para extrair as remelas. Riscou o fósforo e acordou o pavio da lamparina. Nem sequer que lhe passou pelos sentidos esperar por um quebra-jejum. Pra quê?! Café em casa de Maria Preá seria luxo.

Encafuou a mão no buraco do riscado e puxou a bolaça. Só trocado! Miúdo que nem xerém pra canário. Pouco mais de dez mangos. Ninharia que não dava sequer para pagar o susto. Muito menos a morte no Poço da Usina. (Morrer barato que nem bolo-frito assim não tinha nem graça). Barbeiro desgraçado aquele que nem ganhar dinheiro sabia. Se Maria Preá fosse que nem uma daquelas gatas da Paissandu, amancebada até com doutor de posição, dormindo em colchão de molas, não lhe deixaria um centavo. Mas Maria Preá era uma fuampa pobre. Mais que isto, apesar de até bonitinha. Sem sorte. Nunca que passou duns fiangos de tipóia, uma muda e um par de tamancos.

Como estaria, àquela hora, Genoveva com os três meninos? A mais nova com apenas dois anos. (A caçulinha do papai). Dormindo numa banda de esteira. Nua como nasceu! Sujinha e chupando o dedo. (Coisinha bonita do papai!) E Genoveva talvez sentada, com os olhos de ontem, pitando no cachimbo e pensando nele.

– (Que vida!...)

Mas se foi satisfeito. Satisfeito porque deixou cinco cruzeiros sobre o tamborete de Maria Preá. Já era alguma coisa para a mulher mais pobre da Barrinha, um dos mais pobres bairros de Teresina, capital deste pobre Piauí de sorte encolhida que nem correia no fogo.

II

Agora Pau de Fumo sentia vontade de se conformar com uma injustiça. Não era dizer que fosse qualquer coisa de sinal de covardia. Nem de leve! Força de necessidade. Dessas coisas do destino que forçam a gente fazer outra coisa sem querer. Vontade não tinha. Mas era necessário. Quando se lembrava que Genoveva era inocente!... Nada devia para estar assim pagando por ele. Além do mais, não encontrava com quem se desabafar. E raiva encausada é dor danada pra roer a consciência da gente. Daí começava a falar só. Para ele mesmo, a única pessoa capacitada para compreender aquela situação triste.

– Miséria!... Quando se paga devendo, vá lá que seja. E apesar de tudo pois, mesmo devendo, pobre não devia ser obrigado a pagar. Sem ter o com quê?! Mas, neste mundo velho, palhaço e maluco que Deus em má hora nos deu, só acontece mesmo destas pra lá. Muitos pagam por si. Alguns por outros. A maioria deve sem pagar. Os que nada devem é que são bem poucos.

Quem teria metido na cabeça daqueles cretinos que ela devia pagar por ele?! Além de tudo, apesar dos pesares, uma afronta ao sexo forte. Uma mulher pagando por um homem?...

Por isso mesmo não cansava de dizer que o melhor Delegado dali era o velho Paulino. Desafortado era. Aliás, desafortado não, que verdade não é desaforo. Desaforo é afronta, calúnia, injustiça. O que o velho Paulino era, era positivo. Descarregava uma carrada de palavrões na cara, na rosca das ventas do indivíduo. Mas só dizia a verdade. Verdade não é desaforo. Verdade é justiça. O indivíduo deve mesmo ouvir aquilo que merece. Quem planta colhe. Sim, senhor... O velho Paulino, com toda aquela sua carrada de gordura, era o único homem justiceiro na Polícia de Teresina. Bem se lembrava do dia em que Doca da Jovita espancou Zefa Traíra, sem quê nem pra quê. Aí o Major Paulino perguntou se ele tinha plantado pé de boceta.

Não havia, entretanto, depois que em tudo pensava, outro meio de saída. Só se fosse implorar ao Major Paulino. Mas seu Paulino não era daquela Delegacia. Além do mais, Genoveva não devia, mas ele, Pau de Fumo, tinha culpa no cartório. E seu Paulino era justo. E a justiça não perdoa (quem foi que disse?... Ah!... Guerra Junqueiro. Sim,... Abílio Manuel Guerra Junqueiro). Pra que diacho estudou na vida!?

Não havia outro meio de saída. Era preciso que fosse ficar em seu lugar. Ou procurar alguém pra falar por ela. (Pra quê! Quem iria dar uma palavra por Genoveva?) E já que não havia alguém que se sujeitasse ao duro sacrifício naquela terra, necessário seria ele mesmo ir. Ela nem de longe merecia tamanha injustiça. Às vezes a gente está pagando por uma coisa que não deve, entretanto merece o castigo por outro ato cometido lá atrás. Mas nem nisso ela se enquadrava. Mulher honesta. Há cinco anos juntos. Numa casinha pobre como eles. Sofrendo fome,

necessidades outras. Mas nunca que tirou o pé do risco. Nunca saltou cerca!

O Comissário de plantão, um tal de seu Eugênio, ruim que só falta de fôlego, mandou que um guarda tirasse a mulher das grades. Antes, porém, do olho-da-rua, passasse por ali com ela.

Logo Pau de Fumo foi convidado para entrar na sala. Para depois ser trancafiado. Antes, porém, deveria tomar um grande e bonito banho de palavrões – “lavagem-moral” lá no dizer deles.

– (Lavado devia ser era o rabo da mãe).

O peste de seu Eugênio escancarou aquela sua boca porca que só mesmo sentina de cadeia. Mas nem que Pau de Fumo dava assunto àquele padre-nosso de deboches vomitado em sua cara. O que se dava era que aquele amontoado de impropérios era, sem tirar nem pôr uma vírgula, o mesmo de tantas outras vezes. Lição que, infelizmente, já sabia de cor e salteado. Até que o Comissário se espoleta e grita por cima que ele, de tão safado, não dava a menor atenção àquele amontoado de palavras feias lançado em sua cara lisa. Mas dava-se que o que ele não podia era tirar os olhos de Genoveva já ali à sua frente. Que teriam feito com ela?! A ela!?... Os cabelos tão assanhados!... Genoveva não tinha os cabelos tão zangados, apesar de nem sempre possuir um pente. Nem também costumava andar tão suja, apesar de nunca passar duma muda – às vezes só um bate-enxuga. (Ora que diacho! Para que pensar em tanta besteira?... – pente, muda, bate-enxuga). O caso era o que agora se dava com ele. Ele quem ia ficar. (Mas, que teriam mesmo feito com ela?...) Aquele vestido não tinha idade de já tão em tiras. Comprado há coisa de umas três ou menos semanas. Comprado até com aquela *defesa* num saco de

cebola na Agência Brasil. (" – O Brasil é rico mas não sabe o quanto possui"). Frase besta. Aliás, confessando o próprio descaso dos homens públicos. (– Que teriam feito com Genoveva?... Um vestido de chita tão novo e já quase em tiras daquele jeito?!...)

Seu Eugênio com aquela latomia sem freios de palavras. E ele, Pau de Fumo, fazendo ouvido de mercador a tantos xingamentos. Pensando apenas em sua Veva. Como adquirir outro vestido?! Que recurso para ela não sair se mostrando aos olhos famintos e cheios de maldades dos homens da rua?! Barrinha e Palha de Arroz estavam cheias de homens depravados. Homens debochados a ponto de nada para eles existir além de mulher. E a vida de Veva, que fazia parte de sua vida, não podia entrar na vida dum patife qualquer.

E o Comissário, o Celebérrimo Eugênio de tanta fama em esmolambação, falando. A pobre coitada ali dura que nem estátua, de olhos nos pés. Só ouvindo a esmolambatologia de seu Eugênio. Sem dar sequer uma lambiscada de olhadela para Pau de Fumo. Decerto que sofrera que nem couro de pisar fumo pra torrado. Não olhava para os guardas, com raiva; não olhava para ele, com vergonha. E aquelas soveladas de pensamentos cutucando os miolos do negro. Quem teria o direito de surrar Genoveva? Nem ele que a recebeu aos pés dum padre, bem pertinho do altar-mor de Deus, para todos os efeitos. Se Veva nunca conheceu pai, qual o macho com direito de bater nela?! Nasceu sem paternidade. Sem paternidade se criou. A mãe morreu sem ter o prazer de saber quem seria o pai de Genoveva.

Como agora dar a Veva outro vestido de chita?! Na certa que com outra carreira. Com outra prisão. Outro

susto. Com sovas no espinhaço temperadas com palavras e faxinas de légua e meia.

Sim... No mínimo, iria passar ali uns três dias. No meio de todo aquele povo que nunca topou com sua cara. Almoçando, jantando e merendando nos pratos dos casseteres. (Francesismo. Galicismo puro – quebra-cabeça. Diabo! Para que estudou!?)

Agora ia ficar ali. E lá se ia Veva para o olho grande da rua. E o pior que quase nua. Com para bem a metade das carnaduras à mostra. E ia para a Barrinha. Para a Palha de Arroz. Santa Mãe de Deus!... Os dois bairros mais depravados de Teresina.

Comissário safado. Podia ao menos respeitar a cara do marido da pobre bem ali defronte. A sua cara de homem casado, de pai-de-família, de cidadão, enfim, nada tinha a ver com a condição de ladrão. Pois quando Genoveva, às pressas, fez assim a curva ao sair da porta e as ancas rebolaram as garras do vestido, o peste do Eugênio, com toda a cara cínica que o Diabo lhe deu, vai e diz:

– Vai-te, negra sem vergonha! Vira-te por aí com os machos que o teu corno vai ficar por aqui fazendo abstinência por uns três dias e quebrando jejum de braços de meus guardas.

E Pau de Fumo pensando com seus botões:

– Que tal?! Meus guardas! Como se a Polícia não fosse uma Instituição do Estado e sim uma propriedade privada sua. Cara deslavada!

Quanto à sua pessoa, se ao menos tivesse tratado por outro nome, não protestaria. Mas, corno?... Veva não era uma sem-vergonha qualquer. Somente uma diferença podia haver entre ela e outras mulheres honestas. Aliás, diferença grande. Tão grande, que nem pesada, medida

ou contada podia ser. Essa, porém, não dependia dela. Por isso mesmo, não era da conta de ninguém. Muito menos daquele Comissário safado. Se não tivera sequer a felicidade original de conhecer pai, nem tão pouco de nascer rica, a culpa não era sua. Quem teria a faculdade de escolher pai e o lugar de nascer! Lição até mesmo dada por Cristo, o maior Homem do mundo. Ele, que foi um Deus na Terra, o mais sábio dos sábios, nasceu de pais pobres e numa estrebaria. E sofreu. Sofreu para ensinar a humanidade saber sofrer com resignação e fé. E estava mais do que certo. Bem sabia Ele que o mundo haveria de estar cheio de sofrimentos e mais sofrimentos, por muitos e muitos séculos. *Seculus seculorum*. (– Diabo! Para que estudou!? Até latim!...)

Na certa que Veva ia passar fome uns três dias com os meninos, sem encontrar um filho de Deus que deles tivesse um dedo de compaixão. Mas podia ser... Ora que besteira! Encontrar filhos de Deus como?! Ele mesmo, que já ia para quase trinta anos nos couros, perambulando dia e noite por aquelas redondezas, nunca, sequer por acaso, se topou com um filho de Deus para remédio. (Teria sido mesmo por acaso que o Brasil foi descoberto? Ora descoberto! Quem descobriu o Brasil foi Colombo. Se o Brasil fica na América!... Cabral pode apenas ter chegado ao Brasil por acaso. E é o que mais parece. Sim... Somos descendentes, e por acaso, duma raça – raça não, povo – em decadência. Mas o Brasil foi descoberto por Colombo – se é que foi mesmo Colombo quem descobriu a América. De qualquer maneira, quem descobriu a América foi também o descobridor do Brasil).

Mas seria mesmo possível haver um filho de Deus naquela terra? (Ora que tolice! Para que pensar em coisas

sem futuro?! Haver, havia muito mas era corja de filhos do Diabo. Homens que amparam mulheres pobres, mas com intenções depravadas. – Filhos do Diabo!

Contudo, ia ficar satisfeito naquela espelunca. A liberdade de uma mulher, naquela hora, injustamente encarcerada, dependera da fibra dum homem. Além do mais, a mãe de seus filhos, a mulher a quem mais amava no mundo. Mas, que liberdade?! Sem pão? Contudo, já significava alguma coisa. Ia para onde os filhos, sofrer ao lado deles.

Quase que não pregou os olhos durante toda a noite. Cochilos apenas. Sentado no cimento frio. Vez por outra, vinha o peste de um guarda e atirava-lhe uma lata-d'água. Fria de doer nos ossos! Ali sentado. Vez por outra *pescando* – batendo a testa nos joelhos numa cochilada. Jamais pensara de um dia pensar em tanta coisa como pensara naquela noite nojenta de sua vida. Não por ser frio o cimento, nem por a água que o guarda lhe jogava. Não. Já estava velho de dormir sentado naquela mesma cela de chão duro, naquele mesmo frio, naqueles mesmos sofrimentos. Era só que sentia assim como Veva atravessada em suas pálpebras, assim como se pedindo uma esmola de vingança por amor de Deus. Sim... Um dia o advogado maior dos escravos pretos do Brasil dissera: “na vingança a honra não se lava”. Mas o poeta bem que podia haver se equivocado. Se ele lutara pela liberdade dos escravos, na certa que era humano. E bem se lembrava que um velho seu professor, metido a doido e latinista, só vivia dizendo, com ares de sábio: “errare humanum est”. (Aliás, metido a doido interpretando o pensamento dos imbecis. Homem culto o professor Cagliostro. Homem de manejar com seis idiomas. Culto, honesto, sincero e bom. Por isso mesmo que ia marchando para o descambar

da vida em plena pobreza. Contando apenas com a nobilitante profissão de mestre). Voltando ao poeta. Bem que ele podia ter errado. A honra é o maior dos bens que o homem (especialmente pobre) pode possuir na vida. E se a honra perdida é uma honra suja, como pode ser limpa senão pela lavagem?! E se pela vingança pode readquirir uma honra perdida, a vingança é a lavagem da honra. (Silogismo!!! Premissa maior, premissa menor e conclusão). Bem que hoje podia ser um doutor! Mas foi que só pôde estudar enquanto teve pai. Naqueles bons tempos. O pobre do velho (que Deus o tenha em bom Lugar) fechou os olhos para o mundo cedo. E lá que ficou sem amparo um estudante de futuro. Mas seria que sendo doutor também seria desumano como os tantos outros? Ora que tolice! Para que pensar em tantas coisas? Para que viajar apenas em pensamentos de vontade por aqueles caminhos de bons tempos?! Se não pôde continuar com os estudos, para que mais pensar no perdido, no sem-jeito?! Diabo! Do perdido se tira o sentido.

Plena madrugada velha madura, quando dois guardas se lhe aproximam:

– Vamos ali para esquentar o frio!

Lá nos fundos do muro. Pneu cantou que não foi brincadeira. Quase que não teve alento para se levantar depois. Mas, apanhando e pensando em casa – na mulher, nos filhos. (– A caçulinha do papai, dormindo nua numa banda de esteira).

Novamente no cimento duro. Mas sabe!... até que não estava mais com frio! Só que depois chega outro guarda e atira-lhe uma lata-d'água. Fria de doer na alma! E lá se fica, em plena madrugada, molhado que nem um pinto na chuva. Ô frio danado!

E ela tomando vulto em seus pensamentos. Genoveva. Veva... Vevinha do coração. Teria apanhado? Teria sido banhada com água fria àquelas horas? Teria varrido a cadeia? Mesmo que tivesse varrido a cadeia, não seria motivo para desonra. Foi criada varrendo casas alheias. Casas de ricos. Casas de brancos. Lavando, gomando, cozinhando, labutando enfim em tudo o quanto para os outros. Diversos patrões. Alguns de vergonha. Muitos safados. Teriam eles lhe feito alguma coisa? Não. Disto tinha certeza, salvo casos de pequenos deboches – apalpadelas, outras coisas mais avançadas. (Prostituição intelectual). (E o caso do hímen complacente?...)

Teria apanhado? Tomado banho daquele jeito? Ah! que aí a estória seria outra. Se por acaso viesse a disto ter ciência, botaria as tripas de seu Eugênio para quentarem sol. Preferia dever uma alma a S. Lázaro e viver (?) o resto da vida por trás dumas grades vendo o sol quadrado, ou no oco do mundo como um cão sem dono, a ver com os dentes na fresca quem desonrou sua Veva. Era jura sua. E jura que não quebraria por preço nenhum. O macho que caísse na esparrela de fazer qualquer ofensa a Genoveva passaria a tanga-do-bucho no afiado do gume de sua peixeira. Não era da conta de filho duma égua nenhuma ela ser casada com um homem pobre. Tão pobre que, para sustentar os filhos, se arriscava à morte no centro do Poço da Usina.

Casado sim. Só no padre. E o verdadeiro casamento do mundo é o religioso que é até para os pobres. O casamento que se faz prestando, diante dos Santos, juramento de amor conjugal, fidelidade e responsabilidade. Este sim... o casamento que Deus deixou para os cristãos. Quem casou Eva e Adão? Havia escrivão? Havia Juiz? Foi

Deus. O Padre-Eterno. E mesmo, se o casamento civil é um contrato de sociedade, o que tem pobre a ver com ele se nada tem para fazer sociedade com ninguém? Casamento civil entre pobres, mera formalidade. Apenas pedantismo social.

Tão satisfeito na noite anterior com Maria Preá naqueles seus choramingados de dengues! – Besteira boa! Nego! Nego!... da mamãe... Ne-e-e-go!... Sim, senhor! Se julgando feliz sem pensar naquele seu mundo de plena pobreza. E agora, se alguém estava àquelas mesmas horas fazendo o mesmo com sua Genoveva!?

Dali a qualquer dia sairia das grades. E Veva haveria de lhe contar tudo. Mas, se neste ponto de vista resolvesse ela a guardar segredo, temendo sérias conseqüências? Não. Contava. Tinha certeza.

Veja só que coisa! Pensar de princípio com uma raiva danada em haver ela varrido a cadeia, ou mesmo apanhado. Em ter sido presa. Quando prisão, varrido cadeia e apanhado nada seriam em relação ao que agora pensava. Seria mesmo que seu Eugênio ou qualquer guarda teve relações sexuais com sua Veva!?

Ô noite comprida! Ô noite grande e nojenta!

III

O fumo subia. Subia dos tetos, em rolo escuro e denso. Aquilo já ia para um bocado de tempo. Casas e mais casas de palha se queimando. Sem ninguém saber de onde vinha o fogo. Mistério? Não, que mistério não existe.

Todavia, de qualquer maneira, incêndios metidos a misteriosos. Quase que todo santo dia dois, ou mesmo até mais, incêndios na cidade. Sem distinção de bairro. Sem quase distinção de classe. Bem, mas os ricos nada sofriam, porque moravam em casas de telhas. Mas casas de pobres, ou mesmo de alguns metidos a ricos, tudo se ia. E até de propriedade de gente grande. Só que eles mesmos não moravam nelas. Mas sofriam o prejuízo. Só mesmo não eram atingidos os oficiais da Polícia – tanto da Militar como da Civil. Isto porque botavam soldados e guardas de plantão à noite toda.

A fumaça subia. O bairro Palha de Arroz todo se queimando duma só vez. Ia bater o recorde. Ia ser a maior de todas as fogueiras dos incêndios de Teresina. De qualquer maneira, seria uma glória, mesmo que fosse (como de fato era) uma glória triste.

Homens corriam de todos os lados. Uns saindo de casas, outros entrando em casas pegando fogo. Labaredas lambendo alto. Fumaça! Cinza! Carvão! Tudo se misturando, inclusive o povo naquela correria doida, naquela dança macabra que mais parecia um fim de mundo. Mulheres às ruas, de mãos à cabeça, gritando como loucas e se apegando com tudo quanto de Santo da Corte do Céu. E as casas se queimando. Homens correndo desatinados, entrando em casas se queimando e jogando cacarecos nas ruas. Mulheres chorando, gritando, rezando. Latomia sem termo, e o fogo subindo.

Reza de padre velho era criança, nenê de peito, para abafar o incêndio da Palha de Arroz.

Os sinos das igrejas bimbalhando a toda. Cada vez mais, mais gente chegando. Mas o povo graúdo vinha assim como se por diversão. Nada de ajuda. Não moviam uma

palha. Limitavam-se apenas em comentários, especialmente trocando idéias sobre a origem dos incêndios. E sempre com ar de riso, como se aquilo fosse divertimento, um esporte qualquer. Os sinos bimbalhando e a sirene do cine S. Luiz também de goelas escancaradas nos ares.

Era assim, quando havia qualquer incêndio. Os sinos das igrejas e a sirene do cine S. Luiz clamando nas alturas. Às vezes também as sirenes dos carros do Corpo de Bombeiros. Mas os linguarudos comentavam, à boca pequena, que os clamores das sirenes do Corpo de Bombeiros eram lágrimas de crocodilos. Pois é. O crocodilo chora mas diz que é de raiva quando não pode atracar a presa. E nem os carros do Corpo de Bombeiros choraram o incêndio da Palha de Arroz. Aconteceu que um incêndio no Porenquanto chegou primeiro. E só eram dois carros. Dois carros tanques que com suas mangueiras obravam milagre por todos os subúrbios da cidade. Verdade que às vezes chegavam tarde, atrasados e fora de hora. Mesmo assim, tinham o seu valor. Já era alguma coisa para quem vivia de coração na mão morando em casa de palha.

Muita gente dava na vida da Polícia, do Chefe. "O Piauí", jornal pequeno mas de língua de léguas e meia, editado pela Oposição que já começava a se engatinhar, chegava a dizer que o homem era vil três vezes – Vil-mar, Vilela e vil na administração. Invenção na certa do Juliano, homem de cabeça doida de sabida para arrancar repente. Já por outro lado o povo do governo dizia ao contrário. O maior Chefe de Polícia de todos os tempos nas terras do Piauí. Trabalhava até demais para terra tão pobre que, por ser pobre mesmo, nem merecia tanto. Acrescentou o Quartel da Polícia Militar, que era uma coisinha. Ficou uma beleza. Grande. Bonito e confortável. Criou o Corpo de

Bombeiros. Outros melhoramentos. Outras realizações. Além de tudo, nem em sonho tinha cabimento pensar que os incêndios partiam da Polícia, como queriam os políticos despeitados.

Já outros alegavam que o Interventor era conivente. Silenciava. E diz o velho, antigo e aceito adágio, que quem cala consente. E ele dava ouvidos de mercador. Ainda mais que contava com forças. Fechava todos os poderes nas mãos. Até o Judiciário, que para isso aposentara três Desembargadores, antes do tempo, para botar gente de sua inteira e absoluta confiança. Também o Presidente era cúmplice. Como Ditador, bem que podia meter o braço e dar um jeito.

E ainda alguns, aliás muitos, diziam que aquilo não passava de subterfúgio da Oposição. Cavalo-de-batalha para uma propaganda política de estremecer a opinião das massas. Arma escalada para uma escaramuça rumo ao Paço de Karnak.

Por outro lado opinavam outros. Os incêndios tiveram início ainda no quente da guerra. O mundo quase que todo em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim. Mas há uns dias apenas. Além do mais, antes de se resolverem os problemas que a guerra plantou, era impossível se tratar de assunto de somenos importância.

Veja só... Assunto de somenos importância. Que tal?! Durma com uma goteira destas e acorde pensando que é feliz no mundo!

As casas de palha dos subúrbios se queimando todo santo dia. E das próximas ao centro só mesmo as dos oficiais da Polícia se salvando. Também algumas de certos metidos a ricos, que aí era onde surgiam sérias

censuras a respeito. Vá lá que os oficiais contassem com vigias. Mas os outros?...

E como muitas de outros ricaços se foram logo no começo?!

E a causa?... Diziam que na certa bombas colocadas à noite. Bombas com certa capacidade térmica para com certa densidade de calor explodirem.

Muitas crianças se foram. Queimadas.

Mas, quando os incêndios tiveram início, o mundo estava em guerra. Em primeiro lugar a Pátria. O mais para depois. Talvez até que agora fosse solucionado o problema dos incêndios. Por conseguinte, na opinião dos da panela, nada de culpa tinha o Chefe de Polícia, nem o Interventor, nem tão pouco o Chefe da Nação. O culpado de tudo tinha sido mesmo o conflito mundial que não dava um dedo de tempo de sobra para os homens tratarem de coisas internas. A maldita e sangüinária Alemanha responderia por tudo aquilo e outras tantas calamidades e misérias. Havia de um dia pagar por tudo diante do Juízo Final. O Capitão Vilmar era que não tinha o menor pingão de culpa. Pelo contrário!... Homem de coração grande. Tão grande que, quando viu o povo, a pobreza se acabando nos incêndios, criou e organizou um Corpo de Bombeiros. Além do mais, a Polícia matou até gente para ver se conseguia descobrir o mistério dos incêndios. Feitosa mesmo foi um dos que contaram da estória do boi. E como um boi qualquer que se mata no mato deu o couro às varas lá nas Ilhotas. E assim se foi para o outro mundo em triste hora. Coitado! Dizem que nem era culpado de nada. Mas, na certa que havia suspeita. Motivo é motivo. Incêndio é incêndio. E justiça não perdoa.

Palha de Arroz subindo na fumaça. Palha de Arroz se indo. Também... pudera! Um subúrbio imundo bem no centro da cidade. Se ao menos noutra cidade qualquer! Mas, a Capital? Que impressão teriam do Piauí os turistas que por ali passavam?! Que sairiam pensando de nosso povo?! De nossa terra?! De nossa cultura?! De nosso progresso?! Quando acaba, diretamente prejudicado só foi mesmo quem quis. Como de sempre, o célebre bilhete do aviso-prévio amanheceu no batente da porta principal de uma das casas – aliás, da Pensão Alegre – “14 Bandas”.

– Vai hoje haver incêndio neste bairro. Quem não quiser ser prejudicado que trate, enquanto é tempo, de retirar os carecos e demais pertences.

“as) X. P. T. O.”

O fumo subindo dos tetos. Os tetos subindo nas labaredas. Um bocado de homens, parecendo doidos, atirando baús, redes, camas, tamboretes, mesas – outros teréns para fora das casas. Mulheres correndo em desatino pelas ruas, num desespero maluco – gritando, chorando, clamando, rezando. Umas com meninos taludos escanchados nos quadris, outras com recém-nascidos nos braços. Um confusão tremenda que mais parecia um fim de mundo.

Chegou seu Juliano. Jornalista de peso e medida. Só que vinha bêbado que nem um gambá. Naquela base! Pé-dentro, pé-fora. Recosta-se assim a um tronco de oitizeiro. Fumando um charuto que dançava dum ao outro canto da boca. Fechava e abria os olhos aperreado com a fumaça. Fumaça mais do incêndio que mesmo do charuto. Com cara de choro. Munido de papel e caneta. Dobrou

uma perna pra trás e palmou o pé ao tronco da árvore. Papel ao joelho. Mãos à obra. Mandou a caneta pra cima. Escrevendo ali mesmo – com fumaça, cachaça e tudo. O pé escorregava. Lá se ia seu Juliano às cambalhotas um bom pedaço de chão. Com uma meia-volta-volver, retomava posição. De novo o pé escorregava. O jornalista dizia nomes feios mas, naquela aflição, ninguém sabia o quê, nem com quem. Mais outra escorregada de pé. Outros nomes feios, inclusive que aquela merda não era pau-de-sebo para escorregar tanto.

No dia seguinte, lá se vinha no jornal “O Piauí” o maior artigo que se escreveu acerca dos incêndios de Teresina – “O Fio da Meada”. Um artigo do Juliano sobre o incêndio da Palha de Arroz. Uma bomba!

Das grades da cadeia, estava ele a observar tudo aquilo. Tudo não. Apenas parte do drama. Mas até que via mais ou menos bem a ruazinha de sua casa. Como estaria Genoveva?... Os meninos?...

As chamas baixavam. Um sinal de alívio. De esperança. Tomava um fôlego puxado. Fôlego de doente do coração quando tem qualquer alívio bom. De novo as chamas subiam. Decerto que uma casa a mais se indo. Lá se estava a sua rua! Mas ver mesmo, só via uma parte. Derreava-se nas grades, metendo um olho para ver se via a sua palhoça. Tanta casa queimada! Seria que a sua também já havia se ido?! Sua não, que era alugada. Ainda bem. Mas, os possuídos?... Quase nada também. Ao mesmo tempo muita coisa: uma rede, duas tipóias, dois tamborettes e uma mesinha de pinho. Outro cacarecos – um baú velho, alguns quilangos de roupas. E a casa? Alugada. Trinta mangos por mês. Três mensalidades atrasadas. (Era o diabo quem ia pagar!) Mas o problema era encon-

trar outra. Mesmo, já estava tão acostumado ali, naquela rua... Boa vizinhança. Todos pobres, todos iguais. Ninguém melhor que ninguém. Rua de sossego. Na realidade, o mais cheio de movimentos dos bairros pobres. Mas havia sossego de espírito. Ninguém melhor que ninguém. Não se via orgulho nem presunção. Não se via vaidade. Nem bondade. Todos iguais. Mas Genoveva?... Os meninos?... Teriam morrido?! Diabo! Por que o incêndio da Palha de Arroz deixou para vir num dia de prisão sua?! A tentação. Armada do Cafuçu das pernas tortas.

– (Por que é que tudo ruim só se bota para autoria do Diabo?!)

Coçava à cabeça. Batia a mão à testa. Fazia caretas, de punhos fechados e gesticulando. Se lá estivesse, salvaria algumas coisas a mais. Suas e de outros. Também faria uma *defesazinha*. E Genoveva?... E os meninos?... Veja só que miséria! Azar de rabo! Por apenas pouco mais de dez bagarotes. Importância de não pagar sequer o susto. Muito menos o risco à morte no Poço da Usina. (Agora que o seu fim seria mesmo no Poço?!... Pelo menos tudo o indicava).

Só por causa do apurado meado do barbeiro. (Fela da puta!) E ali preso. Toda a rua de sua casa se ardendo. E tanta gente na rua!... Tanta gente em liberdade em Teresina, no Piauí, no Brasil, no mundo! E ele ali dentro tão só. Tanta gente assistindo ao incêndio, ao drama do fogo no seu bairro, em sua rua. Na sua casa (?) Passava os olhos nas grades das celas vizinhas. Ninguém. Até os guardas, com Comissário e tudo se botaram pra lá. Uma vontade doida de gritar: Diabo! Diabo!! Diabo!!! Inferno! Inferno!! Inferno!!! Mas, gritar para quê?! Para quem ouvir? – se estava só! Solitário que nem gato de tapera.

Podia ao menos conversar para desabafar qualquer coisa. Mas, conversar com quem?! Ah!... consigo mesmo. Podia bem dizer o que lhe viesse às ventas, o que bem quisesse. Estava só. Bem que a solidão também vale alguma coisa. Muito bem! Conversar de si para si. Mãos à obra!:

– Que diacho guarda quer com um incêndio?! Quem devia estar ali era eu. Eu, que salvava algumas coisas minhas. Algumas de outros. E oportunidade para um *defesa* qualquer. *Defesa* sem perseguição de *macacos*. *Defesa* sem o risco da morte no Poço da Usina. Miséria! Por isso que o povo diz: a cuia do pobre só cai emborcada e o pão com a manteiga pra baixo. Ora que besteira!.... Quem já viu hoje pão de pobre com manteiga!? Pobre hoje já não tem nem pão! É isso mesmo. A sorte só dá toicinho a quem não tem girau. Tanta gente sem necessidade alguma de roubar pra viver, e ali fazendo e acontecendo. Merda! A sorte só dá toicinho a quem não tem girau.

Até ali pensava estar só. Mas, vai se virando, quando vê a uma cela o Dr. Silvestre rindo a valer de suas conversas. Ora que desgraça!? Um doutor... o maior médico de Teresina. Só que não apanhou calado. Abriu o baralho da esmolambação e rasgou o mapa direitinho. Esculhambação federal. Disse cobras e lagartos das autoridades. Até do Interventor, do Chefe de Polícia e do Presidente da República. Ora já se viu!... Um médico preso e apanhando! Quanto mais que o médico do Piauí depois do Dr. Izaías Coelho lá de Simplício Mendes.

Vai um pente-de-casa e cai bem em cima do espinhaço do negro Parente. Lá se vai ele em desatino. Gritando a toda. Metendo as mãos nas roupas e jogando

pavios por aonde ia passando. O povo gritando socorro. Parente correndo. Desatinado. Todo mundo naquele desespero correndo atrás do negro. E ele afinando no rumo do rio. Marcou o rumo das ventas, desceu a rampa. Atirou-se às águas. Voltou do mergulho, que na certa foi até à areia, e apontou nadando. Saiu. Já sem fogo. Mas se vendo. Se torcendo. Rolando no chão. Gritando e mais gritando de dores.

Da cadeia, Pau de Fumo ouvia bem aqueles gritos. E reconhecia que a voz era do negro Parente.

Um sujeito baixo de olhos grandes pediu que um carregador telefonasse para o hospital pedindo a ambulância. Foi quando alguém dissera que já ia para mais de ano que os telefones estavam no prego.

Nem também adiantava ir lá, porque a ambulância só vinha com pagamento adiantado – sessenta bicos de coruja.

Aí o homem pegou fogo na pataca e quase que fez um discurso. O povo fez aquela roda, e o viajante anarquizando com as autoridades. E uns guardas assim com cada pitomba de olho deste tamanho em cima dele. Foi quando um colega o chamou e saíram. Momentos depois, voltam os dois num carro de praça. Metem Parente no automóvel e se vão.

Não havia vaga para indigente. Mas aí, o viajantezinho teimoso, agoniado e valente que nem cupim-cego, achou razoável. Só um hospital para atender a todo o Piauí e grande parte do Maranhão! Então, que botassem o homem no pensionato por sua conta. Vai a enfermeira e explica:

– O Tesoureiro não está. É preciso primeiro pagar uma taxa e fazer o depósito prévio. Só mesmo com ele.

O viajante:

– Minha filha, e por causa disto o homem vai morrer à míngua?

A moça deu de ombros, como se dizendo que nada tinha a ver com o caso, dando, a seguir, uma risadinha de simpatia e comunicabilidade.

– Minha santa, o Diretor me conhece. Sou o Farias, viajante da Rhodia Brasileira. Estou na Pensão Glória. Interne o homem, que eu pago essa joça.

Pela primeira vez na vida, sem protocolo, sem formalidade, foi internado um doente na Classe A do Hospital Getúlio Vargas. E o favorecido foi o cabra mais safado da Palha de Arroz – o negro Parente.

“O Sol nasce para todos”.

Já agora o incêndio não encontrava mais casas para comer. Começou a engolir as próprias chamas. As labaredas baixando. A zoadá do povo baixando com as labaredas. As paredes de luto. Forquilhas pretas esticadas no rumo dos céus. Cena como que pedindo Justiça para aquele povo pobre que acabava de ficar aos olhos da rua. Só que ninguém compreendia as mímicas das forquilhas daquelas casas queimadas.

O povo avançou naquele ruge-ruge de curiosidade emotiva. Dois ou três guardas, entretanto, atravessaram-se na frente do povo. Mulheres soltavam gritos de lamentos histéricos.

Genoveva soltou uma gargalhada esfarelada e caiu de costas. Outras chegaram-se a ela – com álcool, cebola e alho ao nariz. Dos cantos da boca corriam dois fios de espuma.

O povo tentou entrar por entre as paredes dos restos mortais da casa. Os guardas na frente, abriram os braços para ninguém passar. E explicavam que de nada adiantava. A criança já estava morta. Que era preciso o médico-legista chegar, com autoridades outras, para o exame pericial.

Lá se estava ele – o corpo da menina. Encolhido num canto da casa. Quase coberto por um monte de cinza. E uma palha que de teimosa não se queimou, bancando grinalda na cabeceira. Um guarda cretino meneou a cabeça dizendo que ela havia se ido em bom tempo. Que se era de mais adiante viver como o pai, roubando e dando trabalho à Polícia, melhor mesmo ter-se ido logo para o Reino de Deus.

Pois é. Morreu a filha mais nova de Pau de Fumo – a negrinha cheirosa do papai – no dizer dele.

Tomou conhecimento do triste ocorrido. Sentou-se a um canto da cela, no chão. Olhou para o Dr. Silvestre, com os olhos nadando n'água, falando em tom de tristeza:

– Durma com uma goteira destas!... O senhor tem razão. São todos uns filhos...

E a voz não deu mais.

Um guarda chegou, com ares de compadecimento, perguntou-lhe se queria ir, escoltado, ver a filha pela última vez.

O Dr. Silvestre não se conteve e disse-lhe (ao guarda) uma carrada daqueles palavrões que ele bem merecia.

Depois Pau de Fumo encarou-o, com cara de reprovação, e, bem compassadamente, respondeu:

– Muito obrigado!

IV

La para muito tempo que Conceição esperava por aquela oportunidade. Só mesmo pobre pode ter tempo e paciência para esperar tanto. Para vivente de tamanhos sofrimentos, não podia haver oportunidade melhor. Casasse ou não casasse. Fosse ele casado ou não com outra. Azar!... Já estava farta de tanto padecimento. De mãos calejadas mais da palmatória do que mesmo dos serviços. Cansada de fritar nas mãos dúzias e mais dúzias de bolos da palmatória de Maria Gorda. Quase que diariamente o baião cantava. E Maria Gorda era forte. Tinha sustância nos braços. Nas mãos de Conceição não se contavam as dezenas de calos, além dos calos filhos da pedra de lavar roupas e da mão-de-pilão. Depois que seu pai casou com aquela Pata Choca, saca de merda, acabou-se o resto que de felicidade existia ainda para ela no mundo. Nem a cinema sequer tinha direito. Até parecia mais que eles se juntaram para aqueles castigos. Por qualquer besteira, lá se lhe vinha uma surra acompanhada de palavrões. A nada tinha direito. Nada apitava dentro daquela mesma casa que um dia fora de sua mãe. E o velho quase que era para bem dizer o culpado de tudo. Bem que ele tinha braço mais pesado que o de Maria Gorda. (Pata Choca!) Além de tudo, não consentira seu casamento com Zé Remador. Que vale que Zé Remador não era um veste-calças. Macho sem sobrosso de carranca de velho pai de moça metido a besta. Prometeu de um dia botar fim naqueles seus sofrimentos, – tormentos de enteada de madrasta tipo cascavel-de-quatro-ventas. (Pata Choca!)

Aquilo tudo era Conceição pensando. Pensando dentro das horas mortas da noite que eram as que lhe

davam qualquer coisa de sossego depois que sua mãe morrera. Também sonhava. Aliás, para dizer bem, sonhava até acordada. Sonhava até mesmo apanhando de Maria Gorda, porque na hora em que a palmatória velha estava cantando, mesmo chorando e gritando, tudo o quanto de sentido dela estava cravado em Zé Remador.

Via seu futuro. Numa casinha de palha, numa cidade onde não havia incêndio. Lá em Amarante. Também à beira do rio. Ouvindo, dentro da noite, madrugada velha, o apito da lancha de Zé Remador quando chegando de suas viagens.

Talvez que no mundo ninguém tivesse tido tanta esperança numa simples promessa de amor. Mas só esperou tanto porque sabia que a palavra de Zé Remador era um tiro certo.

Felizmente a hora era chegada. Todos os seus pertences arrumados numa malota de lona, – única herança que a mamãe lhe deixava por ocasião de fechar aqueles seus olhos grandes e bonitos para o mundo.

Todo o pessoal da casa dormindo. Até o velho Fabrício que tinha um sono de teu-téu de tão leve. Pois estava dormindo que nem cobra preta estirada em palha de cana. Mas, se alguém acordasse na hora da onça beber água?!... Sono pesado que nem pedra o de Maria Gorda. Mas o velho Fabrício, como pescador antigo, mesmo que nem teu-téu de sono maneiro. Na mesma hora em que roncava, quando menos se esperava, lá se estava ele de pé, pedindo o primeiro cafezinho do dia. Depois um trago de pinga, pra fechar o corpo e se botar para a pescaria.

Todos de casa dormindo. Menos ela que não pregou os olhos um segundo, contando as horas nos dedos pelas pancadas do relógio da Igreja de Nossa Senhora

das Dores. E lá se iam indo as horas sem que Zé Remador desse ao menos o menor sinal de vida. Também pudera!... Ainda não era chegado o momento do trato. Às duas da madrugada, decerto que estaria ele dando sinal no ponto. Quantos anos esperou por aquele momento?! Já nem o sabia. E se ele não viesse?... Não era possível! Apesar de não ter pessoalmente falado com ele no dia anterior, estava mais do que certa do trato. E lá se lhe vinha à lembrança certo bilhete que certo dia recebera marcando encontro. E quando chegou ao lugar determinado, topou-se mas foi com certo moleque safado, ao invés de Zé Remador, com propostas debochadas e descabidas. Por Deus que ainda era dia, e mais que um tio seu chegara no momento. Aí o peste do moleque azeitou as canelas que ziniu no mundo. E por isso ainda terminou foi levando talvez que a maior surra de sua vida. (Pata Choca!) Mas o bilhete de agora de maneira alguma podia ser falso. Desde o tal dia do logro que os dois acertaram para o único portador de bilhetes e recados entre eles ser Maria Preá. (Cafubila de carregação – Maria Preá. Mas de certa sinceridade como bem poucas pessoas). Ainda mais: inimiga sangue a fogo de Maria Gorda. (Pata Choca!)

Nunca mais que aquela saca-de-merda lhe amassaria o pé do ouvido! Ia-se sem a menor saudade. Com um alívio sem tamanho. Alívio dos bolos da palmatória. Dos palavrões. Alívio da pedra de lavar roupas, do ferro de gomar. Da vassoura, da cozinha, da lata-d'água, da mão-de-pilão. Ia para uma casinha com de um tudo preparada por seu futuro esposo. Lá em Amarante, terra de S. Gonçalo. Casinha de palha, paredes de taipa, chão batido, portas de talo de buriti. Mas seria sua. Mesa e tamboretes de pinho. Pratos e panelas de barro. Outros

teréns de gente pobre. Mas tudo seu. Tudo bem limpo, bem arrumado. E a cama?... Sono tranquilo. (Como seria uma dormida em cama com um marido de lado...?) (Como seria mesmo aquilo...?) Depois o ventre crescendo, se avolumando. O parto. (De que jeito seria mesmo o sofrimento de parir...? De que jeito seria mesmo aquele negócio de tamborete-furado...? O tal de cepo...?) Um filho. Outro. Mais outro. Outro mais. E os nomes dos meninos? – José, Pedro, Gonçalo, Conceição. Conceição não! Conceição é Maria, o nome daquela excomungada. (Pata Choca!)

O apito da lancha deu três socos na cara do silêncio. Sinal combinado no bilhete!

Lá se ia ela de mala à cabeça, descendo a rampa do rio. Zé Remador recebeu a bagagem. E os dois tomaram lugar na embarcação.

Quase que o velho Fabrício chegava a tempo. Já a lancha, porém, apoiava as águas lá no meio do rio. E o velho gritava com tudo de desespero. Nunca mais que a abençoaria. Que ela se fosse com aquele safado (lá no seu dizer) para as profundas do Inferno, para os caldeirões de Pedro Botelho. Que seiscentos mil Capirotos os levassem para os borralhos das areias-gordas das Profundas. Aquela infeliz um dia haveria de lhe pagar em dobro aquela ingratidão. Um dia haveria de vê-la na rua da amargura sem um tampo de esteira para morrer em cima.

Conceição não pôde se conter com aquela carrada de pragas que o pai lhe jogava. E lá se vinham à memória aquelas histórias de Trancoso, e mesmo histórias verdadeiras que ouvira quando menina.

Sim. Um dia foi menina. Tão feliz! Brincando de roda e cantando:

– *Ciranda, Cirandinha,
vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia-volta,
volta e meia vamos dar.*

E aquelas pragas do pai lhe faziam uma gastura horrível. Bem se lembrava que nunca teve fim tranqüilo o filho que desobedeceu ao pai.

E o velho gritando. Dizendo a toda goela que, se a filha quisesse salvação, se atirasse nas águas e morresse afogada.

E aqueles gritos, aquela maldição de pai para filha, ardiam fundo dentro da cabeça de Conceição. Seu pai. Seu pai... O rio. O rio... As águas. As águas... Morte. Morte. Morte... Salvação. Céu. Purgatório. Inferno.

Mas, para as garras da madrasta era que não voltava. Morrer afogada... Única salvação. Suas carnes matariam a fome das piranhas. Seu sangue tinturaria de vermelho as águas. Depois o esqueleto descendo rio abaixo, até entrar no mar. (De que jeito seria mesmo o mar...?)

Marchou para se atirar às águas. Foi quando Zé Remador atracou-se com tudo em sua cintura.

Conceição gritava que precisava de morrer. Morrer para se ver livre do mundo, de Maria Gorda. Para a salvação.

E Zé Remador pedindo e rogando para ela não fazer aquela besteira. Aquele era que seria o seu passo certo. Viver com ele. Era muito homem para garantir sua felicidade.

E o velho Fabrício dando corda na goela dentro da noite. Gritando e mais gritando no maior dos desesperos. E o pior era que amaldiçoando a filha até a quinta geração.

Com todo aquele movimento, Conceição se lembrando daquelas palavras que a velha Maria Sapatão gostava de dizer:

– Praga de pai pega que nem gripe espanhola.

A lancha deslizando, apoiando as águas no meio do rio, apitando, apitando... com Zé Remador atracado na cintura de Conceição que era todo o seu amor naquela vida de homem pobre.

Assim se foram, para um novo destino, aquelas duas almas que se amavam loucamente.

V

Muita gente aglomerada na rampa do cais. Um povão se imprensando, empurrando uns aos outros. Para verem os meninos. Alguns pela última, outros pela primeira e última vez também. Dois irmãos. Gêmeos até. Juntos se geraram. Juntos nasceram e se criaram. E agora juntos morreram nas águas do rio. Estavam decerto lá no fundo da correnteza. Olhos vidrados. Barrigas grandes. Morreram afogados.

Parente e Pedro Tampa mergulhando. Mas subindo de mãos abanando. Não era possível!... Como não encontravam os meninos!? Os dois melhores mergulhadores daquelas águas. Por sinal, tornou-se até por demais conhecida certa pilhéria do negro Parente neste sentido. Hospedara-se certa vez numa pensão que ficava assim perto do cabaré Cai-n'água. Naqueles tempos, em plena Ditadura e também em plena Guerra, toda e qualquer futrica de rancharia tinha que mandar ficha do hóspede para a Polícia. Vai que o peste do negro, naqueles seus

deboches, manda (que não sabia nem ferrar o nome) escrever na dele – profissão: pescador de defuntos. Tão logo um guarda bateu e lá se vai com o negro encanado. Lá então é que ele explica ao Comissário o porquê da estória. Era que estava vivendo de procurar mortos no rio.

O povo comentava com pena a morte dos gêmeos. Vai e sai Teresa Caga-no-Caneco, com aquelas suas conversas de doida, dizendo, quase gritando:

— Muito melhor morrer afogado do que queimado!

Um guarda quis levá-la para o xilindró. Foi que Juliano pediu que não fizesse aquilo. Teresa Caga-no-Caneco era louca. Não sabia o que dizia. Não tinha o uso da razão.

Para umas duas garrafas de cana os dois já tinham, como se diz, metido na pessoa. Sem efeito. Sem resultado. Dava até para quem conhecia os dois de perto ficar na dúvida se havia ou não morrido alguém afogado ali. Tanto que uma pessoa dissera capaz ser mentira daquela negra. Não era possível!... Parente, lavando a alma com tanta cachaça, nunca que encontrou afogado que inchasse em suas alçadas. Ainda mais com Pedro Tampa ali de lado que era outro mergulhador de primeira.

O povo esperando, naquela aglomeração. E cada vez mais gente chegando. Os negros mergulhando. Só descendo e voltando de mãos abanando.

Até que de certo mergulho Pedro Tampa não voltou mais. Um minuto. Dois. Três. Nada! E o povo esperando. Tão grande o mergulho, que acertou com a porta do outro mundo. Provável que se enganchou no casco daquela lancha velha encostada ali na ribanceira. Foi quando o velho Fabrício passou a brejeira para um canto da boca pra melhor desocupar a língua e foi dizendo:

– Não se meta mais, Parente! Esta peste é amaldiçoada desde o dia que carregou minha filha. Na certa que Pedro Tampa está aí debaixo. E se você se meter, vai terminar morrendo também. Não se meta!

Mas o negro pilheria. Diz que aquilo não é nada de novidade. Que Pedro Tampa significa apenas um freguês a mais. E acrescenta que a feira do dia seguinte está no papo. E grita:

– Mais um!!! e mergulha de ponta.

Lá se vem chegando Maria Preá. Um pé no tamanco, o outro descalço. Cabelos desalinhados. Vestido surrado, mas até que bem limpo. Mulher bonita, para ser quem era. Chega e diz com prazer que paga bem pago. Paga ao negro Parente, contanto que quer ver a cara do sem-vergonha do Pedro Tampa de olhos vidrados. A cara daquele desavergonhado que um dia a deixara ao olho da rua, na maior das misérias, com um filho para criar e a barriga no pé da goela nas vésperas de outro.

Todo mundo correu pra cima pra ver o defunto mais de perto. Só Pau de Fumo não foi besta pra perder tempo com uma coisa já na casa do sem jeito. Saltou o balcão da garapeira de seu Tote e raspou a gaveta. Ficou limpa como Deus quer as almas!

Um estudante bateu com o pé no defunto assim ainda em folha e, meneando com a cabeça:

– Talvez que a medicina daqui a cem anos salve um defunto nestas condições – morto de fresco, em plena saúde.

Maria Preá olhou-o, com um muxoxo na ponta da língua, e saiu resmungando aborrecida:

– Daqui a cem anos a medicina deve mas estar matando os safados como ele e você. Amarelo enxerido. Fela da puta!

Vai Parente e grita agastado:

– Volta, quenga! Me dá dez bagarotes, ou eu jogo este peste no rio!

Mas o que ela respondeu foi que já o jogava tarde. Melhor, que por arte do Diabo podia aquele peste ainda estar vivo. O que queria ver já tinha visto. Pronto! Azar!...

Aí o negro Parente pegou fogo na pataca. Agarrou uma pedra e foi gritando em desatino que ou o dinheiro ou a vida com a cabeça em duas bandas. Graças que Pau de Fumo chegou na hora. Puxou um pelaga de vinte e pediu o troco. Aí Parente falou brando, e já em tom de gracejo:

– Onde já se viu gente pobre ter dinheiro pra troco, seu *fela* da mãe!

Pau de Fumo:

– Está certo. Mais tem Deus para me dar. E tudo que Ele me der eu divido com os pobres de minha terra. Bem sei o que pobre sofre, especialmente pobre da Palha de Arroz, Barrinha, Curral-das-Éguas, Cai-n'Água, Balança-Cu, Quatorze Bandas...

Maria Preá instando com ele para se retirarem. E Pau de Fumo teimando pra não ir. Bêbado. Pé-dentro, pé-fora. Palavrões por cima de palavrões:

– Polícia cúfula! Pedro Tampa filho duma sendeira rota! Que se vá para os quintos dos caldeirões do Inferno!

E Maria Preá lutando para retirar o homem.

– Não vou. Sei que estou bêbado, mas sei o que estou dizendo. Quando me lembro que fui o primeiro aluno do Diocesano...! E hoje viver nesta miséria...! Mas estou de peito lavado. Pedro Tampa esticou as canelas. Aquele cretino que te deixou no meio da rua com um bucho no pé da goela e um filho pequeno, que me prendeu por duas vezes quando por infelicidade foi guarda-civil. Vai, miséria! Vai

para as areias-gordas, para os espetos dos Caifazes! Vou não! Não vou! Deixe que esta Polícia cretina me prenda! Olhe aqui a garrafa! Eu quero é beber. Quero lavar a alma. Não vou!

Até que Maria Preá conseguiu retirar o negro antes que os policiais percebessem aquela esmolambação federal.

Depois Parente pescou os meninos. A lavandeira não tinha dinheiro para pagar o trabalho do negro. Lá se vai ele se agastando outra vez:

– Quem trabalha de graça é relógio, minha dona. Quem pariu Mateus que o embale. Ou a senhora me paga, ou eu jogo já estes malacafentos no rio. Quem tem filho barbado é gato e camarão.

Vem chegando um guarda e entra na estória. E foi logo garantindo à mulher que os filhos ela levaria para casa, desse no que desse; doesse em quem doesse. Então Parente se espoletou. Que ele, guarda, tivesse santa paciência. Podia mandar lá no seu serviço policial. No trabalho dele, não. Assim seria o dono do cavalo andar na garupa.

E lá se vai a confusão. Foi quando Pau de Fumo lá se vinha vindo voltando. Bêbado que nem um gambá! Quase arrastando Maria Preá que segurava em seu braço. Foi chegando e entrando na conversa:

– Fica com aquele troco e pega mais cinco. Este negro safado é que nem urubu – só vive à custa das misérias dos outros. E estes dois moleques bem que se foram a tempo. Pobre só é feliz quando morre ainda anjo. Além do mais, se não fossem eles, Pedro Tampa não teria viajado hoje para a casa do Diabo.

Aí Parente falou, mas falou brando, já com a nota na mão:

– Pois é. Vivo de pescar defunto. Mas não vivo de gavetas dos outros. O Parnaíba é meu balcão e freguês. E sempre que nele encontro minhas mercadorias. E presto serviço ao povo. Se não fosse eu, dezenas e mais dezenas de cristãos não seriam enterradas no cemitério. Posso ser ruim, mas não sou ladrão. Ouviu?!

Lá se vai Pau de Fumo se retirando:

– Vamo-nos, Preazinha do coração do papai! Este negro é burro. Só não anda de quatro pés com medo de pagar imposto. Analfabeto de pai, mãe e vizinhança. Ignorante de ida e volta, pelo direito e pelo avesso. Conhece o **V** porque parece com um cambito, e só faz um **O** quando se senta nu na areia ou num monte de goma. Não sabe nem o que é presente ou futuro, quanto mais condicional. Vamo-nos, que a noite hoje vai ser nossa. Vamos virar bichos por estas bibocas.

E Parente:

– Pode ir. Pagou o meu trabalho, é o quanto basta. Pouco, mas vale. Quase nada, que dinheiro de pobre não bota ninguém pra frente.

– Nada bota pobre pra frente nesta terra. Por isto é que eu digo: juízo de negro é nos solados dos pés. Na minha impressão, negro tem é uma *polista* seca na cabeça.

– Tem. Tem coisa nesta terra que bota pobre pra frente – topada e empurrão de soldado. E você falar de negro é mesmo que o sujo falando do mal-lavado e o roto do esfarrapado. Macaco, olha teu rabo!

– Negro, não. Sou mestiço. Miscigenação. Caldeamento de raças. Brasileiro legítimo. Sangue de índio – nativo puro; sangue de português – colonizador; sangue de africano. Vamo-nos, Preazinha! A noite hoje é nossa.

Lá se vem aproximando o velho Fabrício. Também queria ver os defuntos. Também queria ter aquele prazer triste de ver as caras dos mortos. E quase que ia era virando o feitiço por cima do feiteiro. Por um triz de nada os outros não viram outro defunto à sua custa. O velho que sentiu o sangue fugir das veias. Chega ficou amarelo que nem uma flor de algodão. Avançou pra Zé Remador com mil espalhafatos. Zé Remador arrancou uma faca do tamanho duma semana. E o negro Parente, bêbado que nem uma cabaca, debochou alto:

- Mata e joga no rio, que é mais um freguês pra o papaizinho! Estou mesmo mas é piançando pra engordar a feira que ainda está magra. Dois mais um, três. Três com mais um, quatro. Mata e joga no rio, que eu vou pescar este peste.

Mas aí olhou pra Pedro Tampa e começou a se lamentar por haver perdido um grande colega de profissão.

Já duas redes esticadas em varas para condução dos defuntos. Mas logo chegou uma patrulha da Guarda-Civil e deu o grampo. Era necessário que primeiro o médico-legista passasse a vista nos corpos.

Parente não gostou da estória. Ora só que diacho!... Que ainda queriam ver com aqueles pobres e coitados cadáveres!? Além do mais, só depois de tudo pronto que chegavam. Cambada!... que ganha dinheiro do governo só pra amolar o povo. Até que o negro falou baixo. Mas um guarda de ouvidos amolados e cumpridor de seus deveres mandou-o calar-se, se quisesse passar bem. Do contrário, seria encanado. Dormiria nas grades, além de ter de ser ungido e sacramentado.

Aí o negro se espoletou. Endoidou dentro dos parnos, como se diz (que aliás estava até só de calção). E gritou no maior espalhafato:

– Filhos duma égua! Filhos duma puta!

E jogou-se no rio e mandou o braço naquele seu jeitão bonito de nadar com perfeição. Lá do outro lado, palmou as mãos aos cantos da boca e gritou:

– Safados! Venham me prender aqui na República dos Estados Unidos do Maranhão! Cornos! Cornos de biqueira!

Uma luta para encontrarem o doutor. Estava jogando bilhar no Café Avenida. Aborreceu-se. E com razão. O diacho dum povo que anda atrás da morte como se duma coisa de vantagem.

Finalmente, resmungando como de sempre, lá se vai o médico cumprir com seu dever.

Resmungando ainda, desceu do carro. Foi se aproximando do local. E o povo foi-se afastando, com ares de cortesia, respeito e bajulação, para o doutor passar. Quase todo mundo olhando para ele com aquele riso impaludado dos adúladores e puxa-sacos. E ele sério. Todo imponente. Com uma carranca de quem mordeu Cristo. Chegou. Olhou para os três mortos. Puxou uma caderneta do bolso. Tomou uns ligeiros apontamentos. Pronto! Deu permissão para fazerem o que bem entendessem dos corpos.

Um guarda de idade avançada, que até tinha assim uma fisionomia de prostituta velha encostada, olhou para os corpos dos meninos e disse que se tinham ido em bom tempo. E arrematou:

– Pedro Tampa Velho está com cara de quem comeu e não gostou.

Alguns dos presentes riram, em tom de agrado. Aí o peste foi saindo, todo imponente, acendendo um cigarro.

Vai o Comissário Eugênio, naquele seu jeitão de todo metido a sabido, e diz por aqui:

– Agora eu parodio não me lembro quem: Proveras aos Deuses que todos os rios dessem destes frutos.

A assistência deu um risozinho amarelo, com um pouco também de tristeza e pena.

E Eugênio acrescentou:

– Pois é. Foi um grande filósofo que até era oficial do Exército ou da Polícia Civil de Napoleão Bonaparte. Com uma mulher que morreu enforcada. Me lembro até que foi num Almanaque de Bristol que li.

O povo foi se debandando. O Sol ia-se escondendo, vermelho que só ele, lá por detrás das serras do Maranhão.

As duas redes – uma com os dois meninos e outra com Pedro Tampa – tomaram seus rumos.

Lá do outro lado do rio, o negro Parente gritou:

– Orai por eles!

VI

Já ia para três anos, ou mais qualquer coisa, que as lâmpadas feriam. Mas até que as ruas estavam claras naquela noite. Era uma Lua bonita!... Palha de Arroz, tranqüila, parecia um arraial antigo dentro da madrugada. Lá no meio do céu, redonda e bonita, a Lua parecia um disco. Um disco cantando uma canção. Uma canção que poetas não escreveram nem músicos compuseram. Canção de luar de lua cheia por cima duma capital sem luz elétrica. Do tamanho mesmo da lua cheia em pleno e bruto sertão bravio. Daí aqueles pensamentos dançando nos corredores da cabeça do negro Pau de Fumo. Uma canção de luar com a mesma poesia de paragem que nunca sequer ao menos alguém sonhou com eletricidade.

Madrugada madura. Palha de Arroz tranqüila mesma, serena. Calma. Dava-se que o movimento agora estava passando uns dias lá no outro lado do rio – bem ali em Timon.

Canoeiros atravessando o pessoal para o festejo. Novenas de S. José. Outrora a cidade se chamava S. José das Flores. Mais conhecida mesmo só por Flores, nome que aliás o povo ainda chamava mesmo depois de mudar o nome para Timon.

Novenas de S. José. Animação grossa e pesada. Bancas de bebidas, de bolos, frutas e comedorias outras. Bancas de jogos – bozó, roleta, baralho, loteria, barbas-da-velha... *Carrousel*. Numa barraca de lona, uma menina com cabeça de gente e corpo de cobra. Truque bem-feito. Controle de lâminas. E um sujeito à porta da empanada gritando em propaganda, dizendo que a moça virara cobra porque xingara a mãe. (Até um indivíduo disse: mãe dela! E o sujeito respondeu em tom de mofa: e de quem o cidadão queria que fosse?!) Outro sujeito puxando numa sanfonazinha rouca. O povo comprando bilhete e entrando na portinha da barraca pra ver a moça-serpente.

Animação. Namorados de braços dados no meio daquele povão. Liberdade à vontade – até mesmo quase no patamar da igreja. Gente de todas as classes, de todos os tipos, de todos os quilates, de toda natureza. De todas as camadas – da fina, da intermediária, da baixa. Aquilo sim!... era que era liberdade. Delegado, Prefeito e demais autoridades da cidade fechavam os olhos a tudo. Lá por longe – por detrás da igreja, pelas encostas do mato – casais e mais casais palestrando à vontade. Trocando promessas, beijos, abraços, amores... E a amplificadora velha de goela aberta no mundo. Gravações

acompanhadas de oferecimentos amorosos. Só lá para meia-noite parava. E às vezes ia qualquer coisa além de zero-hora – a pedido de um alguém que oferecia gravações a outro alguém com muito amor e carinho. Bonito o prefixo de início e encerramento do programa da amplificadora:

– Esta é a Voz da Liberdade cruzando o ar com sua potência noturna, a voz mais potente da cidade. O Brasil espera que cada um cumpra seu dever. Quem for brasileiro que me siga. Não se esqueçam que as crianças de hoje serão os homens de amanhã. Tudo pelo engrandecimento do rádio maranhense e piauiense; tudo por um Brasil melhor. Nosso lema foi, é e sempre será: Deus, Amor, Pátria e Família. Com tristeza e alegria a vida continua. Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa-vontade. Mais uma vez boa-noite, e até amanhã, se Deus nos permitir.

Ao encerrar o programa da amplificadora, já se sabia: a novena.

A igreja tinindo de gente. O patamar repleto. E gente também espalhada por aqueles arredores, mesmo porque a igreja não comportava aquele povão todo.

O Padre Tomás Donota pregando. Mas com o pecado do povo ninguém pode. Enquanto uns rezando, outros bebendo, outros jogando, outros namorando. E quem sabe quantos com os olhos nos Santos, rosário às mãos e sentidos noutras coisas!

Beatas pelo patamar distribuindo prêmios. Angariando donativos para a Paróquia. Umas com rol de rifas, bingos. Outras pregando laços de fita e cartões com dizeres nas lapelas dos paletós dos homens e recebendo a contribuição. Dizeres por vezes interessantes – meu coração

te fala; se amar for pecado, eu sou pecadora; por ti darei a vida; boca que não merece beijo, pimenta nela; por ti eu perco a cabeça;... E a recompensa caindo.

Diante dos Santos, do altar-mor, o vigário explicou para o povo que era nulo certo casamento realizado em Amarante. E amaldiçoou os nubentes até a quinta geração, – excomunhão maior. Zé Remador era casado com outra. Deixava a mulher que recebera aos pés de Deus, aí no olho do mundo, com dois filhos pequenos nas costas. Raptara uma pobre moça e, com um batistério falso, arranjado com um sacristão numa cidade qualquer do sul do Estado, bisou o casamento. Três pessoas estavam a caminho do Inferno naquele momento: Zé Remador, Conceição e o sacristão que pelo vil metal negociara a consciência da Santa Igreja. Ele não estava casado com ela, porque já era casado com outra. Ela não podia casar com outro, porque casou com Zé Remador, ainda mais sabendo que ele já era casado.

Pau de Fumo teve uma vontade maluca de perguntar ao padre, ali mesmo na igreja, na presença de todo aquele poviléu, o que então significava um casamento nulo. Por duas ou três vezes ia abrindo a boca para tal pergunta. Mas não teve coragem. Muita gente... E tinha certeza que, além de Parente e Maria Preá (seus únicos amigos de verdade ali), ninguém iria gostar daquela sua atitude. Ia na certa todo mundo ficar ao lado do padre. Talvez que se desse até um atrito qualquer. Também na certa que o padre iria amaldiçoá-lo. E maldição de padre pega que só praga de vó. Ficou mesmo só remoendo aquele negócio de amaldiçoado até a quinta geração:

– (Filhos, netos, bisnetos, trinnetos, tetranetos. Arre diacho!... Maldição para mais de um século).

Talvez que ali, além dele, pouca gente soubesse o que fosse geração. (Geração, descendentes em linha reta). Talvez que ali não chegasse a meia dúzia de pessoas que soubessem que tetra é prefixo grego e significa quatro. Tanto que chamam é tataraneto.

Diacho!... Até de grego entendia alguma coisa sem ter ao menos o ginásio completo. E viver naquela miséria que vivia!

– (Merda! Para que estudei!?)

O velho Fabrício aterrou os pés doido de alegria. Saiu zinindo, peitando até mesmo em bancas no largo da matriz. Estava agora vingado daquela filha maldita. E foi logo reunindo uns camaradas e caindo na farra. E bebia com gosto, no seu dizer: de satisfeito, cheio, porque estava comemorando a maldição da filha.

Já bem bebaço, perto de a barra-do-dia quebrar, o velho Fabrício pegou uma canoa e rumou para Teresina.

Lá se ia ele, no meio das águas, gritando desesperado. Estava satisfeito. De peito lavado de ponta a ponta. Até que enfim aquela filha maldita acabava de lhe pagar a ingratidão que lhe fizera.

E dava vivas a Deus e ao padre Tomás Donato.

VII

Um cachorrão de raça latia lá nos fundos do quintal. Depois calou-se. Ficou naquele namoro grudado com a cachorrinha (vira-lata mas bonita que só ela) que Pau de Fumo levava de propósito. E pra ver como são as coisas! Filho da dita cadelinha com aquele policialzão do Desembargador Deoclécio. Fruto de outra infuca daquelas.

Barrigada de três. Por felicidade, todos machos, que até lhe deram uma boa renda em dinheiro. Dois coelhos de uma só cajadada. Operou na casa do Desembargador Deoclécio. Defesa favorável. Seis galinhas. E, por gauchada, deixou ao pescoço do galo velho, pai-do-poleiro, um cartão com os seguintes dizeres:

– Fica este, que quem gosta de macho é a roda do trem.

Interessante... Meses depois, o cachorro do desembargador morreu e ele lhe comprou um dos ditos cachorrinhos por cem bagarotes.

Podia deixar de roubar e viver de criar cachorros. Mas o diacho era só que os compradores só queriam os machos. Depois lá se estava com umas cem cachorras em casa. Onde encontrar o com que dar de-comer a elas?!

Pois bem. A porta apenas cerrada. Tudo silente dentro do *bungalow*. O negro entrou, pé ante pé. Já à porta da alcova, parou. Um candeeiro em cima dum criado-mudo. Luz baixa. Mas bem que se enxergava bem. Um corpo de mulher estirado numa cama. Uma maravilha de cama. Aliás, a mulher mais bonita que a cama. Mas as duas se completavam formando uma beleza apetitosa. Nunca seus olhos beberam tanta boniteza! Parecia uma coisa encantada. Parecia, parecia, parecia,... não sabia nem dizer o quê. Parecia uma estátua, uma deusa. Talvez que dentre todas as fadas de histórias de Trancoso que rondaram seus pensamentos de menino, nem uma chegasse ao menos aos pés daquela na beleza.

– (Diabo!... Também fui criança. Também fui inocente e mimado. Hoje o quê?...)

E a cachorrinha, a sua Guabiraba, lá nos fundos do quintal, nos extremos do amor com o filhão bonito e bem

tratado. E ele ali, vendo com os olhos e comendo com a testa. Só olhando toda aquela beleza de mulher. Nada de fada, nem de deusa, nem de estátua; coisa nenhuma!... além duma mulher. Só de chambre! Chambre fino que mesmo naquela luz embaçada viam-se os ensombrados das vergonhas. Que seios! Parecia até que aqueles orifícios das rendas do colo do chambre tinham sido beliscões daqueles dois pássaros sem pena de biquinhos rubros. O corpo como se feito em forma de violão. E branco!

E o negro ali em pé. Sem se mexer. Abismado. Com um mundo de pensamentos na cachola:

- (Violão de carne. Dormindo uma canção de carne e osso. Guabiraba amando no quintal...)

Para bem meia hora Pau de Fumo passou ali em pé. Sem querer de leve se mover. Só bebendo aquela beleza maluca de mulher branca.

Pela primeira vez na vida, sem que alguém o enxotasse, aquele negro saía duma casa às caladas da noite de mãos abanando. E por atentação do Capioto, quando foi saindo, viu assim perto do portão Guabiraba nos desconsolos dos amores com o cachorrão de raça.

De tudo que viu só uma coisa desejou, ao menos por uns minutos. Mesmo que depois a Polícia chegasse. E, se pudesse, correr com ela nos braços. Morrer no Poço da Usina com uma jóia daquelas, pagava a pena. Morte sublime. Gloriosa. Poética até. Dentro dum poço, no centro da terra. Longe dos homens. Longe da Polícia. Com uma deusa nos braços, quebrando seus ossos, mordendo seus seios.

Não podia compreender como um homem deixava em casa uma mulher daquelas (branca, bonita e limpa) para procurar uma catraia feia, sem-vergonha, depravada,

nojenta e vagabunda. Na certa que o dr. Leovigildo era um doente. Lá se estava ele numa mesa do Cai-n'Água, com uma rameira cerosa, magra, de cabelos oxigenados. (Loira à força). Depravada. Com as pernas em cima duma cadeira. Roupas levantadas e as coxas e tudo o mais aparecendo. Os dois tomando cerveja. E com mil safadezas de deboches. Ele naquela satisfação como se nunca tivesse conhecido mulher na vida.

– (Miserável!)

Agora lá se ia indo Pau de Fumo no rumo de casa. Pensando. Madrugada velha. Ruas quietas. Luar até claro. Silêncio. E ele se indo desconsolado. Lá na ponta da rua uma mulher gesticulando e dizendo asneiras. Quando um indivíduo qualquer gritou:

– Peixe Podre!

Foi logo que ela respondeu por cima:

– Peixe Podre é a puta que o pariu!

Era ela. A sua Vevinha querida. Nunca mais que teve sossego. Todo o tempo como se vendo a filha queimada, encolhida num canto de paredes com as mãozinhas no rosto. E ela, a mãe da menina, seguia o seu destino de louca – falando só, gritando, rindo, chorando, cantando. E vez por outra com aquela cantiguinha de toada sentida de penosa:

– *Zefinha morreu.*

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

Um violão soluçava numa esquina. Serenata. Uma voz grossa, cheia e bem entoada, cantando uma daquelas

modinhas bonitas dos tempos idos – a “Casa Branca da Serra”. Depois “Emília”. “O Talento e a Formosura”. “O Luar do Sertão”. Outras. Um saudosista qualquer.

E Pau de Fumo ali parado. Só ouvindo a beleza daquelas modinhas que nunca morrem.

*– Era uma vez, num castelo encantado,
uma princesa que o destino escravizou.*

.....

Mas aos ouvidos de Genoveva só chegava uma voz. Tanto a voz do violão como a do seresteiro repetia aquela mesma cantiga sua. E a doida pulava, desatinada e gritando:

– Esta cambada sem-vergonha só sabe cantar o que a gente canta! Esta cantiga é minha. Sou a mãe de Zefinha. Zefinha que morreu queimada no incêndio da Palha de Arroz.

E saiu caminhando.

Lá se iam os dois. Ela na frente, ele atrás.

Já à margem do rio, a doida sentou-se. Ficou ali de cabeça baixa. Mãos às fronteiras. Parecendo meditar alguma coisa. De repente, saltou bem acolá e saiu gritando à toda goela:

– Rio miserável! Rio maldito! Com tanta água e não teve coragem de apagar o incêndio da Palha de Arroz! Rio de todos os Diabos! Por que tuas águas não cantam outra cantiga? Por que não outra coisa?... Era minha filha. Não era tua. Rio maldito! Rio Cão!!!

– Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

Então Pau de Fumo resolveu falar para ela, convidando-a para irem para casa. Pra quê?... Quase que lhe quebrou a cabeça com uma bruta pedra. Que queria ele com sua vida àquela hora?! Que a deixasse na Santa Paz de Deus. Ali mesmo que estava bom. Queria mas só cantar. Cantando era que se sentia bem – sem dores, sem fome, sem tristeza, sem saudade. Ele que se fosse para onde bem quisesse, entendesse e achasse melhor. Que bancasse o solteiro, que pouco estava ela ligando. Que se fosse para o Quatorze-Bandas, para o Cai-n'Água, para o Curral-das-Éguas. Fosse atrás de Maria Preá, daquela gata safada. Não precisava de sua companhia. Nem de macho nenhum. De ninguém. Queria mesmo ficar só com a filha. Lá se estava Zefinha ali diante dela! Tão bonita!... Cheirosinha da mamãe. Um anjinho inocente que da terra não levaria sequer o pecado do luxo, quanto mais o pecado da carne e os de outras maldades sem termo que vivem aí atosigando todo mundo. Lá se estava ela ali diante de seus olhos! Vestida numa mortalha de cinza e duas asinhas e uma grinalda de palhas de coco. Coisinha da mamãe! Queria mesmo ficar só. Ele, Pau de Fumo, que se fosse atrás de Maria Preá ou mesmo de qualquer outra cutruvia sem-vergonha. Queria mas era andar só, vendo Zefinha.

– Tão bonitinha!... Coisinha linda da mamãe cheirar!...

– *Zefinha morreu.*

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

VIII

A cada dia, Parente sentia necessidade de deixar de pescar defuntos. Profissão miserável. Só mesmo procurando outro meio de vida. Do contrário, morreria até de fome. O dr. Leovigildo bem que tinha razão:

– Um homem morrer de fome num país rico como este é o maior escândalo econômico.

Que diacho seria escândalo econômico?! Bem, isto não lhe interessava nem de leve. O que lhe interessava mesmo era um meio de ganhar dinheiro. Outra coisa, porém, com perfeição, não sabia fazer além de nadar e mergulhar naquele rio velho. Parecia mesmo que só para aquilo e para mais nada nasceu. Trabalhar que nem burro em serviço pesado, para ganhar tostão furado, era que não ia, que não era nem qualquer *fela* da puta. Nem mamou em carreira de peitos.

E ficava horas a fio a pensar:

– (Nasci para mergulhar. Diz que gato tem sete fôlegos e mulher tem fôlegos por sete gatos. E eu?... Na certa que fôlegos por sete mulheres).

Contou nos dedos das mãos, com os dos pés, de ida e volta, pra saber quantos fôlegos tinha. Errou a conta. E tantas vezes contasse como tantas errava. Foi quando se lembrou que Pau de Fumo tirava contas daquelas. Ia deixar a profissão – era verdade. Antes, porém, queria ao menos sair sabendo com quantos fôlegos contava.

Não tinha papel na hora. Muito menos lápis. Mas, ali mesmo Pau de Fumo se acocorou. Passou as mãos na areia e foi fazendo as multiplicações com o indicador:

– Trezentos e quarenta e três fôlegos, negro velho filho duma dos pés redondos. Quase um fôlego para cada dia do ano! Sete elevado ao cubo!

E Parente saiu todo cheio de si, de tanta satisfação. Ia deixar a profissão, mas podia dizer o seu relaxo de fôlegos e explicar com quantos fôlegos contava:

– Trezentos e quarenta e três!

Quase seco o Parnaíba. Diminuindo a barriga. Não tinha pois, necessidade de comer tanta gente. Com a barriga do rio também diminuía a barriga do negro Parente:

– Bem parecida a minha sorte com a sorte do Parnaíba. Também com a do cemitério S. José. Somos assim como sócios. O rio come vidas de gente. Eu como o dinheiro das vidas que o rio comeu. E o cemitério come os defuntos das mesmas vidas que o rio comeu e eu comi o dinheiro.

Pau de Fumo, a respeito, dizia uma coisa interessante. E explicava que aquilo se chamava proporção. Bem seis meses Parente passara quebrando cabeça para aprender aqueles dizeres. Até que decorou o tal relambório:

– A barriga de Parente está para a barriga do Parnaíba, assim como os mortos afogados do Parnaíba estão para o cemitério.

Acontecia que o rio a cada verão ia diminuindo. Talvez fosse até começo da profecia de certo sujeito da boca-de-praga que Pau de Fumo sempre falava nele. Não se recordava do nome todo, mas era um tal de Geógrafo de tal. Pois bem. Pau de Fumo contava que esse tal de seu Geógrafo dissera que um dia ainda ia dar de se atravessar a pé de Teresina a Timon.

Era necessário procurar outro meio de vida, que aquele mesmo já estava mais parecendo meio de morte. Procuraria outro gancho pelo menos durante o verão. Mas se dava que não tinha um pingão de queda para outro serviço. Sua única embocadura era mesmo aquela.

Parente agora levava a vida a perambular por aquelas quebradas. Pra cima e pra baixo, pela margem do rio. Nem um freguês pra assinar o ponto! Chega os olhos do negro se cansavam de tanto procurar uma daquelas aglomerações. Uma aglomeração daquelas que, mesmo de longe, já sabia de que se tratava.

Certo dia, se queixava para Pau de Fumo:

– Miséria de rabo, negro velho. Vivo de cara pra cima, comendo vento, como se diz, sem ter o que fazer. Já meu filho está pra bem dizer nu. É bem triste a minha situação. E o pior é que ninguém vê a minha miséria.

– Vê, Parente. Ninguém faz é sentir a sua miséria.

– Pois vá lá que seja. Ninguém sente a minha desgraça. É a mesma coisa.

– A mesma coisa, não. Pior. Pior, porque sinal de desengano. Se fosse só não ver, a gente ainda tinha qualquer coisa de sinal de esperança. Também pudera!... Os ricos, que nunca sofreram na vida, não sentem o quanto dói o sofrimento alheio. E os pobres, que jeito podem dar às nossas misérias?! Sofrem dos mesmos males. Paciência... Paciência, negro velho. Um dia pode ser que a roda gire para o nosso lado.

– Que roda?... De burros de carga nunca que a gente passa. A cuia do pobre só cai emborcada. E o pão com a manteiga pra baixo.

– Dizendo besteira! Já se viu pão de pobre nesta terra com manteiga?! Pois olhe, eu sei que sou burro de

carga. Mas sou como burro de carroça: só olho pra frente. Sou como sapo, Parente, embora no fogo, sempre com os olhos n'água.

– Pau de Fumo, e será que vindo o comunismo que o dr. Josias Olívio fala é melhor mesmo?

– Você é doido! O comunismo é regime de força. Muito pior que esta Ditadura que aí está. No comunismo só uns determinados grandaços mandam. Não dão nem oportunidade de outros grandes mandarem. Há muito mais magnatas no comunismo do que em qualquer outro regime. É um sistema despótico de capitalismo fechado. No comunismo, o indivíduo tem que renunciar os três mais preciosos patrimônios da consciência humana e social: a liberdade, a família e a religião.

– Pois já sabe que não quero nem dormir pra sonhar com esse maldito.

Certo dia, por sorte do destino, encontrou-se com um filho de Deus que lhe dera um conselho. Conselho de amigo. Conselho de homem que compreende o que seja o sofrimento alheio. Um velho baixote, de cara sisuda e bigodes virados nas pontas. Homem experiente. Prático na vida. Viu Parente por aqueles cabarés da beira do rio, com toda aquela sua filosofia de relaxos. Falando em pescar defuntos, tripa quente, sol, couro de homem não dá primeira, cidade dos pés-juntos, quero ver homem é fumaçando pelos fundos como ferro de gomar, escreveu não leu pau comeu,... e outras tantas coisas de desajustado.

Conheceu logo pela fachada que o negro dava no couro. Atrás dum daqueles era que andava – pau para toda obra.

- Quem pesca defunto, meu caro, quando em aperturas financeiras, deve caçar vidas. Se outro meio não tem para viver, não perca seu tempo. Quem pesca peixe caça caças; quem pesca defunto caça gente. Esta é que é a estória que você deve aprender de cor e salteado.

E acrescentou que tinha uma boa empreitada. Mas só em particular poderiam os dois se entender sobre o caso.

E lá se foram para um reservado. Lá se vem a proposta. Empreitada de botar bucho. Quinhentos cruzeiros de jóia e um rifle. Mil e quinhentos depois do trabalho feito. Além do mais, serviço relativamente fácil. Dependia apenas de coragem. Coragem e natureza, que às vezes o camaradinho tem uma e não tem a outra. Coragem o negro foi logo respondendo que era só o que garantia de sobra. Quanto à natureza, primeiro ia pensar com seus botões. Pensar primeiro, porque nunca tinha na vida feito daqueles serviços. Ficava a resposta para o dia seguinte, a tal hora, naquele mesmo local.

Tudo apalavrado. Tudo certo. Marcaram o encontro.

Quase que não conseguiu pregar os olhos durante toda a noite. Só com aquele pensamento doido dentro da cachola. Aquela gastura... Queria querer. Logo depois, ficava como se não querendo querer mais. A seguir, se lembrava: dois mil bagarotes e um rifle! Aí ficava como se quase arrependido e querendo querer de novo. Mas uma coisa sem explicação lhe cochichando ao contrário nos finos dos sentidos. Aí ficava assim como se zangado. E logo pegava a olhar as mãos - pelas palmas, pelas costas. Aquelas mãos grandes, pretas e de palmas amarelas. Amarelas e engelhadas de tanto ar-

rastar defuntos pela perna, às vezes até pela orelha nas águas do rio. Mas nunca que ao menos sonharam em pegar em orelha de defunto assassinado por elas mesmas. Por cima de tudo, a lembrança que o criminoso não se salva. Palavras do padre Salviano Tancredo. O criminoso não vê as faces de Deus. No sermão da missa daquele dia, disse o padre Salviano que o criminoso não se salva, não vê as faces de Deus. Diz que até o Bom Ladrão se salvou – Dimas. Por arrependimento. Mas, o pecado de matar é tão grande, que não há arrependimento que dê jeito para a salvação de quem mata. E de que jeito teria sido, no proceder, o Bom Ladrão? De que maneira teria vivido esse tal de Dimas? Talvez que um sujeito marca Pau de Fumo. E aquelas palavras do padre só martelando em seus sentidos: o criminoso não se salva, não vê as faces de Deus. O padre Salviano Tancredo disse: não matar – quinto mandamento da Lei de Deus. Até parecia mais que o vigário estava adivinhando que ali dentro da igreja, naquela hora, havia alguém com o destino precisando de tal conselho. Pois é. Padre não mente. (Padre não mente?!...) Mesmo que minta. Mas, sempre dentro da igreja (casa santa) só diz a verdade. Fora ele pode ser um homem como outro pecador qualquer. Mas ali dentro, diante dos altares, é apenas um Ministro. Ministro de Deus. Conselheiro que só nos ensina o caminho certo – o caminho da verdade, o caminho da salvação, o caminho do Bem. O caminho do Céu. Ele mesmo, padre Salviano, naquele dia dissera:

– Não façam o que eu faço. Façam o que eu digo, o que eu mando.

Arre! que já estava até sabido, pensando como gente estudada.

Foi-se o último cigarro. Dinheiro para comprar mais era manga de colete.

Olhava as mãos – pelas costas, pelas palmas. E nada de qualquer nesga de sono. Até melhor. Dormir não seria, de jeito nenhum, conveniente naquela noite.

Galo cantou. Recantou. Amiudou. O querosene da bibiana secou. A ponta do pavio queimou-se. A luz apagou-se. O cigarro acabou-se.

Lá ficou o negro pensando no escuro. Sim... No escuro a gente está mais só. Tem mais coragem. É mais homem para seus problemas. Encontra solução para tudo.

Sabe!... Ia roubar. Mas roubar na cuia grande. Pau de Fumo era uma besta, que roubar só serve mesmo quando se rouba muito. Roubar galinha, tostão furado, como Pau de Fumo roubava, pra amanhã estar na mesma miséria, não botava ninguém pra frente. Roubar só adianta quando dá pra se botar o dono da coisa roubada na cadeia. Sim... Ia operar lá para as bandas da Piçarra. Capitão Josino – primeiro freguês. (Capitão de quê?! Só se de feijão). Pra ver como o povo só adula mesmo a quem tem. O velho Josino nunca foi nada da Polícia, nem do Exército. Mas, só por ter dinheiro, era quebrado de capitão. Bem. Fazia assim: entrava na casa dele por volta de onze ou mais horas da noite. Metia-lhe a faca nos peitos, arregalava bem os olhos, bem em cima da cara dele, e falava duro e seco:

– Ou o dinheiro ou a vida!

Na certa que ele cairia dos quartos, como se diz, e dava o cu pra ferrar.

Galo amiudou. Reamiudou. As pálpebras pesaram, teimando para um encontro na estrada do sono. Mas se dava que não tinha nenhum propósito de dormir naquela

noite. Pálpebras teimando. Pálpebras pesando. Sono vindo. Sono chegando.

Dormir não queria. Levantou-se. Passaria o resto da noite batendo pernas. Sozinho e Deus! Só assim pensaria melhor. Os planos do assalto ao Capitão Josino na cachola. Podia até mesmo convidar Pau de Fumo.

Mas o diacho era aquela maluquice que o Capitão Vilmar inventou. Perversidade botar os pobres dos ladrões e cachaceiros naqueles castigos das Ilhotas, quebrando pedras, carregando água, arrancando tocos, amassando barro,... o diabo a quatro. E debaixo de peia. Debaixo de pneus. Cassetetes. Sol a sol! Sem feriado. Sem dia santo. Semanas a fio, às vezes até mês.

– Ô Diabo!!!

Noite velha. Já cheirando a dia novo. Escuridão. Silêncio. Águas do rio correndo quase sem zoadas. Tudo parado. As ruas, o cais. (Cais só em nome, que aquilo mesmo não era coisa nenhuma além duma simples e desengonçada rampa velha na terra bruta da ribanceira). Tudo como se morto dentro daquele silêncio bruto – casas, ruas, cais. Só o rio vivo, assim como se mexendo de leve. Tudo escuro. Tudo silente. Tudo dormindo.

Talvez que muitos acordados dentro das casas, amando nas profundas, que aquilo era hora feita apenas para os amores; para o sono, e do sono para os amores.

– Merda!

Lá se vai ele babatando, no escuro, pelas bibocas da beira do rio velho. Lá se vai o negro Parente rumo à Fiação, à Ponte. As águas naquela zoadas fofas como se conversando em cochicho. Noite escura como breu! Mas, por ali mesmo era que devia estar, pra melhor pensar nas coisas do destino. Outra topada.

– Merda!

Tudo silente. Só de quando em quando aqueles cochichos de águas à meia-noite.

– Remanso. Remanso de funil!

Lá se vinham se levantando em seus sentidos os defuntos que pescara naquelas águas: a gomadeira – que nem do nome se lembrava mais, o rapaz da Vermelha – noivo de uma filha de certo grandaço, Pedro Tampa e os meninos gêmeos. (Ora, que besteira o dr. Policarpo dizer que os meninos não eram gêmeos, porque não se pareciam! Disse que eram apenas parto duplo! Besteira. A mesma coisa). Sim... Pedro Tampa fora seu colega de infância, colega de tabuleiro de bolo, pirulito e banana... Mataram calango juntos, como se diz. Juntos também pescaram defuntos. Sim... Também pescou Chico Paca, Zé Bigodinho, Chico Dea. E Maria Celeste – uma pobre caceteira que apesar de nova e tirando a bonita foi uma das mulheres-da-vida mais sem sorte que pisou aquele chão. Se viu tão aperreada com a *Madame* do Cai-n'Água lhe cobrando a conta do quarto, cama e mesa, que se jogou no rio desatinada. De propósito. Terminou a besteira com um freguês, ele passou-lhe um chumbo, e ela correu nuazinha pelas ruas e se jogou nas águas. Suicídio. Quando acaba a peste da *Madame* (Chica Pote) chorando que mais parecia tratar-se duma filha sua. Foi até quem lhe pagou a pesca, fez o enterro e tudo o mais.

– (Mundo nojento pra gente pobre. Só se tem valor depois de morto. Que Deus perdoe a sua alma. Que Deus perdoe também o que fiz com ela umas poucas de vezes).

Outra topada.

– Merda!!!

Pensando agora como ia pensando há pouco. Pedro Tampa. Seu colega de tabuleiros às pescarias de defuntos. Quando um dia, dia de pesca, lá se fora ele para o outro lado da vida. Se aquela fora a sorte dele naquela profissão, outra não podia deixar de ser a sua. Mais cedo ou mais tarde, havia de um dia também ser pescado, tal qual Pedro Tampa pescado fora.

Sentou-se ali no chão. Ficou matutando com aquela procissão de defuntos afogados no rio em sua cabeça. Quando lá se vêm vindo aquelas pisadas de tamancos. Mas, de tão escuro ainda, nem sinal de vulto sequer de gente se via. Vem vindo. Vem chegando. Até que se aproximou. Já bem perto:

- Quem pode mais do que Deus?
- Ninguém. Mas é mesmo alma deste mundo.
- Zefa Traíra!
- Ela mesma. Toda inteira. Parente?!
- Todo inteiro também.
- Já tem onde dormir este restinho de noite?
- Depende de você.
- Então já sabe que não depende de nada nem de ninguém.

Lá se vão os dois abraçados. Rumo à casa da negra, lá num dos quartinhos da Pensão Alegre - "14 Bandas".

- Sabe, negro... até que gosto desta vida nojenta que o Diabo me deu. O dr. Leovigildo já quer me tirar daqui e botar em casa própria. Não é me pabulando. Mas, das da minha laia eu sou a mais procurada. Diz ele que gosta mais de mim do que de qualquer uma outra. Diz que só porque sou preta retinta da cor de jabuticaba madura.

- Pois vai. Ganha a grana dele e facilita pra gente.

– Só não vou por uma coisinha de nada. Só porque ele tem aquela mania besta de só fazer o terém com outra ali perto pra estar pegando nas partes. Se fosse só aquela mania que ele tem também de morder a gente toda, eu ia. Mas esse negócio de outra ali na cama, nua também, não me agrada. É mesmo que ser amor dividido. E eu não sei dividir amor. Vou não.

Lá se foram. Lá chegaram.

– Negro!... Amor da negrinha! Da negrinha dele... Ô negro da mamãe! Me cheira!... Mais... Pronto. Pronto! Pron-on-onto!!! Diabo! Dia-a-a-bo!!!

IX

Sem coisa nenhuma a fazer. Escassez de serviço nunca que se tinha visto daquele tanto. Ainda mais a luta de viver vigiando a pobre da Veva. Ainda mais a labuta com os meninos.

Lá pelas encostas do muro da Fiação. Em plena tarde e a cidade quase parada. Parecendo cidade de fim de guerra. Mas a guerra foi tão longe! O casarão. O muro da Fiação parecia mais um cemitério. Sentou-se ali mesmo. Pegou um cipó e começou a riscar o chão. Com aqueles pensamentos. Tanta coisa parada que funcionando podia dar tanto serviço ao povo! Aquela mesma era uma – a Fiação. Um gigante de aço dormindo. A única fábrica de tecidos no Piauí. Diz que a quinta, no gênero, montada no Brasil. Bem entendido: a quinta na ordem cronológica. (Cronológico – tratado do tempo).

– (Diabo! Pra que estudei!?... Só pra saber tantas coisas que só me dão preocupações. Preocupações e revolta. Revolta e ódio).

Se a Fiação estivesse em movimento, não havia tanta gente com fome em Teresina, tanta gente sofrendo necessidades no Piauí, – mesmo em regime de força, Ditadura como era, mas, havendo pão e pano, estaria tudo bem. Até que ele mesmo não era contra aquele governo ditatorial. Não era contra aquela Ditadura em si. Era um caso de necessidade. Naquela guerra maluca, não seria possível um país se preocupar com eleições. Destestava apenas a miséria que se via por aí. Podia ser ao menos como diziam os escravagistas nos tempos da campanha da Abolição da Escravatura: – o povo precisa de três coisas em P (PPP): pau, pano e pão.

– (Que anacronismo! E saúde?! E educação?! Intelectuais obsoletos!)

Se a Fiação funcionasse, um progresso para o Estado. Serviço, roupa e comida para a pobreza.

Um crime. A ferrugem comendo um patrimônio daqueles bem no centro da Capital. E maior ainda era a Fábrica dos Campos, nas Fazendas Nacionais, lá no Canindé, bem pertinho de Oeiras. Fábrica de laticínios – doce, queijo, manteiga. (A melhor manteiga do Brasil!) Conhecida por manteiga do Reino, porque a receita viera lá do Reino da Inglaterra. Abafou a tal *Pelletier*. Também diz que a *Pelletier* era dum sal mais danado do mundo.

Fábrica dos Campos. Serviço do engenheiro Antônio José de Sampaio. Homem de vergonha. Um mundo, uma Babilônia a casa da fábrica. Funcionou um bocado de tempo – com mais de quinhentas vacas paridas durante o inverno, e pouco menos durante o verão. Agora, parada. Devorada pela ferrugem. Cemitério de fábricas. Verdadeiro escândalo econômico no dizer do dr. Leovigildo.

– (Corja sem-vergonha a desses tais de mandantes).

Chega Parente dizendo que tem uma consulta a lhe fazer.

– Então fala! Este negro filho duma pé-redondo só vive traçando plano e nunca que faz nada de vantagem na vida.

– Mas agora vai dar pra fazer.

– Então diz! Fala, boca-de-couro!

– O melhor negócio do mundo, Pau de Fumo. De escovar a pata e lavar a burra. Negócio pra gente rica.

– Então diz! Entra logo no miolo da estória. Entra no mérito!

– Que diacho é mérito?!

– Nada. Você não entende. Não estudou.

– Graças a Deus! Pois é. Negócio da China. Mil cruzeiros pra cada um. E um rifle que daqui por diante vai ser nossa enxada, nossa foice e nosso machado. O velho da tal empreitada é baludo. Paga mesmo. Nós vamos e trazemos a orelha do safado. Daí a gente muda de profissão e, vez por outra, um contrato desses. Dinheiro, que é só o que é bom, nunca mais que vai faltar pra nós. Adeus fome! Adeus roupas em quilangos! Adeus casas de palha! Adeus tipufa velha! Eu deixo de pescar defunto, você de roubar. Adeus defuntos do Parnaíba! Adeus Polícia que só persegue ladrão pobre. Narrou tudo. Tudo. Tudo. Pau de Fumo calado. Só assuntando. Quando o negro terminou aquele lero-lero, ele entrou:

– Sou homem pra tudo, negro velho. Nasci de tempo e mamei de jeito. Macho pra topar qualquer parada. Sei que sou inteirado. No momento preciso, enfrento até a Polícia. Enfrento tudo em cima do chão, pra criar meus filhos e sustentar esta pobre louca que vai passando aí,

– Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

mas não sou homem na voz de matar outro. Especialmente por dinheiro. Quem se vendeu assim por dinheiro, aliás, trinta, foi Judas. Não me vendo. Ganho dinheiro, mas dinheiro não me ganha. Bem sei que só matarei alguém um dia (que Deus me livre e guarde) se for obrigado. No caso de legítima defesa, por exemplo, porque aí é o instinto de conservação. É a voz do subconsciente pela sobrevivência que fala mais alto do que qualquer outra voz íntima. Coisa que se vê até nos irracionais.

– Que diacho é instinto de conservação?! Que é legítima defesa?!

– Você não sabe nada. Não estudou! Olhe, negro velho, eu fui estudante não foi só de ginásio, não. Li quase toda aquela biblioteca do Estado. Se eu fosse explicar pra você o que sei sobre a Origem das Espécies, com base em Darwin e Haekel, você ficava até doido. Li e reli *A Ética* e *A Política* de Aristóteles – para mim, o maior de todos eles. Também *A República* de Platão, onde o militarismo é tão denso e compacto, que não se sabe nem quem é pai da criança filha de mulher de oficiais. Aliás, aí não concordo, porque ele acha que a fraternidade entre os cidadãos para ser perfeita é preciso acabar com a instituição da família. E, para mim, a família é o esteio social. Cada família é uma cidade, um Estado em miniatura. Estudei Spinoza que, partindo de definições e postulados fundamentais (baseado em Descartes), chega a construir um verdadeiro edifício de deduções sociológicas, intelectuais

e científicas. Li Comte, Eça de Queirós, Vítor Hugo e tantos outros; só de literatura, eu comia era com farinha. Só na *Bíblia* e no *Os Lusíadas* foi que não consegui penetrar com segurança. Ali só vai mesmo intelecto maduro. Estudei, negro velho! Hoje não sei quase nada do que aprendi. Pois é. O professor Cagliostro achava que eu era uma revelação. O padre José Luiz me chamava de gênio. (Hoje eu dobro esquina pra não me encontrar com um deles).

– Bem. Mas eu perguntei umas coisas e você vem com outras. Estas outras já não quero nem que me explique, porque sei que não lambisco nada. Quero que você me explique o que é legítima defesa e instinto de, de,...

– De conservação, negro burro!

– Justo.

– Instinto de conservação é um conjunto de atos do subconsciente no sentido de se lutar para viver. Legítima defesa, lutar, matar pra não morrer. (Ou espancar, conforme o caso). É fazer o necessário para evitar que outro mate a gente (que também é instinto de conservação).

– Táí! Com toda sabedoria, e dizendo besteira. Neste caso, a gente matando pra ganhar dinheiro pra não morrer de fome é legítima defesa. E termina caindo também no caso de instinto de, de, d...

– De conservação, negro burro!

– Justo!

– Coisa nenhuma! Não é nem o caso de necessidade, que anda mais perto.

– Mas vamos, Pau de Fumo! Vamos matar pra ganhar dinheiro, que no mundo só vale mesmo alguma coisa quem tem.

– Vou não. Matar, não mato, especialmente pra ganhar dinheiro. Já pensou o quanto é feio e bárbaro matar um indivíduo sem ter um pinga de raiva dele?!

– Não é raiva. É necessidade.

– Nada disso. Quando não encontro serviço, peço. Quando não encontro quem me dê nada pra comer (que infelizmente é o que sempre acontece), roubo. Aí sim!... É instinto de conservação, caso de necessidade. Mas não mato o próximo. Não nasci para ser criminoso. Sou humano, negro velho. Tenho cabeça pra pensar. Estudei.

– E de nada lhe adiantou esse seu tal de estudo. Só vive na pedra e dela não passa.

– Tem razão. Mas não mato.

– Pau de Fumo, mas qual é aquele dos sabidos que você acha que é o maior deles?

– Aristóteles.

– E foi rico?

– Não. Morreu pobre.

– E o que foi que adiantou? Outra besteira. Como que foi grande sem ser rico?

– Foi grande porque foi um gênio. O maior dos filósofos.

– E o que é gênio? Que diabo é filósofo?!

– Nada. Você não sabe nada! Não adianta. É mesmo que um burro olhando para uma igreja.

– Mas um burro olhando para uma igreja, desde que esteja ele dentro duma quinta de capim verde, é alguma coisa. Vamos matar o homem! Vamos ganhar dinheiro!

– Já disse que não vou!

– Então vá-se à merda. Não quero mais nem conversa com você. Está terminada a nossa estória. Vá-se à merda!

– Vá você, filho duma dos pés redondos. Você que está me mandando bem pode saber do caminho. Vá você!

– Vou não. Vou mas é matar o homem pra ganhar dinheiro.

- Então vá!
- Vou mesmo.

X

O zabumba velho gemendo cheio. Parecia que as encostas dos morros gemiam, lá ao longe, estremecendo a mata. Devia estar lá o desgraçado. Certamente que fazendo muita gente se estremecer de medo. Valente era. Um verdadeiro *acaba-samba*. Na certa que ele estava lá, no rala-bucho, bebendo e fazendo das suas. O zabumba estremecendo. Decerto que as bochechas das ancas daquelas molecas do balaio de *negra-forra* sacolejando e mais sacolejando na cadência do balanço da dança. (Mas ora só que coisa!... pensar em bundas de negras numa hora daquelas?!) Que bom aquele choramingado de Zefa Traíra na hora de fazer o terém! E Chica Pote com aquela mania de estar sempre de encrenca com um rapazinho! Explorando as pobres mulheres do Veneza (Cai-n'Água) pra gastar com seu xodó.

Mas ora só que coisa sem cabimento!... Pra que pensar em tanta coisa sem rumo numa hora daquelas?!

Agora Parente sentia que mais do que o zabumba, mais do que os morros e a mata, mais do que as bundas das negras estremecia era seu coração. Na certa que o cabra estava lá. E bebendo, que era seu costume. Na certa que antes do raiar do dia estava de volta. E aquele era o caminho. Caminho dele do forró pra casa. Também o caminho deste para o outro mundo, desta para a outra vida. O caminho da morte. Caminho por onde ia pagar as dívidas das vidas que devia, inclusive a vida do filho do

velho Caetano, que matara sem a menor necessidade. Só de perverso!

Tocaia armada. Forte. Segura. Por trás duma moita de babaçu. Estava ali, em suas mãos, na boca dum papo-amarelo, a vida de Chico Papagaio. Agora ele iria encontrar fôrma para seu pé. Pagaria com a vida a vida que tirara do filho do velho Caetano, por causa duma quenga que não valia sequer o peso da sombra. Não era nem só isto. Pagaria também as lágrimas que cinco mães de outros choraram, com as lágrimas da própria mãe.

– (Miserável! Cinco mortos na cacunda. Patife!!!)

Matar um peste daqueles não devia ser nem crime. Era como se tirar uma onça do pasto.

Que diacho! Aquela cantiga da mãe-da-lua... Que coisa triste! Dá assim como se uma gastura na gente...

Que estaria fazendo àquela hora Zefa Traíra? Na certa que dançando no Quatorze-Bandas, ou no Balança-Cu, ou mesmo no Cai-n'Água. Talvez que bebendo com o dr. Leovigildo.

O padre Salviano disse que a pessoa que mata outro não se salva. Não vê as faces de Deus. Será que seria verdade aquele comentário do povo do padre Salviano com dona Febrônia?! E ainda mais é que a voz do povo é que o dr. Teobaldo sabe de tudo. No começo diz que ainda andou ciumando, que ainda deu nela por umas duas ou três vezes. Depois amansou. Ficou como diz: *cb – corno-de-biqueira*. Desses de canga e corda, que chegando de madrugada e sentindo que o camaradinho (o sócio) está dentro, se senta no batente e fica esperando. Pau de Fumo tinha mesmo razão: *chifre em corno-convencido* só dói quando é pra nascer. Na certa que era verdade. Só podia mesmo ter areia naquele negócio de o padre

Salviano só viver pra bem dizer de cama e mesa na casa do dr. Teobaldo. E dona Febrônia era um pedaço de mulher. Como deviam ser bonitas aquelas suas coxas brancas! Aqueles coxaços!...

Ora que besteira! Pra que pensar naquelas coisas numa hora daquelas?!

Olhava as mãos no clarão da Lua. Ficava agora com aquele pensamento embotado a ponto de nem bem saber em que estava pensando. Aí vinha-lhe por longe aquela coisa nos sentidos como se quase arrependimento. Era a primeira vez que ia matar gente! E o padre Salviano disse que o criminoso não se salva. Mas, se o próprio padre Salviano não era de boa vida!... Como podia dar conselhos aos outros?! Vivia de encrenca com uma mulher casada. E o povo falava de outras tantas safadezas dele, até com moças, especialmente com dona Serafina que ele, Parente, conhecera desde menina. Foi moleque de recado do pai dela. Andou com ela nos braços. E agora moça e fazendo semodagens com um padre.

Bem... Mas o padre Salviano disse:

– Façam o que eu digo, o que eu mando. Mas, não façam o que eu faço.

Não. Nada disso. Tolice! Nada de perversidade. Matar um assassino perverso na marca de Chico Papagaio era mesmo que tirar uma onça do pasto.

Já o dia começava a clarear. Um vulto se aproximando do ponto. Só podia ser ele. Seria outro?!... Não. Ele mesmo. Era. Lá se vinha!... De rifle atravessando no cabeçote da sela...? Na certa que era ele, que era só quem andava por ali naquele cangaço todo. E se errasse o tiro...? Papagaio seria bem capaz de comê-lo na bala. Completaria a meia dúzia. Daria decerto uma espalhafatosa gargalhada.

como diz que era seu costume. De qualquer maneira, arriscaria. Um infeliz daquele que vivia matando gente por aí a folote, sem sofrer a menor dor de cabeça!... Além do mais, mesmo morrendo nada seria. Que tinha na vida a perder?! Ora, não tinha! Perdia a vida. Podia deixar o peste passar. Mas, dois mil cruzeiros e um rifle!... Ainda mais que podia ficar também com aquele que ele vinha trazendo.

Podia deixar o peste passar quieto, em paz. Tinha um filho por criar. Que seria de Antonino sem pai?! Já não tinha mãe!...

Coçava a cabeça. Ficava pensando. Mordia os beijos.

Aí veio-lhe uma coragem de soco. Mesmo que morresse. Por dois mil cruzeiros e um (um não, dois) rifles, fazia gosto um miserável como ele se acabar no centro da mata de babaçu do Maranhão. Não seria uma morte tão barata. Pagava a pena, apesar de tudo.

Toda a mata estremeceu com o ronco do espirro que o papo-amarelo soltou. E o estampido ficou se bisando, lá pelas encostas de morros, como se dando vivas à bravura dum macho de fibra que tirou uma onça do pasto.

Tão grande foi a upa que o cavalo deu, que o cabra, abrindo os braços e as pernas, atirou-se com tudo de costas no chão. Tiro seguro! Queda danada de bonita aquela.

Caiu quase que prontinho da silva. Quase nada estrebuchou. Questão de poucos instantes. Encostou a cerca no brejo e fechou o *patiló*. Morreu sem gosto. Morreu sem se espernejar.

Mas, danado! Morreu de revólver em punho. Ainda mais que de bala na agulha. Que era macho inteirado de valente, lá isso era. Mas ali estava pronto.

Era uma vez um valentão de nome Chico Papagaio! Apagou-se o homem.

Passou-lhe o recibo com mais dois tiros nos peitos:

– Conheceu, machão!

Com uma bela e afiada peixeira, assinou o ponto de sua primeira empreitada naquele seu novo e ingrato ramo de vida. Cortou-lhe uma orelha. O comprovante do contrato.

E se foi satisfeito. Mais do que pensava. Além dos dois mil e um papo-amarelo, um cruzeta do cano-oitavado e um revólver *Taurus*. E mais: um belo punhal lombado de cabo de prata. E duzentos cruzeiros.

Para começo, podia dizer que ia começando bem.

XI

Agora podia dizer que se acabava a freguesia dos incêndios. Não mais podia contar com aquelas defesas que fazia tirando teréns de dentro de casas se queimando. Só naquela do Barrocão, matara seiscentos fachos. Até relógios, anéis e outras coisas de valor. Mas agora estava acabada aquela freguesia. Não era dizer que os incêndios tivessem tido o seu fim. Mas se dava que, dentro de casa se queimando, nem ele nem ninguém podia cruzar os pés. Lei da Polícia. Era só o que faltava! Polícia decretando lei... E aí daquele que a deixasse de cumprir. Aí daquele! Nem as próprias pessoas da casa tinham direito de tirar ao menos um cacareco. Triste daquele que tentasse salvar algo. Nas alçadas dos testas-brancas o galo era duro. Faziam o cerco, passavam uma corda. Ninguém entrava. Só Pedro Toco teve peito de fazer aquela bagunça danada lá nos Cajueiros. Disse que entrava, porque a casa era sua. Daí a pouco lá se vinha o barulho de dentro da casa se queiman-

do. Cena feia. Feia e triste. Briga e incêndio se misturando. Fogo e sangue. Os guardas de cassetetes em Pedro Toco. Pedro Toco de muleta nos guardas e pulando numa perna só. Sangue lavando a cara de Pedro Toco. Sangue lavando as caras dos *macacos*. Bem que podia ele, Pau de Fumo, aproveitar aquela oportunidade. Mas se dava que na casa do aleijado velho não havia nada que pagasse o risco duma defesa. E a briga rolando. Pega bonito. O povo gritando e o pau comendo por esmola. Até que o aleijado velho se encostou numa parede. Aí aprumou o xote. Os guardas avançando e ele crismando de um por um. Deu cada caçambada em *tiras* de feder a chifre queimado. Foi pau! Foi sangue, que não foi brincadeira! Mas terminaram agarrando o pobre. Meteram-no nos fundos da *Carinhosa*. O carro deu marcha, e ele saiu esmolambando a Polícia, o Chefe de Polícia, o Interventor e até o Presidente da República. Botou-os abaixo de cu de cobra.

Cabra valente aquele aleijado velho das bandas do Uruçuí. Pena em Teresina só haver um daqueles, e este mesmo só ter uma perna.

Não mais podia, de maneira alguma, entrar em casa se queimando e fazer uma *defesazinha*. Uma vez que tentou, arrependeu-se da graça. Suas costas criaram não sabia nem dizer quantas pisaduras novas. Além do mais, foi bater com os costados nas Ilhotas. Serviço pesado. De sol a sol. E, vez por outra, um banho de açoites. Pontapés. Puxavantes de orelha. Serviço pesado ajudando construir aquele prédio. Aquele mesmo que agora era uma Escola de Menores Abandonados. (Escola de Menores... Que tal?! Tem graça! Os pobres e coitados meninos apanhando a três por quatro. E em trabalho forçado. Sofrendo que nem sovaco de aleijado).

Pois bem. Nas Ilhotas o Pau de Fumo de tanta fama. Trabalho pra doido. Veja só!... Tirar um milheiro de tijolos daqui e botar acolá. E um policial ali em seus mocotós, feito uma *varejeira-do-cão*, com um vergalho de boi. Foi não foi, o pau cantava direitinho. Quando já bem pertinho de mudar todo o milheiro de tijolos, chegava o peste de outro feitor e ordenava a volta de todos ao mesmo lugar. E a peia comendo de esmola. Depois, o serviço de servente. Servente de mestre de pedreiro. Subia os andaimes com uma baita concha de coco cheia de barro amassado. A concha ao ombro. Subindo os andaimes apoiando-se apenas com uma mão. E sempre ao chegar lá em cima o peste do mestre falava abusado:

– Desça, que aqui tem barro suficiente. Este aí é pra o mestre lá do outro lado.

Veja que método de serviço! Vá lá que o sofrimento fosse aquele. Mas, enquanto construía um prédio, construiriam dois. Aquilo era só o instinto de humilhação. Saldismo refinado.

Depois era a água. Duas latas de querosene nas extremidades duma bruta vara. Lá do rio Poti, que até ficava perto. Mas, só o areal da subida ao topo da rampa!... E o manguá comendo.

Trabalho pesado. Baião pra doido.

O repouso à noite ainda era pior. Num quartinho estreito que só ele. Cela! Com o piso alagado de molho de sal, às vezes misturado com pimenta. Que coisa doida! Espirrava a noite toda que Deus dava. (Que Deus dava não, que o Diabo dava, que aquilo era noite do Cão). Chegava amanhecia de cara vermelha e bem por acolá de inchada. A cabeça zonga que parecia deste tamanho. O dia todo com aquela zonzeira, com aquela cigarra cantando

nos ouvidos. Santo Deus! Lembrava-se de Castro Alves clamando pela boca da África:

– Deus! Ó Deus! onde estás que não respondes!

Em que mundo, em que estrela tu te escondes!

E mais sofreram outros. Muito mais sofreram outros. Deles que até morreram. Com aqueles dois olhos que a terra um dia havia de comer, viu a morte de Zeca Palito. Depois duma grossa tunda, enterraram-no em pé, até à altura dos peitos. Só dos ombros pra cima de fora. Aí chegou um oficial, farda da Polícia Militar, com um bocado de galões nos ombros. Só que ninguém podia saber quem era. Mascarado. Mas, de tenente pra baixo, que estavam ali, fizeram continência a ele. E ficaram em posição de sentido até segundas ordens:

– À vontade!

A seguir, pergunta o que ele havia feito. Vai um feitor e responde que fora flagrado tentando fugir. Então o desgraçado meteu o bico da botina nos queixos de Zeca Palito, que foi só a conta. Só fez descangotar. Morreu na mesma da hora.

E diz que do mesmo jeito morreu Feitosa. E muitos outros. Uns dessa, outros de outra natureza, de outra maneira. O certo é que muitos brasileiros estão sepultados ali nas Ilhotas – sem cemitério, sem cruz, sem nada.

Custou muito suor, muito sangue, muitas vidas aquele prédio bonito das Ilhotas onde diz que hoje é uma Escola de Menores Abandonados. Estava lá agora até um filho de Zeca Palito. Coitado!... sofrendo naquele mesmo lugar onde seu pai sofrera até a morte.

Arre diacho de tanto sofrimento! Já ia para quase um ano e ainda sentia as dores quando se lembrava de tantos martírios. (Dor na alma, na consciência. Muito maior que a dor física!) Pelo menos mais persistente. A dor material passa. É física. Passou a causa, termina o efeito. A espiritual fica. Dor química. A causa passa e o efeito permanece no camaradinho para o resto da vida.

No dia da saída foi que foram elas. Uma taca de negro que mais parecia um orangotango. Aplicou-lhe uma federal sova de pneus. E mais quatro dúzias de bolos com uma palmatória de aroeira, ensebada, que diz que era o recibo. Pegou depois umas farpas de lenha e meteu-lhe por baixo das unhas até topar nos sabugos! Mas veio mascarado o peste. Se não, tanto por ele como por outros, não estaria mais vivo contando da estória.

Depois reuniram ao pátio todos os que iam ser soltos. Aí veio aquele Comissário apelidado de Xerife, para conduzi-los à Guarda Civil. Lá se vão todos, de braços algemados para trás. Xerife montado numa burra, tangendo-os. Atravessaram toda a cidade, das Ilhotas à Guarda-Civil. Pareciam um lote de animais brutos. Na Guarda, foram entregues a seu Eugênio que os levou à barbearia, para a chamada *assepsia-da-vergonha*. Rasparam-lhes o couro cabeludo, as barbas, os bigodes, as sombrancelhas. Cortaram-lhes as pestanas.

Finalmente, a liberdade. Parecia que a vida ia começar dali.

Nunca mais, porém, que o negro Pau de Fumo, ao menos em sonho, pensou de um dia entrar mais em casa pegando fogo.

A cada dia o caso ia tomando caráter mais sério. A coisa ficando dura, mais preta. Chegou a ponto de as

autoridades mudarem o nome de incêndio para *chuva*. Na certa que porque os incêndios eram criminosos. Já haviam comido centenas de casas, matado dezenas de crianças. Matado até gente grande, como o caso do pobre do Chico Aleijado lá para as bandas do Matadouro.

Ninguém podia tirar coisa alguma de dentro de casa. O caso de Feitosa, por exemplo, foi um dos tais. Estava retirando seus teréns da palhoça, visto que amanhecera num batente o célebre bilhete do cidadão X.P.T.O. Quando viu foi a labareda levantar no capote da cumeeira. Aí um guarda que estava assim observando de uma quitanda deu-lhe o grampo. Lá se foi Feitosa preso. Acusado de incendiário. Só porque antes de a casa se queimar já estava ele retirando seus pertences. Quis se justificar dizendo que tinha sido por causa do bilhete – assim e assado. Mas aí o guarda lhe perguntou pelo bilhete e ele disse que o tinha perdido na labuta da retirada dos teréns de dentro de casa. Daí o pau cantou. Cantou e o resultado foi como já se viu. Morreu. Lá nas Ilhotas – espécie de Colônia de Trabalho Forçado – lá nas proximidades do Poti, diz que até queimado com ferro quente fora. Coitado!

Pois bem. Mudaram o nome dos incêndios. Aliás, estavam certos. O criminoso tem mesmo necessidade de mudar de nome.

Quem gritasse incêndio seria preso. Daí o povo passou a dizer *chuva*. Homem ou mulher, grande ou pequeno, rico ou pobre, branco ou preto – qualquer um que dissesse incêndio iria direto para as grades. O Delegado queria porque queria saber por que o indivíduo o havia enxergado primeiro. De tudo isso, e de mais alguma coisa, queria saber aquele sujeito baixo, magro e antipático que nem indigestão de beiju, que se pabulava de saber

dar conta do recado na cabeça da Delegacia. No final das contas a maioria ia bater com as ventas nas Ilhotas ou em qualquer outro dos lugares de suplícios como sejam: Cruz do Cassaco, Três Paus... Lúcio Fernandes, coitado, foi uma das vítimas. Preso e espancado porque um guarda sem-vergonha dissera que o surpreendera jogando uma ponta de cigarro Odeon em cima duma choupana, lá para o lado da Vila-Santa. Também o comerciante Alberico Amazonas, o funcionário da Prefeitura, Paulo Peroba. E muitos outros. O pobre do enfermeiro Lúcio Fernandes escapou por um milagre. Talvez que dos que sobreviveram tenha sido o que mais sofreu.

Quando o fumo subia, o povo alarmava:

– Chuva! Chuva!! Chuva!!!

Até os moleques que jogavam *pelada* de bola de meia nas pontas de rua aprenderam a lição:

– Chuva! Chuva!! Chuva!!!

Os sinos das igrejas e a sirene do cine S. Luís brandavam a toda. Os dois carros vermelhos do Corpo de Bombeiros rasgavam as ruas levando tudo na proa. Quem não quisesse se lascar, que arredasse do meio. Os demais carros paravam para eles passarem – até a *Carinhosa*, a Assistência. Aliás, a *Carinhosa* sempre ia atrás deles. Era como se fosse um complemento dos extintores de incêndios. Aquilo só pra trazer os que precisavam de ser presos.

Os carros de Bombeiros iam cheios – d'água. Voltavam vazios. As labaredas das choupanas bebiam todo o seu líquido pelas bocas das mangueiras.

Já a *Carinhosa*, ao contrário. Sempre ia batendo e voltava lotada. Lotada de sujeitos desaforados que se metiam a falar das autoridades. Era preciso que o povo

compreendesse que com autoridade não se brinca. Não era possível que aqueles ignorantes não compreendessem a vontade que o Interventor tinha de acertar, de corresponder à confiança que o Presidente depositou nele. Diga-se de passagem: ninguém seria capaz de estirar o dedo e apontar esta ou aquela injustiça, esta ou aquela perversidade do Interventor. Não. A questão era que o Chefe de Polícia dele era autoridade mesmo. Agia por si. Agia do jeito, da maneira e do modo que achava que devia agir. Ninguém metia o bedelho em suas atribuições. Se era que o Interventor Lucídio Costa Meira pecava, era apenas pelo silêncio, pela omissão. Chegava a ponto de sacrificar amizades velhas, só pra ver se o Capitão Vilmar dava cabo àquelas calamidades. Chegou a ponto de, certo médico, aliás, um dos homens mais ricos e de família importante do Estado, ser preso por suspeição de incendiário. Só não estava vendo o sol quadrado por ser oficial da reserva do Exército Nacional. Mas estava aquartelado, lá no 25° BC – o dr. Joaquim Carlos Farias.

Escândalo de relevo provocou o caso do dr. Joaquim. Inquérito. Processo. Para resumo, até o Comandante do 25° BC e S. Exa. Rva. Bispo Diocesano prestaram depoimentos na Justiça. E depoimentos favoráveis ao dr. Joaquim, acachapando com o Capitão Vilmar. O Comandante esclareceu até que o Capitão Vilmar dissera-lhe, no Palácio de Karnak, na presença do Interventor, que, com revólver nos peitos duma testemunha, conseguiu que ela acusasse o dr. Joaquim de incendiário.

Pau de Fumo só faltava ficar doido de pensar naquelas coisas todas. Se se preocupava com sua vida, mais se preocupava com a vida de todo aquele povo que vivia so-

frendo. Que diacho o Capitão Vilmar queria perseguindo e matando tanta gente?! Tudo indicava que os incêndios partiam de dentro da própria Polícia. Dava mesmo para se calcular que era uma cilada, um meio para determinado fim. Aquilo não passava de indústria para tomar a Interventoria do dr. Lucídio. E era mesmo.

Já no caso do dr. Joaquim a história tomava outro rumo. Podia não ser verdade, mas tudo indicava que havia fundamento. O Capitão Vilmar andava com certo xodó de amores com certa dona casada separada do marido. O dr. Joaquim também tinha as suas relações íntimas com a cuja sobredita. E o Capitão Vilmar, que contava com a força do Poder, ficou de ouvido na escuta esperando a oportunidade. Quando foi certa vez, às caladas da noite, entra o dr. Joaquim com a dita dona na casa de certa velha que lhes dava pouso. Aí o Capitão Vilmar, que já andava no faro da coisa, passou em seu carrão e viu os dois. Logo no dia seguinte, lá se vai o dr. Joaquim acusado de incendiário. Diz que o dr. Lucídio não gostou da história. Pela primeira vez, chamou o Capitão Vilmar à razão. Vai este e põe o pé na parede. Por preço nenhum desfazia o que estava feito. Tinha indícios seguros de prova. Se o dr. Joaquim Farias não fosse incendiário, não havia incendiário em Teresina.

Foi por isso que começou a tal questão que, de tão grande, foi preciso até o dr. Joaquim trazer advogado do Rio de Janeiro.

Também o caso do comerciante Alberico Amazonas foi por causa de ciumadas. Outra questão pesada. Seu Alberico, apesar de rico e homem de largo conceito na cidade, chegou a ser preso. E sofreu tal qual sofreram os pobres.

XII

O bairro do Mafuá passou a ser o prato do dia. Casas e mais casas se queimando. Na verdade, era o subúrbio que mais contava com casas de palha. E lá se vai o triste e macabro programa de incêndios pra cima dele com tudo o quanto de vontade de acabar com suas palhoças. Não havia um dia em que não se registrassem duas ou mais chuvas de fogo por aquelas imediações. Parecia coisa-botada. E os pobres dos bombeiros sem poderem dar jeito. Quando muito, apagavam as chamas de algumas antes de reduzidas a cinzas e carvões. Pelo que se via, tudo indicava que era assim como se um decreto. Um programa traçado a ser cumprido à risca. Estava escrito: tudo o quanto de casas de palha do Mafuá era para entrar na dança do baião dos incêndios misteriosos de Teresina.

Certo dia, porém, sem se esperar, chegou um homem de boa vontade, livre e de bons costumes. Homem de ouro. Cidadão à altura do cargo que vinha exercer. O Major Laurentino que seria, então, o Comandante do 25º BC. Homem de sangue no olho. Que não puxava saco de grandaço nenhum em cima do chão. Chegou. Viu a calamidade. Aí tomou posição.

Deixando uma coisa por outra, sem se saber por que, havia uma certa divergência entre os estudantes e a Guarda Civil. Vez por outra, surgia um atrito. Foi não foi, estudantes dormiam nas grades. Até um filho de certo prefeito do interior, gente da situação, certa vez contou da estória. Com ele também outros, também filhos de gente importante. Era que era preciso que eles aprendessem a respeitar autoridades. O certo era que a classe

estudantil e a Polícia eram desafetas. Assim que nem água e azeite. Como o bode e a onça.

Foi quando o Major Laurentino entendeu de tomar certas e determinadas providências. Chegou a passar ordens a seus soldados no sentido de se pôr termo àquelas perseguições. Aquilo não tinha limite de explicação. Nem cabimento. Uma classe de futuro como a de estudantes não podia ficar assim desamparada, perseguida e humilhada. Que seria desses homens em quem a Pátria havia de futuramente confiar os seus destinos?! Passou ordens a seus soldados. Não fossem para conversa. Não tivessem mãos a medir. Fosse quem fosse, metessem o couro, sem pena e sem dó. Não queria mais ouvir comentários de estudantes espancados. Não tivessem compaixão de couro de guarda civil. E deixassem o resto correr por sua conta, que suas costas eram largas.

Aí o caso mudou logo de feição. Ora, a turma do verde-oliva, que por um pacote chorava que nem menino pagão dependurado por buraco de rede, não foi pra conversa. Não bancou fraqueza. Não bancou covardia. Aproveitou tudo que se podia aproveitar da ordem do Major. Além do mais, ordem do próprio Comandante do Regimento. E o pau cantou direitinho. Entraram na turma do cáqui que nem janeiro no ano. E até que se registraram ainda uns encontros e uns acontecimentos bem interessantes. Mas a meganha velha não agüentou os banzeiros. Deu n'água, caiu dos quartos e deu o cu pra ferrar cedo. Pediu penico nas primeiras encontoadas, pra bem dizer. Deu o pira. Entregou os pontos direitinho e caiu fora da dança.

Aí estudante ficou folgado que nem suspensórios de palhaço. Faziam o diacho. E diziam, por gauchada, que

tinham as costas largas, que o Papai das Estrelas nos ombros estava aí mesmo para agüentar o ato. Até em casas pegando fogo eles entravam, salvando os objetos que podiam. E ninguém era besta para dizer nada.

Bem. O caso dos estudantes já estava resolvido. Mas o Major viu que também devia ir a favor de outros que também sofriam. Outra classe estava necessitando de seu auxílio. (Classe?!... Sim. Os incêndios já se encontravam de tal maneira, que dividiam o povo da cidade em duas classes: a dos de casas de palha e a dos de casas de telha).

O Mafuá no quente das torturas. Todo santo dia que Deus dava, dois ou três ou até mais incêndios. Quarteirões e mais quarteirões queimados. Só aquele pretume! Aquelas paredes de luto, aquelas forquilhas também crepadas. O povo no olho da rua. Tanta gente sem abrigo! Tanta gente por baixo daquelas mangueiras! Os cacarecos aí jogados no meio do tempo. Tudo desbaratado! Parecia mais um fim de guerra. Parecia mesmo, parecia, parecia,... não sei nem o que diga.

E casas e mais casas se queimando. Casas e mais casas se indo. Mafuá ia mesmo se acabar.

Então, o Comandante do 25º BC, vendo que a Polícia não dava conta do recado, resolveu meter o braço do Exército no meio. Tomou posição na arena e entrou a auxílio daquelas almas sofredoras. Aí mandou que seus soldados patrulhassem o Mafuá. Isto para que a Polícia Militar e a Guarda Civil botassem, com mais eficiência, sentindo nos outros bairros – Cabral, Porenquanto, Cruzeiro, Matadouro, Matinha, Vermelha, Cajueiros, Barrocão,...

Pois não é que nunca mais houve incêndio no Mafuá! Nos demais bairros, porém, o pau cantou que não foi brincadeira.

Só os soldados do 25º BC e os estudantes gritavam incêndios. Também, parecia que de propósito:

– Incêndio! Incêndio!! Incêndio!!!

Vai que certo dia veio um quase do tamanho do da Palha de Arroz. Nos Cajueiros. Levou para umas vinte ou mais casas.

As labaredas subiam. Genoveva metia-se pelo meio do povo. E gritando que a Polícia era quem queimava as casas. Que queimara a sua com Zefinha dentro. Aquela corja era a culpada de tudo. Zefinha estava ali, diante dela. Com duas asas e grinalda de palha de coco. Tão bonitinha!... Só que com as mãos no rosto, decerto que para não ver aquelas caras safadas.

Ninguém dava assunto àquela sua lengalenga. Mas ela falando. Falando até do Chefe de Polícia, do Interventor. Rasgou o baralho de esmolambações direitinho.

Um guarda velho se aborreceu daquela falação da doida sem pé e sem cabeça. E lhe deu voz de prisão. Lá no seu entender, ela não tinha nada de loucura. Fazia-se de doida para melhor passar. O que ela era, era uma enxerida. E depravada que se fazia de maluca pra andar xingando Deus e o mundo – até as autoridades. Alguém tentou defendê-la alegando que, além de tudo, tratava-se duma pobre ignorante que não sabia sequer aonde tinha as ventas. O guarda aí mandou que o tal indivíduo se calasse, se não quisesse passar pelas mesmas penas. Que por favor metesse a viola no saco, se não quisesse melhor saber para onde ela ia. E acrescentou que na hora de esculhambar com as autoridades, ela sabia se expressar.

Quase que o guarda velho fez um discurso.

Aí o homem pediu desculpa, confirmando que ele (guarda) tinha inteira razão.

Quando o *tira* abriu a porta dos fundos do carro para ela entrar, ela levantou os braços e, numa onda desatinada de prazeres, gritou para a multidão:

– Sou rica! Só ando de carro. Sou rica e não faço conta desta Polícia filha duma égua lascada. Vou porque quero. E só vou porque é de carro. Polícia filha da puta!!!

Grita um gaiato:

– Peixe Podre!

– Peixe Podre é o rabo da mãe!

O sujeito repetiu o apelido da doida. Ela bisou a pornografia acrescentando outras palavras escandalosas na ponta.

Pau de Fumo soube da estória. Pisou pra lá, pra ver se dava um jeito. Chegou tarde. Já a *Carinhosa* ia saindo. E Genoveva gritando, esmolambando com tudo quanto de autoridades.

O negro baixou a cabeça e ficou ali sem ação, pensando nas desgraças da vida. Aqueles gritos da pobre eram muito mais dentro dele que dentro do carro. Uma coisa como se dentro do íntimo, nas profundas da alma.

Veio Parente que o chamou assim à parte. Saíram. Entraram numa quitanda.

– Vamos tomar umas bicadas, negro velho. Lavar a alma para ao menos por uns instantes esquecer ao menos uma ponta das amarguras desta vida velha desgraçada.

– É.

– Genoveva foi presa?

– Foi.

– Por quê?

– Naturalmente só porque é louca. Há coisas que só se agüenta porque é o jeito. Nem é bom falar. Durma com uma goteira destas!

– E agora?...

– Que jeito!... Agüentar firme. Calado. Mas, sabe, negro velho, num momento destes é só quando tenho natureza de mandar um infeliz pra cidade dos pés-juntos. É duro. A gente só agüenta calado porque é o jeito. Infelizmente, estamos em Ditadura. Felizmente também, apesar de tudo, já se fala em Democracia. Já se fala na candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes. Você é porque não estudou. Não sabe o que significa governo de fato, despótico, arbitrário, de força. Se ao menos de longe você soubesse o que se passou em Roma, em Bizâncio, em Constantinopla,...

– Eu sei. Isso que estamos vendo. Gente pobre sofrendo, apanhando, morrendo, sem ter direito a nada. Casas de palha se queimando. Crianças morrendo queimadas, a Polícia prendendo, espancando, malando. Ilhotas. O Diabo a quatro. É, ou não é?

– Mais ou menos. Mas você conhece apenas esta Ditadura, porque viu. Eu quero dizer que você não sabe o que significa governo de força, totalitário, é na história. A história é a biografia da civilização. A civilização é a história do mundo. O mundo, bem entendido, tomando-se como fator principal o homem.

– Pau de Fumo, não sei nem quantas vezes já lhe disse que não adianta coisa nenhuma você mostrar sabedoria pra o meu lado. Não entendo patavina.

– É. E você é mais feliz do que eu. Mil vezes eu não tivesse estudado coisa alguma. Pelo menos eu sofria, mas não sabia por que sofria. Não sabia que pudesse existir um remédio pra meu sofrimento.

Por onde passava a Carinhosa, todo mundo ficava sabendo quem ia dentro. Já era por demais conhecida por todos aquela toadazinha de Genoveva:

— Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

XIII

O “Piauí”, um dos mais antigos vapores do Brasil, mas que ainda se arrastava por aquelas águas, abriu a torneira da goela dentro do silêncio da noite. Vinha descendo o rio. Vinha chegando. Noite escura de se meter o dedo no olho. Sem luz elétrica. Sem lua. Apenas as estrelas tremendo, piscando que mais piscando o olho lá nas alturas dos confins do céu. Um marinheiro velho, porco d'água veterano, que aliás estava *de quarto*, explicava, com tonalidade insinuante, a certo passageiro:

— Quando não há lua, não há quem conte as estrelas. No céu também é como na terra: quando os grandes se afastam, os pequenos folgam.

Teresina já se aproximava. Mas ninguém via sequer sinal de cidade. Escuridão. Nem lua, nem luz elétrica. Trevas puras. Noite mesma.

O vapor velho apitando dentro do pretume da noite. Conceição se aproximando de Teresina, pensando nas desgraças da vida. Para ela, não estava ali com tantos passageiros. Estava só. Só, naquela sua casinha. Não era o apito do vapor. Era o apito da lancha do Finado quando chegando de suas viagens. Depois o pensamento mudava de rumo. Mas ainda na lancha. Não chegando de viagem, e sim o dia da fuga. O bilhete. A espera. O relógio da torre da igreja de quando em vez badalando. A roupinha

arrumada na mala. O sinal do apito da lancha. A saída de casa. A rampa do rio. A lancha. Zé Remador. A partida. Os gritos do velho Fabrício em desespero de loucura. Zé Remador agarrado em sua cintura para que ela não se atirasse às águas. O velho gritando, rogando-lhe pragas até a quinta geração. E agora aquilo tudo, depois de tanto tempo, rondando em sua cabeça. Parecia ouvindo os mesmos gritos, e acompanhados daquele mesmo remorso:

– (Maldição de pai pega. Mesmo que se escrever para o Céu com resposta paga).

Mais de três anos. Para ela, porém, a noite ainda era a mesma. Nada ainda passado, porque mesmo nada ainda mudado em seu destino. A mesma noite quando se ausentando de Maria Gorda:

– (Pata Choca!)

As mesmas pragas do velho. Pegaram mesmo. Pegaram para o resto da vida.

Aquele apito triste não era do vapor, e sim o da lancha do seu pobre e tão querido Finado.

Conceição voltava viúva. Ainda bem que nem um filho pra ficar em suas costas naquela pobreza toda.

Zé Remador morreu. E lá se vinha a enteada de Maria Gorda voltando sem marido. Pobre. Sem ter de louça um caco. Sem um couro onde caísse morta.

Agora já Conceição não pensava mais na noite da fuga da casa do pai. Pensava mas apenas na noite da fuga de Zé Remador. Fuga para o outro lado da vida. Era como se tivesse visto tudo, como se aquela cena, aquele momento triste rondando sua cabeça:

Vinha vindo de S. Francisco para Amarante. Coitado! Tinha ido deixar um viajante. Lutando pela vida. Trabalhando às caladas da noite, em busca do pão para o

dia seguinte. Noite alta. Águas paradas. Tranqüilas. Pesadas no remo. Quando menos espera, a canoa derrapou. Pendeu para o lado da camboa. O velho Chico Preto estava ali pescando de anzol. O luar claro que nem um dia! A canoa derrapou e o negro velho gritou:

– Cuidado, Zé! Faz força, que a camboa velha a essas horas não brinca.

Mas as águas estavam pesadas. (E não há homem no mundo que saiba remar com segurança na chamada Camboa Grande de Amarante, especialmente em uma canoa velha deteriorada daquelas. E àquelas horas, então!...) Nem Zé Remador, cabra de fama no cabo do remo, conseguiu quebrar o capricho da camboa velha.

O velho Chico Preto gritava em desatino:

– Faz fincapé! Rema descendo! Cuidado, Zé! Rema descendo!

Alta noite. Amarante toda dormindo. Só Zé Remador, o velho Chico Preto e a canoa acordados. E a morte. Dentro do rio mesmo, só os três acordados: Zé Remador, a canoa e a morte. Lá no céu, a Lua brilhando. A canoa rodava, rodava,... mas não saía do lugar.

E o negro velho gritando na margem.

Por mais que ele se esforçasse, nada conseguia.

Nunca um homem, numa canoa velha, especialmente àquelas horas, teve a glória de sair da Camboa Grande de Amarante. Nem ele que nunca encontrara um barbado para cortar a sua proa nas águas do Parnaíba.

E lá se vem o começo do fim. Canoa mal betumada. Então as águas se aproveitaram daquele seu triste estado de conservação. E lá se vai a canoa bebendo, se alagando. O homem se valeu duma cuia. Mas era pequena. Quanto mais esgotava, mais água entrando. Até que lá

se vai a canoa afundando, mergulhando aos poucos. Até que desapareceu por completo.

A canoa desceu para o fundo do rio, e lá ficou o homem sobre as águas. Tentando nadar. Mergulhava. Vinha à tona. Outro mergulho. À tona de novo.

Acabou-se como se estivesse brincando com as águas, – mergulhando e voltando, e tornando mergulhar. Até que deu o último mergulho.

O velho Chico Preto, quando não mais viu o homem voltar, ergueu os braços e gritou em desespero:

– Orai por ele na Glória, Pai Eterno!

Uma coisa, porém, conformava Conceição. Zé Remador morreu afogado, mas não morreu sem vela. Não morreu sem luz. O velho Chico Preto contava. A Lua estava clara no céu, na terra e nas águas. Zé Remador morreu com o clarão da Lua nas mãos. Zé morreu com um luar de agosto banhando o seu corpo.

Só mesmo as águas da Camboa Grande de Amarante, e em horas mortas da noite, podiam matar afogado um cabra nadador da marca de Zé Remador.

E assim Conceição voltava para Teresina num desespero de alma viva solitária no mundo.

XIV

O velho Fabrício não recebeu a filha. E ainda disse por orgulho que era do tempo em que o homem tinha em si a palavra de honra. Não quebrou o dito. Não machucou a jura. Negou-se de receber Conceição. Caiu bem acorpediu. Rogou. Fez tudo. Mas, não houve jeito. Que ela se

fosse para onde bem quisesse e entendesse, até para o Quatorze-Bandas. Não houve jeito que desse jeito.

Havia mulheres sem marido às carradas naqueles dois bairros, – Palha de Arroz e Barrinha. Dois bairros irmanados, gêmeos e de iguais destinos. Iguais tanto em sofrimentos como pobreza e semodagens e demais desgraças do mundo, especialmente doenças. Muitas mulheres sem marido. Delas que um dia tiveram o seu homem legal. Outras que nunca um dia souberam o que fosse o gosto do casamento. Algumas com casas, embora de palha, com cama de varas ou esteira, ou tipóia velha. Ou mesmo até dormindo, amando e parindo no chão bruto. Outras que depois do incêndio tão falado viviam aí ao ar livre, por baixo das mangueiras. Todas, finalmente, pobres. Todas, porém, vivendo e sofrendo por conta própria. Mas amor sempre existindo por todas aquelas quebradas.

Estava Conceição no rol das sem-casa, no rol das sem-marido. E ainda mais que sem contar com ninguém no mundo por ela. Se não fosse o dr. Leovigildo lhe dar um vestido e um par de chinelos, estaria até sem uma muda e descalça. Dormindo de casa em casa daqueles seus conhecidos, pedindo esmola até de pouso. Como que ia ficar?! No olho da rua? Como um cão sem dono? Graças a Deus que o dr. Leovigildo vez por outra lhe dava um dinheirinho. (Homem bom).

Não era possível!... Viver pedindo a um e a outro pra lhe dar dormida toda santa noite?! Dois empreguinhos que encontrara não deram certo. Patroas miseráveis! Do jeito que ia, terminaria ficando aí como um bicho qualquer – agüentando pilhérias, taponas e bordoadas de gatos e cachorros. E acabando mesmo se sujeitando a dormir por aí, por baixo das moitas, como um bruto qualquer.

Para a profissão de certas amigas suas não tinha queda. Achou mesmo homens que lhe ofereceram vantagens. Patifes! Aproveitando-se de suas misérias. Assim mesmo o povo falava do dr. Leovigildo. Linguarudos! O único homem de vergonha que encontrara na Palha de Arroz. Nunca que lhe dirigira uma por pequena que fosse pilhéria. E sempre lhe dava alguma coisa. Se não fosse ele, já teria morrido de fome.

Miséria! Vida pra cachorro. Sem casa. Sem família. Sem coisa alguma.

Certo dia, Maria Preá lhe dera um conselho:

– Bota o peixe pra vadiar, menina!

– Não tenho natureza.

– Besteira. Natureza chega depois, que o negócio é bom mesmo. Tanta carne nova se desperdiçando assim! Isto é jóia. É dinheiro. Guardado assim mofa. Enferruja e termina até fedendo. Joga os burros n'água, que já vai você saber o que é vida. Tem pedaços amargos, mas também tem prazeres. Faz três coisas duma só vez – goza, ama e ganha. Maria Piribido é quem diz certo: vida gggg – gosta, goza, ganha e gasta. Bota o peixe pra vadiar, menina!

Aqueles conselhos bem que a deixavam propensa. Pra que honestidade numa vida daquelas?...

Melhor mesmo se entregar. Ah! se o dr. Leovigildo quisesse! Mas ele não lhe dava a menor entrada. Ora que coisa!... Um homem que até gostava daqueles teréns!... E com toda aquela cara dura pra seu lado! Podia se oferecer a ele. Mas não tinha coragem.

Arranchou-se na casinha de Maria Preá. Mas não cabia para bem dizer as duas. Só um quartinho e uma cozinha. Até se sentia acanhada. Mas Maria Preá dizia-lhe, em tom de franqueza:

– Não tenha acanhamento. O ranchinho é pobre, mas lhe cabe. Faça de conta que está em sua casa.

O diacho era que sempre, lá para as tantas da madrugada, lá se estava Maria Preá com uma visita. E lá se ia ela para a cozinha. Atava a tipufa e ficava a esperar que a mulher se desocupasse. A mais das vezes passava era o resto da noite ali, naquela dormida aperreada. Sono não vinha. Cozinha pequena. Sem porta, que até fazia medo um malfazejo. E uma muriçoca danada. Ainda mais aqueles rangidos da tipóia de Maria Preá nas escarpas, que lhe provocavam uma saudade azeda do Finado.

Mas ficava por ali, naqueles sofrimentos. Era o jeito.

Para completar, veio o caso das visitas do dr. Leovigildo. Aí tinha que deixar a rede. Era que o doutor já vinha com outra de companhia. E lá se ia para a cozinha, deixando a rede para a outra. Sentava-se nas trempes e ficava matando muriçocas.

Quando certa vez, chega Maria Preá acompanhada de Pau de Fumo. Já estava deitada. Levantou-se, esfregando os olhos e foi tratando de sair – com a rede debaixo do braço e lamparina na mão. Pau de Fumo pegou-a pelos ombros, puxou-a. Virou-se. O negro franziu os cenhos. Pôs a mão em pala, na testa, e admirou-se:

– Não diga!... Será mesmo Conceição do finado Zé Remador?!

– Toda inteira.

– Pois olhe, negra, vá lá em casa amanhã, que eu preciso falar uma coisa com você. Tá?

– E o que é?

– Depois eu digo. Lá.

Na cozinha. As escarpas rangindo. Uma saudade azeda do Finado. Ia mesmo à casa dele...? Pra que seria...?

As escarpas rangindo. Maria Preá choramingando. Diachol... que já não mais agüentava aqueles tormentos de provocações. Especialmente em noite do doutor, que só não era como gato, mas não sabia amar em silêncio.

Foi-se ter com Pau de Fumo. Era pra lhe dar rancho. Podia ficar ali como se fosse dona da casa. Duas necessidades que se encontravam na hora precisa. A mulher estava naquele estado – louca. Pois a dona da casa agora seria ela. Olhasse para os meninos, cuidasse de tudo. E ficasse certa que não queria nada de despropósito, de semodagens com ela. Viveriam como se dois irmãos.

Agora se firmava de novo no propósito de ser uma viúva honesta. Graças que se livrara das tentações de maldades nas horas de amores de Maria Preá. Ficaria ali na casa de Pau de Fumo. Iria olhar os filhinhos dele. Botar também sentido àquela pobre doida. Também iria lavar, gomar. Ganharia alguma coisa.

Tudo bem. Tudo muito bem. Tomou de conta de casa. Era como se fosse dona. Olhava os meninos. Vigia Genoveva. Era como se fosse dona de tudo.

Pôs também em ação aqueles planos que lhe vieram à cachola nos primeiros dias – lavar, gomar. E bem que arranjou freguesia. Chegou a ponto de não dar vencimento. Passava a manhã no rio – na pedra. A tarde (entrando às vezes na noite) batendo ferro gomando. Ganhando qualquer coisa. Já dava qualquer coisa de empurrão de auxílio a Pau de Fumo nas despesas da casa. O tempo que sobrava era ajeitando os meninos, arrumando a choupana, coisa e lousa.

Maria Preá às vezes por lá. Com aquelas conversas malucas:

– Bota o peixe pra vadiar, menina!

- Não tenho natureza.
- Tem. É porque está dormindo. Jogando os burros n'água ela acorda. É só besteira do orgulho de dizer que guarda honestidade. Pra que honestidade na pobreza....? Pra que pobreza sem amor?! O que é que pobre leva do mundo, se não ama?
- Mas eu já amei.
- Acontece que o amor que você amou já se foi. Aproveita. Agora é que é tempo. Está mesmo no ponto de amar a quem bem quiser. Deixa de besteira! Bota o peixe pra vadiar, menina!
- Não tenho natureza.
- É o de menos. Depois chega.

XV

Sentado numas tábuas, lá na beira do rio, Parente esperava o filho. Vinha vindo de Timon, de um seu mandado. Bonito e forte, o menino. Único orgulho do negro velho. De treze para quatorze anos. De corpo já bem desenvolvido. Calças curtas ainda. Mas de pernas grossas que nem uma moça bonita. Menino famoso, Antonino. Que já sabia nadar melhor do que ele, Parente. Que tinha nervos de causarem admiração a todo mundo. Corria, de ponta a ponta, por cima das grades da Ponte do Rio Parnaíba. Só ele e o irmão do acadêmico Acelino faziam aquilo. Eita dois meninos capirotos das profundas!

Bem. Mais tarde Antonino seria um pescador de defuntos. Exerceria aquela profissão que ele deixara por outra miserável da qual não mais podia sair e cujos caminhos mais curtos eram o da cadeia e o do cemitério.

Saltou da canoa – o menino. Deu o resultado do recado ao pai. A seguir, disse que precisava ir logo pra fazer um mandado do padre Salviano.

Antonino estava empregado na casa do padre Salviano. Parente, porém, não tolerava passar uns dois ou três dias sem passar as vistas nele. Parente adorava o filho. Única herança que a Finada lhe deixara por ocasião de fechar os olhos pra este mundo nas mãos duma parteira velha que, de tanto cortar umbigos de meninos por aquelas quebradas, já estava broca. Seria seu único herdeiro na profissão que por muitos tempos exercera naquelas águas. Dentro de toda aquela miséria de pobreza, Parente ainda sentia qualquer coisa de felicidade. Tinha um filho que, mesmo ainda menino, nadava melhor que qualquer macho de bigodes virados.

– Posso ir lá até hoje, pai. Só entregar uma carta.

– Pra quem essa carta?

– Sei não senhor. Só sei que é pra uma moça que até conheço de vista. Mas não me recordo do nome.

Então Parente fez questão de ver a tal carta. Precisava saber de que se tratava, pra melhor saber com quem o filho vivia. Abriu o envelope. Com uma raiva que só quem abre carta de cobrança – dessas cobranças secas, sem um pinga de educação, como as cobranças do Banco do Brasil.

Diacho... não saber ler. Assim mesmo brigava com Pau de Fumo quando vinha com aquelas lengalengas de estudos! Quase que até se pegavam naquele dia em que ele lhe dissera que saber ler era uma necessidade social, espiritual e até mesmo orgânica.

– (Que diacho seria necessidade social, espiritual, orgânica...? Na certa aquilo mesmo).

Abriu a carta. Ficou olhando para o papel, como um burro pra uma igreja. Aí foi e pediu a um rapaz que estava assim, que a lesse. Então vai o peste e lhe responde ser crime abrir uma correspondência alheia. Se ao menos tivesse falado de outra maneira!... Mas, de cara trancada como falou.... só se tivesse sangue de barata pra agüentar calado. Quanto mais ele que tinha por capricho não levar desaforo pra casa. Respondeu por cima. Que não se fizesse de besta! Por favor se calasse. Se não quisesse, ou não soubesse, não lesse. Mas não viesse com pantaformas de brutalidade pra o seu lado. Não era criança. Também sabia ser proibido abrir correspondência alheia. Mas também sabia que crime maior era um padre viver conquistando moças. Pois abriu a carta. E estava aberta. Se achasse ruim, que desse jeito. Azar! Além de tudo, Antonino era ainda criança. Outro crime do padre. Botando um menino em mau caminho.

Fez tudo para o sujeito ao menos dizer que ele era bonito. Queria quebrar-lhe a caravana ali mesmo. Mas o moço meteu a viola no saco. Não deu um pio. E arribou desconfiado que só cachorro quando mete o focinho na panela.

Virou-se para Antonino:

– Leva-e-traz entre amantes, meu filho, fica pra cabra safado. Homem que tem vergonha não se presta pra tocar trombone. Você é pobre. Mas eu quero que você seja um homem de peso e medida. Seja a primeira e última vez!

O menino foi franco. Não era a primeira vez aquela. Não sabia nem da conta das cartas do padre Salviano que levava, tanto para aquela como para outras moças. Até para mulheres casadas e pra uma viúva – que com esta era que o xodó era grosso.

Não encontrava o conhecido pra ler a tal carta. O menino lhe pediu o papel. Aí Parente gritou que ele se calasse. Do contrário, entraria em obra.

Vai Genoveva passando, cantando baixinho. Lembrou-se que ela sabia ler. Aprendeu com certa moça da qual fora empregada quando ainda meninota.

– Ainda sabe ler?... Genoveva.

– E bem.

– Pois então lê isto aqui!

Genoveva pegou o papel. Virou-o de um para outro lado. Abriu-o. Parente se perfilou para ouvir a leitura. Até que enfim ia ouvir o segredo dum padre sem-vergonha para uma moça que não ficava atrás na safadeza.

Genoveva parou de cantar. Ia ler uma carta de um padre para uma moça, para o maior amigo de seu marido ouvir.

E vai começando a leitura:

Teresina, 5 de junho de 1945.

Minha querida filha...

Pulou bem acolá! cantando a toda:

– Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

Parente arrebatou a carta das mãos da doida. Rasgou-a. E sentiu aquele ímpeto desatinado de esfregar aquele papel nas ventas daquela maluca. Lembrou, porém, que se tratava da mulher de Pau de Fumo – seu maior

amigo. Além de tudo, Pau de Fumo sabia daquele seu segredo. Sabia da história da morte de Chico Papagaio, aquele safado que se acabara no meio da mata, com três balaços na caixa do peito e uma orelha cortada pelo tronco. Pau de Fumo sabia daquele seu segredo naquela profissão infeliz que abraçara pra não morrer de fome no meio da rua. Mas, só ficaria satisfeito se esfregasse aquele papel nas ventas daquela infeliz que mais parecia se fazer de doida pra melhor passar. Em todo caso, talvez fosse louca mesmo. Quem sofreu o que ela sofrera, passara o que ela passara, não era pra ficar com um pinga de juízo dentro da cachola. Louca por causa do desastre da filha. Em seu lugar, também seria capaz de ficar daquele jeito. Podia ser castigado. Era verdade que depois que o povo bateu com a língua dizendo que os soldados do Comandante do 25º BC iam acabar com o quartel da Polícia Militar no primeiro incêndio que houvesse, nunca mais que se queimou uma casa de palha. Mas podia ser boato do povo, porque o povo, quando não tem o que fazer, inventa toda espécie de boato no mundo. E, se o caso fosse mesmo boato, muito bem podia ainda haver incêndio em Teresina. Mesmo que fosse verdade, podia ser castigado esfregando aquele papel nas ventas daquela maluca. Quando um dia o Major saísse do Piauí, na certa que os incêndios voltariam. Além de tudo, já sabia de que se tratava – uma carta de amor. Padre não tem necessidade de escrever pra uma mulher nem de outra maneira!... Veja daquela!... Começando logo por minha querida filha. Que tal!? Bastava, para saber o resto. Carta de amor. Safado! Descarado!

Antonino não mais voltaria pra casa do padre Salviano. Não fez filho pra se prestar de leva-e-traz entre namorados. Quanto mais padre! Por felicidade já havia

recebido adiantado o dinheiro do mês. Melhor. Melhor, pra ele aprender a ter filho de homem de vergonha em casa. À noitinha, quando o peste se botasse para a igreja, se fazendo de padre mesmo, ele (Antonino) arrumaria seus teréns e rumaria para a casa de seu pai.

A louca ria, mostrando dois colares de dentes amarelados que nunca viram escova. Depois saiu puxando os cabelos e cantando:

– Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

Mais louca do que ela era a vontade que Parente sentia de esfregar a carta do padre em sua cara. Mas podia ser castigado. E dois eram os caminhos do tal castigo. O caminho de Pau de Fumo bater com a língua sobre a morte de Chico Papagaio e o caminho de Antonino um dia infeliz morrer desastradamente como Zefinha. Mesmo que não fosse queimado. Podia ser mesmo ao contrário – nas águas do rio. Ninguém melhor do que ele sabia bater água. Mas também sabia que as águas querem é o bom nadador. Os que sabem nadar já são delas. E aquele rio que sempre fora seu maior camarada, que tanto dinheiro lhe dera nos felizes tempos das pescarias de defuntos, não podia, de maneira alguma, um dia se tornar seu inimigo. Ainda mais se lembrando como seria o quadro. Mergulhando no rio, procurando Antonino. Depois saía à flor da correnteza com ele nos braços. Antonino morto. Olhos vidrados. Barriga tinnindo! A boca aberta e correndo aquela baba. Ave-Maria! Santa Mãe-de-Deus!!! Não era nem bom lembrar.

Melhor seria jogar aquela carta nojenta nas águas. Rasgada já estava. E se ficasse com aqueles pedaços de papel nas mãos, bem capaz seria de esfregá-los nas ventas, na cara, nos dentes de Genoveva. Motivo de desonra para ele próprio. Um cabra de sua marca se rebaixar a se vingar duma mulher!... Além de tudo, de uma louca!... Não podia haver maior covardia em cima do chão.

Lá se vinha ela voltando. Cantando aquela mesma cantiga de sempre.

Coitada! Alma penada neste mundo velho de meu Deus. Como devia ser triste uma vida daquelas! Aonde andaria Pau de Fumo àquela hora?... Na certa que dando o duro pra ganhar o pão para aquela maluca e os filhos que ainda viviam.

Esfregou as mãos, com tudo quanto de ódio e ímpeto, fazendo dos pedaços de papel uma bola. E atirou-a nas águas:

— Vá-se à merda!

Sobre a correnteza descia um ponto branco. Uma bola de papel semelhante àqueles seus barcos nas enxurradas de quando menino. Mas não era barco. Não era brincadeira. Apenas uma carta dum padre pra uma moça. E descia num passo ritmado, como se dizendo, como se cantando:

— Minha querida filha. Minha querida filha. Minha querida filha.

XVI

Lá se estava a chapa de carregador no meio do calçamento. De cara pra cima. Número 208. Decerto que alguém a perdera. Ou então caiu do Céu. (Besteira! Quem

já viu coisas caírem do Céu?! Mas o certo era que não podia haver coisa melhor para quem, dentro de tanta miséria, desejava mudar de profissão.

E aqueles pensamentos na cabeça do negro. As coisas do meio do tempo são coisas sem dono. As coisas sem dono não são de ninguém. Ao mesmo tempo de qualquer pessoa. De quem tem a felicidade de encontrá-las. Se todo mundo é filho de Deus, todo mundo tem o direito de ser feliz. Até que enfim, pela primeira vez, caiu a sopa do mel no prato de sua vida. Podia ser que por ali pudesse enfrentar o destino. Fazia tempo que procurava uma daquelas. Tanto que tentou adquirir uma chapa de carregador! Uma das coisas mais difíceis naquela terra para gente pobre e sem proteção como ele. Se tornava mais fácil até mesmo roubar. Chapa de carregador... Ô coisa danada de difícil pra se tirar numa Polícia nojenta como a do Piauí! Que Estado miserável! Nem Sindicato de Carregador tinha! Tudo entregue só mesmo aos homens do Poder.

O tempo estava ruim. E cada vez pior. Até se pegar no alheio se tornava mais difícil. Além do mais, Conceição tinha medo de alma. De modo algum dormia em casa sem ele. Como foi mesmo oportuna aquela chapa no destino de sua vida! Mais de que qualquer um outro tinha necessidade de ser carregador. Mas a Polícia lhe dificultava tudo. Se aqueles miseráveis soubessem que ele queria ser chapeado para dar um chute na vida de ladrão, talvez que lhe arranjassem uma. Não com espírito de benefício, mas com objetivo de lhe dar menos trabalho. Certa vez, o Major Paulino Bento estava presente e disse:

— Eugênio, aproveite o rapaz! Talvez seja uma oportunidade para ele se regenerar.

O peste respondeu por aqui:

– É nada, Major! Eu conheço este moleque como as palmas de minhas mãos. É ruim que nem carne-de-cabeça. Fichado como ladrão não sei quantas vezes.

– Quem sabe se não é a precisão que o obriga a roubar. Aproveite a oportunidade! Faça um teste! Dê uma chapa de carregador a ele. Pode ser que se recupere.

Mas o peste do Eugênio não deu bolas à opinião do Major Paulino. Quando este era quem estava com a razão.

O negro com a chapa nas mãos e aqueles pensamentos malucos na cabeça. (Logo, estava um pouco bebaço). Até que enfim Deus se lembrava de seu nome. Diabo!... Também não era possível que vivesse a vida toda esquecido por todos os lados – da sorte, dos homens,... de tudo enfim. Quando Conceição chegou, até pensou que ela viesse para ele como se um presente caído do Céu. Logo, ela mesma dizia que saíra dum Inferno (que era a casa da madrastra) para um Purgatório (a casa do Fimado). Agora era como se estivesse num Céu. (Ora que diacho! Céu numa pobreza daquelas?!...)

Podia amar Conceição. Podia ela servir de mulher pra ele. Não seria nada demais. Ela sem marido (e ainda nova). Ele sem mulher (e ainda moço também). Ela servindo de mulher pra ele; ele servindo de marido pra ela. Elas por elas. Era juntar o útil ao agradável. Mas não tinha coragem de lhe propor tal acordo. Cabimento ela não lhe dava nem de longe.

Estava chapeado. Agora podia dizer que ia deixar de roubar. Conceição, que tantas noites passava sem pregar olhos com medo de alma, agora ia ter alívio. Quando ele, forçado por uma necessidade qualquer, dormia no mato, ou na casa de Maria Preá ou de zabaneira qualquer, a pobre da Conceição não tirava um cochilo.

Agora ia ter uma profissão. E liberal! Grande ofício para o homem que sempre teve o desejo de trabalhar honestamente. Maior mesmo do que o diploma dum doutor imbecil que errou a profissão e vive por aí a mendigar um empregozinho do País chorado. Ou mesmo vive por aí batendo pernas nas ruas, dentro dum terno surrado e enforcado numa gravata lavada. Teresina mesma, apesar de cidade ainda pequena, estava cheia de advogados, médicos, dentistas e farmacêuticos vagabundos.

Nunca mais baixaria os dez dedos das mãos no alheio! Nunca mais que arriscaria a vida dentro do Poço da Usina. Nunca mais que seu lombo serviria de lixa! Nunca mais que seu espinhaço lixaria cassetetes e sabres daquela cambada sem-vergonha!

Adeus Poço da Usina! Adeus Cassetetes! Adeus sabres e faxinas. Adeus tudo que de ruim na vida dum pobre ladrão pode existir. Adeus tudo, que Pau de Fumo morreu. Está em Glória. O célebre moleque da margem do Parnaíba suicidara-se no meio da cidade, no meio da rua, com uma chapa de carregador nas mãos. Tanto que a Polícia pelejou pra matá-lo! Estava satisfeito. Fez aquilo que o povo vilmarano pelejou e não conseguiu. Aquilo sim!... era que era ser vingança! Matou-se, deixando a Polícia com água na boca.

Certo dia, já fazia tanto tempo que não se lembrava mais nem quando (só como e onde), Chico da Benta morreu e Pau de Fumo veio ao mundo. Primeiro roubo. Primeira prisão. Depois das sovas, o Comissário dissera:

— Tragam-me esse Pau de Fumo pra ouvir um padre-nosso!

O nome pegou. Dali por diante, tido, havido e conhecido por Pau de Fumo. Pegou duma tal maneira que,

dentro de pouco tempo, já ninguém o conhecia por Chico da Benta – Pau de Fumo.

Não se zangava com tal apelido. Agora, porém, ia fazer questão de ser tratado pelo nome. Pau de Fumo era apenas e tão-somente o ladrão. Agora seria o carregador, o homem trabalhador e honesto, o pai de família que voltava ao nome de origem: Chico da Benta.

Estava quase completamente bêbado na hora. Com a chapa às mãos e aqueles pensamentos doidos na cabeça. Quando Chico da Benta bateu o corredor, Genoveva ainda era nova. E bonita. Mãe de três filhos seus. Era sua mulher e ficou sendo mulher de Pau de Fumo.

– (Que coisa engraçada! Mudou de marido sem deixar de ser honesta. Sem ficar viúva. E sem nunca se deitar com outro homem. Caso *sui-generis*).

Diabol!... Qualquer coisa em latim trazia-lhe à lembrança aqueles felizes tempos de estudante. O professor Cagliostro explicando que seu nome era italiano – gl soando lh.

Por isso mesmo não mais gostava de assistir à missa. Só porque era em latim e trazia-lhe à lembrança os bons tempos de colégio, com tantos professores amigos, especialmente o padre José Luís e Cagliostro.

Sim... Quando Chico da Benta morreu (morte simbólica), Genoveva era uma verdadeira dona de casa. Lavava, gomava, fazia tudo. Já agora Pau de Fumo morria sem deixar a mesma herança para Chico da Benta. Genoveva estava acabada. Um caco de gente. Um cadáver ambulante. Louca varrida! E, para maior tristeza, o peste do incêndio cobrara-lhes o macabro dízimo levando uma filhinha. Além do mais, tinha ele agora duas e Veva só uma. A única filha que para ela existia era a queimada

– morta, vestida numa mortalha de cinza e com umas asinhas e uma grinalda de palha de coco. E as mãozinhas no rosto talvez que para não enxergar os pestes que fizeram a loucura de sua mãe.

O negro bêbado, com a chapa às mãos e aqueles pensamentos malucos na cabeça. E com uma vontade azeda de correr pelas ruas gritando desesperado:

– Pau de Fumo morreu! Pau de Fumo morreu! Chico da Benta nasceu de novo! Carregador 208! Dia santo do negro Pau de Fumo! Dia santo do negro Chico da Benta! Carregador 208! Pronto, patrão! Às suas ordens! Um criado para servir-lhe! Carregador 208! Pronto, patrão!

XVII

Três empreitadas gordas apareceram. Não aceitou nem uma. (Besteira?!). Podia ser. Aquela era sua profissão – caçar gente. Não podia negar para quem lhe viesse propor negócio. Logo o camarada, o freguês, já vinha informado, já sabia de quem se tratava. Mas era que tinha lá os seus compromissos. Nunca que o dedo do negro Parente apertaria o gatilho nos peitos do macho que não tivesse, no mínimo, uma alma de cristão nas costas. (Ou ao menos os dois cruzados de uma virgem). Era jura. Jura que fizera com uma cruz nos dedos, olhando para aquele Santo Antônio que conduzia no bolso na noite do caso de Chico Papagaio. Na voz de matar quem não tivesse ao menos um crime nas costas, homem nenhum contasse com ele. Quem julgasse que ele matava simplesmente para ganhar dinheiro estava redondamente enganado. Era verdade que precisava de ganhar, para se

manter e sustentar o filho. Mas matava também pra vingar a morte de alguém ou outro crime pesado qualquer. Foi o caso de Chico Papagaio. O de Manoel Pinto, lá nos Matões. O caso de Zé Chico – ali para as bandas de Natal. Ô luta feia! Errou o primeiro tiro e Zé Chico se fez na faca. E aí, os dois perto um do outro, o rifle não dava para fazer nada. Que vale que se lembrou do revólver. Matou Zé Chico. Mas quase que ia morrendo também. Cabra macho, o Zé Chico. Mas se foi. Mas a valença foi a arma curta.

Três empreitadas. Não aceitou nem uma. Dizer que matava pra receber a jóia e não matar, não fazia. Tudo o quanto de defeitos podia ter o negro Parente – menos o de roubar.

O tempo estava ruim. Não aparecia um gancho por pequeno que fosse. (Gancho pequeno era apenas sova). Jamais havia passado por safra tão mesquinha. Só se pegasse uma daquelas. Não. Pegava não. Na vez de quebrar a jura que fizera olhando pra seu Santinho Protetor, ajoelhado à margem de seu Parnaíba velho querido de suas pescarias de defuntos no passado, e olhando para as estrelas no céu, dinheiro não tinha valor. Quando o negro Parente quebrasse aquela sua jura, Deus deixava de ser Deus, o mundo deixava de ser mundo e Santo Antônio deixava de ser Santo Antônio.

Parente não sabia o que fizesse. De louça não tinha um caco. Limpo como Deus quer as almas! Só se fosse uma daquelas empreitadas. Aliás, uma não era propriamente matar. Quebrar o prelo do Jornal "O Piauí" e empastelar os tipos. Ia sair na mesma coisa. Pra quebrar o jornal, seria preciso matar o vigia (Miguel Pedro) que aquele era muito homem pra brigar até morrer. Seu conhecido e amigo. E com um bocado de filhos pequenos. Por dinheiro nenhum faria uma perversidade daquelas.

Ganho não aparecia. Ainda mais com o filho desempregado. O ganho do menino não valia nada. Mal dava para vesti-lo. Mas, numa ocasião de aperturas daquelas, porém, valia muita coisa. E o bichinho tinha ao menos o de-comer seguro. Aí era como costumava dizer Pau de Fumo:

– Toda roupa serve ao nu – até um colete por trás duma janela.

Os dias passando. Sem encontrar negócio. O menino desempregado. Gastou o último vintém. Fazer então o quê?! Para onde se virar, se outro meio de vida não tinha! E Antonino sofrendo com ele. Passando fome. Mas o menino não devia tomar conhecimento da razão principal daquele seu triste estado de miséria de vida. Não era nem pra sonhar que ele um dia matara alguém pra ganhar dinheiro.

Às vezes, o menino vinha-lhe com aquelas perguntas:

– Ora, pai... Em que que o senhor trabalha? De que o senhor ganha dinheiro? De que o senhor vive?!

Parente titubeava. Um bocado de explicações quase sem rumo. Que nunca tivera profissão certa. Que sempre vivera de trabalhos avulsos.

– Mas o senhor devia ter uma ocupação qualquer. O senhor nunca teve profissão certa?

– Já, sim. Pescador de defuntos. Quando eu vivia de procurar afogados no rio Parnaíba, sempre tinha o meu tostãozinho no buraco do riscado. Pouco. Dinheiro curto. Mas sempre não me faltava o com que passar.

Antonino ouvia aquelas respostas. Parente explicava-lhe como mergulhava, como apanhava o defunto no fundo das águas. De que maneira arrastava o defunto até fora.

Antonino ouvia aquelas estórias. E ficava entusiasmado. Bonito, pescar defunto! Bravuras!

– Pois fique o senhor sabendo que eu vou ser pescador de defuntos.

– Tolice!... meu filho. Não é vida. Você vai é aprender a ler e arranjar um emprego qualquer.

– Aprender a ler como?... se o senhor não pode me botar na escola.

– Um dia há de haver um jeitinho.

– Que jeito! Mesmo assim, o que que adianta! Pra que mais que estudou Pau de Fumo. Agora mesmo, depois que anda por aí metido a carregador, toda folgazinha que tem vai ler lá na Biblioteca. Parece que deixa até de trabalhar pra ler. E o que é que ele faz com tanta leitura? Eu quero é ser pescador de defunto. O senhor mesmo diz que naqueles tempos nem sofria tanta necessidade.

– Leitura adianta, meu bem. A Ditadura está de vela nas mãos. O Brigadeiro Eduardo Gomes vem aí mesmo. E com ele diz: a coisa vai mudar de rumo.

Arranjou dois anzoizinhos. À noite, lá se ia com o menino pra beira do rio. Pescar alguns pias, mandis. De quando em vez, um peixe qualquer começava a dar aquelas sacodidinhas gostosas na linha. Fazia fiapo. Ele açoi-tava a vara lá fora. Às vezes, ferrava mesmo qualquer piabinha.

Os dois ali sentados – pai e filho. As águas naquelas sussurros mansos e abafados de rio à noite. Horas mortas. E o negro pensando nas proezas do passado. Deu bonitos cangapés naquelas águas. E lá se lhe vinham aquelas lembranças daqueles tempos que se foram:

– (Os meninos gêmeos. Pedro Tampa. A lavandeira velha da Barrinha. O estudante da pensão Glória – filho único

daquele fazendeiro velho danado de rico das bandas de Santa Filomena. O guarda-civil,... e tantos outros. Sim... a moça. Aquela moça branca e bonita da Vermelha).

– Pai, eu quero ser um dia pescador de defunto.

– Besteira, como! Está sonhando?

– Sonhando não, pai. Muito melhor que pescar estas piabinhas.

– Você vai é aprender a ler.

– Aprender a ler pra quê?! O que que adianta!? O que que Pau de fumo faz com tanta leitura?... Vive aí na maior pedra.

Parente e Antonino passavam horas e horas ali na beira do rio. Pescando. Iam até alta noite! Um mosquito danado! Uma muriçoca medonha!

Madrugada velha. Lá se iam os dois para casa. Pai e filho. Com uns cambozinhos chorados de branquinhas, mandis, piranhas, alguns piaus.

Interessante era que os pescadores velhos profissionais pegavam cada peixe grande!... Cada curimatá! Cada surubim! Piratinga até de 80 quilos!

Mas era que eles tinham seus apetrechos – anzóis grandes, enganchos, tarrafas, paris... Até canoas!

Lá se iam bambos de sono os dois para casa – pai e filho.

XVIII

Vida mais ou menos aquela de Conceição lhe ajudando. Mas era que só aquilo não bastava. Bem que ela podia ser sua para todos os efeitos. Para que diacho os dois dormindo ali separados!? Ela ainda nova e precisando

de homem. Ele ainda novo e precisando de mulher. Podia se dirigir a ela. Se quisesse, quisesse. Se desse o contra, nada feito. Ficava o dito por não dito.

Diacho! Algum dia ao menos pensou que desse naquilo! Nunca que tivera ao menos intenção de um dia botar os sentidos em homem algum. Mas o moleque veio mesmo com um queixo danado. Tanto laço! Tantos arroteios!... Como diacho um homem sabia dizer tanta coisa bonita a ponto de uma mulher de seu quilate entregar os pontos de uma hora pra outra!? Ô tentação do Capiroto! E gostou da estória. Ali sim!... viu homem saber mesmo amar de verdade e com substância.

Só tinha pena da doida. Mas era o menos. Genoveva não era mais mulher em cima do chão pra coisa nenhuma no rumo de homem. Era até um benefício. Se era de ele andar procurando qualquer catraia sebosa por aí, vivia com ela. Era o mesmo que marido e mulher.

Agora os dois como se casados. Ele só dela. Ela só dele. Pra bem dizer, estava gostando daquela vida. Não tinha diferença de casada. E Genoveva nem ligava a menor importância àqueles seus licutes com Chico da Benta.

Os dois deitadinhos juntos.

– Quantos dias perdemos, negra?

– Sei lá! Um bandão de tempo. Bem um ano.

– A vida é isto mesmo. A gente teve origem no amor. Lá em Adão e Eva. E cada um que nasce é filho dum ato amoroso. E vive amando. Se não houvesse amor, não haveria mundo. Quem diacho queria viver sem amor! Hem? Diz!

– Ninguém!... Ninguém!... meu Chico!

Mas se deu que logo começaram os boatos. Suas companheiras da pedra de lavar roupas sempre dando em sua vida. Chegava em casa aborrecida, querendo se arrepender.

– Deixe que falem, Ceição! Falar é fôlego. Você me sendo sincera é o quanto basta. Faça ouvidos de mercador. A vida é isto, meu bem. Agora eu lhe pergunto: além do amor, o que é que pobre goza? E note bem: a única coisa boa que ainda não é proibida gente pobre fazer nesta terra é amar. Com a língua do povo não há quem possa. Se a gente fosse se importar com tudo que o povo diz, nem caridade podia se fazer neste mundo velho e infame que Deus nos deu por desconto de pecados.

– E você quer dizer que me ama por caridade?!

– Ô!... negra! Não me venha com uma coisa destas! Nosso amor não foi pegado em arapuca nem encontrado em recanto de muro. Eu quero dizer que pobre só vive feliz quando sabe viver na língua do povo. A maior arma do mundo é o silêncio. É inveja delas, porque você hoje tem casa, tem marido. E eu tenho mulher. Já é alguma coisa de felicidade, se é que se pode dizer que felicidade vive na pobreza.

Pau de Fumo agora podia se virar na vida com alguma coisa de prazer. Tinha quem tomasse conta de sua casa com o maior zelo. Quem olhasse para seus filhos. Para Genoveva, que não mais era mulher para coisa nenhuma no mundo, mas era mãe de seus rebentos. Tinha mulher. Tinha amor.

Pau de Fumo, apesar de tudo, se sentia feliz. Era carregador. Tinha Ceição – nova e bonita. A cabocla mais chancuda da Palha de Arroz. Mulata dengosa e faceira. Ancas fartas. Coxas grossas. Peitos volumosos, mas bem armados (Duros que só de moça!). Moreno-fechado, tirando

a cor de índio. Com uma cabeleira preta, escorrida e grande, batendo abaixo da cintura que de há tempo não via tesoura.

XIX

Quase que a pobre da Maria Piribido perdeu a bola de repente. Por um triz ia ficando doida duma hora pra outra. Trabalhou uma vida, naquela sua profissão de mulher infeliz, para adquirir aquelas jóias. Só ela sabia o que sofreu, o que passou, pra chegar a possuir aquele cabedal. Quantas vezes suou, de cara para cima sem o menor prazer, contando as telhas pra matar o tempo, pra chegar a ter de seu aqueles enfeites?! E vir assim um filho do Diabo e surrupiar tudo sem deixar endereço. Quantas vezes sofreu fingindo amor?!...

Quem teria sido?... Decerto que talvez até algum daqueles que se diziam seus amigos. Podia até fazer mais ou menos um cálculo nos sentidos. Mas era que os que se diziam seus amigos eram tantos!... Para mais de dez entraram em seu quarto naqueles três dias em que não saíra de casa pensando estar fazendo muita coisa na vida naquela sua profissão de *cara-pra-cima*. Uns três dias sem sair à rua. Por isso mesmo não passara o rabo do olho em sua penteadeira.

Quem teria sido!? Dois não eram. Ladrão não gosta de sociedade. Ela também não. Nunca que em seu quarto entrou mais de um freguês a um só tempo. Tanto que nunca aceitou ficar com o dr. Leovigildo. Só porque ele tinha aquela mania maluca de só ficar com uma mulher com outra pessoa ali de lado pra na hora estar pegando...

Por último, já tinha até um estudante de companheiro que se prestava àquele serviço sem cabimento de explicação. Ainda mais que depois o estudante bebia o soro do doutor. Além do mais, ao invés dos dois pagarem, só o dr. Leovigildo pagava. E nem pagava bem, porque também vivia gastando com ele, estudante.

Foi um escândalo no Cai-n'Água o roubo das jóias de Maria Piribido. Chica Pote ficou por conta. Há muito tempo que era *madame* e nunca que em pensão sua havia se dado uma daquelas.

Quem teria sido?! Na certa que ao apanhar um jarro d'água no terraço para o asseio, o indivíduo varreu seu porta-jóias.

Tantas coisas boas que Maria Piribido possuía! Qual a gata daquelas pensões da Barrinha, Paissandu, Palha de Arroz e até mesmo do Cai-n'Água pra ao menos de longe chegar a seus pés no luxo!? Por isso mesmo sempre bem festejada. Puta disputada por gente grande. Amigos bons. Cheios da nota. Gente fina. Até Desembargadores visitavam seu quarto. Já estava até caminhando pra ser amante do Desembargador Evaristo Neves. Verdade que o Desembargador Evaristo vivia de encrenca com Ana Marreca. Mas, vez por outra, dava um salto em seu quarto. Tanto que certa vez Ana Marreca desconfiou da estória e botou nela. Turra feia. Saiu pornografia de todo tamanho.

Agora sim!... Entraria em decadência. Como atrair a freguesia!? Com a cara? Material até que tinha. Mulher tanque, mas *encarcada*. Peitos armados que nem de moça nova e nunca bolinada. Quadris fornidos – balaio de negra forra. Era um pedaço de mulher que por gosto podia se olhar.

Mas é que mulher sem luxo não tem preço. Sem enfeites, sem jóias, sem adornos próprios não há mulher

bonita no mundo. Esse negócio de mulher bonita, em si, ser peixão, é conversa fiada pra boi dormir. Pura besteira! São apenas anzóis de carne que pescam peixes pelos salões, pelas janelas, pelas calçadas, ruas e praças. E lá se vêm eles, pelo faro do perfume, do luxo, para suas pensões, seus quartos, suas camas. Mas é que anzol sem isca não pega nada. E as iscas dos anzóis das mulheres são as jóias. As jóias que elas usam no pescoço, nos braços, nas orelhas, nos dedos. Os perfumes. Os vestidos bonitos – especialmente aqueles que mostram a forma do corpo. Os calçados finos e demais preparos.

Agora, se havia sido alguma catraia daquelas suas colegas de pensão...? Bem capaz, que aí entrava também a suspeita de ter sido também pra ela perder o prestígio que desfrutava diante dos homens de dinheiro. Bem capaz! Inveja faz tudo.

O Comissário registrou a queixa para apenas cumprir com seu dever. Mas foi franco. Disse mesmo pra ela que melhor (melhor não, mais fácil) seria cavar lajeiro com cavador de pinhão e derrubar pau-d'arco com foice de bananeira. Como haveria de saber, dentre homens e mais homens que entravam em seu quarto quem haveria roubado suas jóias!?... Quase que fez um discurso. Terminou, porém, dando-lhe uma injeção de conforto. Terminou dizendo que a jóia mais bonita e de mais valor do seu quarto havia ficado – ela. Pôs a mão em seu ombro. Passou o braço em seu pescoço. Pegou no queixo. Apalpou-lhe os seios:

– Você é uma jóia, minha filha. Uma tentação de Eva. Não sabe a história de Adão e Eva no Paraíso? Pois você é uma Eva moderna. Não há homem que agüente calado a sua provocação de carnes. Fique certa que a história de Adão e Eva com o fruto proibido e a serpente tentadora

está se repetindo agora mesmo. É a primeira vez que falto com o devido respeito a meu cargo dentro deste gabinete. Lá para dentro tem um quarto do Comissário do plantão, com cama e tudo.

E se foram saindo os dois. Maria Piribido triste, pensando nas jóias. Mas com certa coisa de conforto diante duma autoridade com uma amabilidade baita daquelas. Já era alguma coisa na vida duma mulher-da-vida.

Ao passar por um guarda velho que estava assim cochilando a um banco, seu Eptácio falou:

– Fique aí no gabinete, que eu vou tomar café. Volto jazinho.

– (Tomar café!...)

E se foram.

– Pode até ser, minha filha. Só que não temos investigadores abalizados. Ah! um *Sherlock*! Ah! *Scotland Yard*!

– O que é *Sherlock*? O que é *Scotland Yard*?!

– Depois eu digo. Agora eu quero saber apenas quem é você. É mesmo uma jóia! Meu bem! Negra!... Ne-e-e-gra! Diabinha! Tentação! Tentação!!!

Agora no quarto da pensão. Só. Despida pra vestir o chambre de dormir. Diante do espelho. Passando as mãos no rosto, na cabeça, no ventre. Virava-se assim um pouco. Passando as mãos, de leve, alisando com carinho os quadris. Fartos e largos. E de carnes duras ainda. Falando só:

– Que negra bonita! Que violão!

A melhor e mais bela jóia de seu quarto era mesmo ela. E o bom era que não era opinião apenas sua. Dum Comissário. Homem cheio da gaita. Capaz de amar a uma mulher sozinho. Tanto que tinha vontade de um

dia possuir um homem só pra ela! Talvez que um dia desse certo. Talvez que um dia fosse feliz com seu Epitácio. Sairia da pensão. Livrar-se-ia de dona Chica Pote com aquelas suas exigências. Até que dona Chica não era *madame* tão ruim. Quem não prestava era a vida. Vida de pensão. Olhe que ser obrigada a aceitar qualquer homem!... Dançar sem querer! Beber sem querer! Passar às vezes até uma ou duas da madrugada sentada numa banca com um sujeito antipático!... E dona Chica com aqueles olhões de jia em cima dela, pra ver se estava mesmo bebendo, dando lucro à casa!... Deixar às vezes de aceitar um rapaz bonito e ficar com um velho! Só porque o diacho do velho tinha dinheiro!

Tinha também o caso do Desembargador Evaristo. Chegou mesmo a dizer que ia terminar dando o fora em Ana Marreca pra ficar com ela. Que ela era o tipo da mulher ideal pra ele. Disse até aquela brincadeira naquela tarde:

– Piribido, você é a mulher que o médico me recomendou.

Que felicidade se assim acontecesse! Viver numa casinha com o dr. Evaristo. Possuir uma cama onde outro homem além do Desembargador não se deitasse...

Vestiu o *pergnoir* bonito. De seda. Todo cheio de *rococós* e *lais*. E ficou ali pensando que, com toda aquela beleza, bem que um dia podia ser uma mulher feliz na vida. Mesmo que não fosse com o Desembargador Evaristo Neves. Com seu Epitácio. Ou mesmo com qualquer outro homem de dinheiro e posição.

No dia seguinte, voltaria à Polícia. Não tanto pelas jóias, que seria (seu Epitácio disse) malhar em ferro frio.

Era mais para se aproximar dele. Dentro de toda aquela sua amabilidade, só podia haver um mundo de paixão. Conheceu que o homem falou no sério. Falou de dentro. Seu Eptácio falou com sustância. Falar com seu Eptácio outra vez. O caso agora já era mais para um novo destino em sua vida, de que para rever suas jóias.

Levantou-se cedo. Tomou banho. Raspou as axilas... Perfumou-se. Fez a toalete completa. Vestiu aquele *dishabillé* estampado e enfeitado de frufus e se foi para a mesa do café.

Acendeu um cigarro. E ficou naquelas baforadas gostosas. Só pensando em seu Eptácio.

XX

O velho Antônio Batista, mais conhecido por Antônio Cabeça-Branca, tinha para obra de setenta janeiros nos couros. E caminhava para uns quarenta naquela sua profissão de responsos. E a voz do povo era que nunca um trabalho seu mentiu fogo. Fazia coisa de sete cabeças, coisas do arco-da-velha. Sua fama de responsador corria os quatro cantos da cidade e se alastrava mundo afora. Até de S. Luís do Maranhão, terra de grandes pajés – grandes mestres na arte – vinha gente pra ele fazer trabalhos.

Maria Piribido não conhecia pessoalmente o velho Antônio Cabeça-Branca. Só de nome. Pela fama. Era agora, porém, chegada a vez. A vez de conhecê-lo de vista. Dava-se que o momento oportuno e necessário batera-lhe à porta. Decerto que iria dar certo. Nunca um outro cristão soube responsar Santo Antônio com tanta perfeição. Nasceu dotado para aquilo. O próprio nome dava

certo – Antônio. Um Antônio que responsava Santo Antônio. Cabeça-Branca na certa que significava experiência. Veio ao mundo com aquela sorte, aquele destino, aquele dom. Com a sorte, o destino e o dom de responsar Santo Antônio e encontrar objetos roubados e perdidos.

Foi. Falou com ele. Contou-lhe tudo.

Tudo bem. Tudo certo. Só duas coisas de começo o velho exigia para que suas jóias voltassem às suas mãos. – Duas velas virgens e que ela tivesse coragem. Coragem, porque seu responso era um tanto diferente dos demais. Ficaria estirado ao meio da sala, como se morto. Ela mesma tinha de lhe acender duas velas (Velas virgens). Uma à cabeça, outra aos pés. E com mais um porém: tinha de lhe botar sentinela. Só ela, naquela sentinela ao defunto vivo, de meia-noite até a *barra-do-dia* quebrar no levante. No mínimo, até às três horas mais ou menos.

Vai Maria Piribido e interroga:

– E se eu não tiver coragem?

– Lá isto é por sua conta, minha filha. Você é quem sabe por onde é mais perto. Você bem deve saber onde seu bodoque bota. Se correr na hora, eu morro mesmo. Morro, e minha alma vai ficar em sua cacunda para o resto da vida. Se não agüenta, melhor dizer logo. Uma coisa porém, eu lhe afirmo: o Santo dá força. Pode vir sem sobrosso. Santo Antônio mesmo há de lhe dar sustância de coragem, que nem queira saber!

Quis desistir. Mas logo pensou nas jóias. Tanta coisa cara que lhe custara uma vida de *cara-pra-cima*!

E o velho acrescentou que não trouxesse companhia. Que era preciso ter sangue no olho. Se não tivesse coragem para agüentar o banzeiro até o fim, fosse sincera. Usasse de franqueza porque, se corresse antes de o trabalho terminado, ele morreria mesmo.

Maria Piribido respondeu que primeiro ia pensar. Foi quando Cabeça-Branca falou em tom autoritário:

– De pensar morreu meu avô. Quem pensa não casa. Todo penso é torto, e *viagem-de-boca* não precisa de alforjes. Mas, mais uma vez lhe afirmo: o Santo dá força. Dá coragem. Venha com fé, que eu garanto como nada de assombração vai lhe acontecer.

Outra vez pensou nas jóias. Aí se deliberou de vez em não pensar em mais nada no mundo. Aceitava, de bom gosto, a parada. Contanto que suas jóias voltassem às suas mãos. Era muito mulher pra botar sentinela ao velho Antônio Cabeça-Branca que, naquela hora, arriscava a própria vida por um cabedal seu que um ladrão qualquer roubara. Mesmo, do contrário ela iria descer na vida. Não estava mesmo nem livre de terminar num *cabaret* de baixa laia – Curral-das-Éguas, Balança-Cu, ou mesmo num dos dois piores dos piores – Quatorze-Bandas da Palha de Arroz ou mesmo no Pau-Não-Cessa da negra Zefa Cavaco.

Disse que vinha. Aceitava a parada. Estava disposta a tudo. Queria, a qualquer preço, rever suas jóias. E agüentava mesmo o banzeiro.

Então acertaram tudo. Dali a quatro dias. Estavam em segunda-feira. Dia aziago. Dia das almas. Impróprio para responso. Que ela viesse sexta-feira, dia mais próprio para se iniciar trabalho de responso ou mesmo qualquer outro serviço de reza forte.

Tudo certo. Tudo apalavrado. Tudo justo que nem ilhós nos dedos. Sexta-feira. Muito bem! Sexta-feira.

XXI

Provou ser mulher e tanto. Mulher em todos os sentidos. O próprio Cabeça-Branca ficou de queixo caído de tão admirado. Há bem uns quarenta anos que vivia naquela lida. Muitas e muitas mulheres passaram por ele naquela vida. Não se lembrava nem quantas. Mas, na realidade, pra não mentir, bem poucas tiveram tanta coragem. Bem poucas lhe fizeram *corte-de-sentinela* sem arrear o pé do ponto. Lembrava-se que a última fora uma da mesma profissão de Maria Piribido. Também nova. Talvez que até mais. Também bonita, mas não tanto. Que o pagamento havia sido mais ou menos o mesmo. Mas, já ia isso para coisa de um ano. Tinha sido a última noite que uma mulher botara *corte-de-sentinela* ao pobre do velhinho aleijado. Aleijado e velho sim, mas tomava a *saúde-do-homem*. E ainda era mesmo homem em todos os sentidos de sustância. Pois bem, aquela havia sido a última. E tudo que queria fora descoberto. Também jóias roubadas. Mas foi ingrata. Ingrata... Apesar das promessas, nunca mais que cruzara os pés em sua portinha de esteira para se sentar em seu tamborete, deitar-se em sua tipóia para um chá de *prosa-de-casal*. Talvez que também aquela fosse a única oportunidade de Maria Piribido passar por sua casinha. Na certa, que mulher-da-vida, especialmente bonita e nova e cheia de luxo, só quer homem enquanto está sendo servida. Ingratas! Só querem o *venha-a-nós*. Tinha certeza que ela só andaria ali as duas noites que faltavam para o completo do responso.

Mulher e tanto era dona Febrônia do dr. Teobaldo. Foi lá pra ele fazer um trabalho pra o dr. Teobaldo deixar o

licute que tinha com uma negra. Fez o serviço. Deu certo. Ela pagou tudo pelo contado. Mas nunca que se esqueceu dele. Vez por outra aparecendo, levando-lhe dinheiro e algumas besteiras de presentes. E mais: deitando-se em sua tipóia para um chá de *prosa-de-casal* com ele. Aquilo ele sentia que ela fazia com sustância de prazer. Chega choramingava que nem menino pagão dependurado por buraco de rede. Dona Febrônia era feia. Rosto magro, queixo comprido. Pernas grossas, mas tortas. Mas limpa e cheirosa e duma simpatia atraente que só ela. E sabia amar com perfeição. Em se falando em matéria de mulher, foi a mais completa que encontrara em toda a sua vida. E não passava uma semana sem visitar sua casinha.

Na primeira noite do caso de Maria Piribido andou apenas no roteiro. Na certa que na outra iria mais adiante. Em nome de Santo Antônio, invocou o Mensageiro Rosário. Ele veio. Sonhou alguma coisa. Mas sonhou por alto. Decerto que o indivíduo (o ladrão) tinha oração forte. Viu-o, no meio duma lagoa. Percebeu-o como se dentro duma névoa densa. Mas chegou a enxergar ser um sujeito moreno e que trazia um breve ao pescoço. Na certa que era a Lagoa do Esconderijo. Lagoa que tem força e poder de encanto. Seria, entretanto, o menos. Estava de cabelos brancos não de outra coisa – de arrancar gatunos de orações fortes de dentro da Lagoa do Esconderijo. Deles até com a oração da cabra preta ao pescoço ou mesmo a de S. Marcos da Serra Negra. Certa vez pegou um que, além da oração da cabra preta, tinha um livro de S. Marcos, um de S. Cipriano, um de Santa Cruz de Caravacas e um da Bruxa de Évora. Que ela tivesse paciência, coragem e fé, que o negócio iria dar certo.

E continuaram os trabalhos. Na segunda noite, viu o cabra mais de perto. Gravou-lhe bem as feições. Só que não era seu conhecido. Seria o menos. Aquele podia-se dizer que já estava pegado pela perna.

– Você volta hoje, minha filha?

– Volto, sim senhor. Eu quero logo é saber se o senhor garante mesmo descobrir o ladrão.

– Garanto!

– Mas como!?... O senhor diz que não conhece o desgraçado!

– Mas pra tudo tem um jeito. Não se preocupe. Pode ficar na certeza que tudo dá certo. Amanhã, quando você sair daqui, já pode ir direto para a Polícia dar o nome do homem que roubou suas jóias.

– Jeito como?! Como que tem jeito?! Como vou saber, se o senhor diz que não conhece o homem!...

– Vou lhe dizer. É assim: traga, além das duas, mais três velas virgens. Quando eu acordar do sono-responso, acendo as três velas. Aí pego uma bacia d'água e ponho nela o pó desta caixinha aqui. (Isto é pó de osso de canela de defunto). Fico com a imagem de Santo Antônio nas mãos, rezando. Você olha bem para ela. Olha até os olhos arderem a ponto de correr água e sentir as vistas tremendo. Aí olha na água da bacia. Então você vê nela as feições do indivíduo. E, se foi dentro de seu quarto, como você diz, na certa que se trata de pessoa que você conhece.

– Ah! Então é assim?

– É!

Deitaram-se e passaram o restinho da noite, que o dia já estava perto de se levantar.

– Vá, minha filha! Fique tranqüila. Suas jóias virão às suas mãos. Mesmo que o desgraçado do ladrão tenha

qualquer reza forte. O velhinho aqui é homem. Hoje eu vou botar o macaco na almofada pra acabar de baralhar os bilros das mandingas dele. Vá, minha filha! Só lhe peço que guarde segredo.

XXII

Maria Piribido se deitava na cama. Ficava ali a olhar para o teto. Pensando nas jóias. Só faltava uma noite. Mas, ô duas noites danadas de puxadas aquelas! Ô velho danado! Como agüentaria o rojão daquela noite que faltava? Ô velho medonho! Antes de ele se deitar como morto, já sabia... E quando ele se deitava como morto, no meio da sala, de mãos cruzadas ao peito, lá ficava ela montando guarda de sentinela. Ele parecendo morto. Ela sem dormir. Era o jeito! Coisa de já perto de o dia raiar, lá se levantava ele. E lá que se vinha pra seu lado com aquelas mesmas tentações. Francamente!... Estava zonzá. Como podia agüentar a terceira noite?! O jeito que tinha era tomar um trago daquela garrafada que ele bebia e lhe oferecia dizendo que tanto passa o sono como dá força de vigiar sustância para o ato. Ficar sem as jóias, não seria nada de interessante. E seu Epitácio disse que ela era uma jóia. E jóia rara. O velho Antônio Cabeça-Branca repetiu a mesmíssima coisa. Que ela era a jóia mais bonita dentre todas as que responsara em sua vida de homem pobre e solitário mas, em parte, feliz.

Levantou-se. Perfilou-se diante do espelho grande da penteadeira. Jogou as vestes fora. E ficou a contemplar aquela beleza de camaduras de mulher nova, bonita e nua. Que pernas! Que seios! Que quadris! Que cintura!

Que xoxota coculada! Um verdadeiro queijo suíço (a xoxota) como gostava de lhe dizer o jornalista Juliano. Interessante!... Ia fechando aquelas duas lâminas do espelho (unidas por dobradiças) e ela ia se aumentando, se dividindo. Uma Maria, duas, três, quatro... Duas numa lâmina, duas noutra. Todas bonitas. Todas nuas. Quatro Marias Piribido. Que coisa interessante! Seu Juliano, que era professor no Liceu, certa vez lhe explicara que aquilo era física – matemática no duro. Que há até uma fórmula para, de acordo com as imagens (as figuras) se calcular o grau do ângulo das lâminas. Diabo!... Ela que nada entendia daquilo, que não sabia nada do significado de física, ângulo,... coisa nenhuma, o que que tinha a ver com aqueles pensamentos?! Ficavam mesmo para seu Juliano que, além de jornalista, professor e formado em Direito.

De repente ouviu uma voz à porta do quarto, que até se assustou. Um guarda, afrontado, pedindo-lhe as alvíssaras. O ladrão tinha sido flagrado, no Mercado Velho, com o furto nas mãos. Fora encanado. Estava trancafiado no xilindró.

O guarda vinha afobado. Foi entrando sem pedir licença. Estava ela diante do espelho, naquele jeito! Em traje de Eva. Aí ele lhe pediu que tivesse paciência. Não mais era necessário afobamento. Nada de pressas. O indivíduo já estava seguro. Nas grades. Vendo o sol quadrado. Também acrescentou que ela também era uma jóia. Jóia de lei. Se duvidasse, mais bonita de que todas as que o ladrão levava de seu quarto.

Sentou-se na cama. Contente. E ali mesmo, sem chus nem bus, pagou as alvíssaras ao guarda. E foi com um mundo de satisfação que ela mesma sentiu, como nunca, um mundo de prazer galopando por dentro naquele pagamento tão danado de bom e gostoso.

E lá se foi para a Delegacia, ver a cara do ladrão besta que surrupiou suas jóias deixando a mais bonita que havia entre aquelas quatro paredes, – ela.

Agora, veja só que tanta decepção e tanta contrariedade dentro de tamanha alegria. Quem o gatuno? Adivinhe! Que nada! Pau de Fumo, coisa nenhuma! Seu único irmão. Sabe quem...? O negro Parente.

O negro Parente chorou. A primeira vez que chorava depois da morte da mulher e a segunda depois de homem feito. Também a primeira vez que roubava. Ainda também a primeira vez que ia preso. Depois que fora um dia chamado à Delegacia para dizer por que escrevera (escrevera não – mandara que alguém escrevesse, que não sabia sequer, graças a Deus, assinar o nome) numa ficha de pensão, profissão: pescador de defuntos, nunca mais que nem em sonho pensou (a não ser por crime de morte) de um dia cruzar os pés no batente daquela infeliz e maldiçoada porta. E o pior que passara pela pior das portas daquela maldita casa – a porta das grades. E pelo pior motivo – por roubo. Podia ter pedido a ela, que dinheiro tinha para lhe dar. Não! Seria baixeza. Baixeza grande. Um macho da sua estampa viver a mendigar dinheiro de uma sua irmã safada que ganhava de *cara-pra-cima*?!... Ainda mais quando se lembrava que a velha sua mãe morrera de desgosto com a vergonha que ela lhe fizera caindo na vida de mulher livre.

– Podia você me ter pedido dinheiro, que eu lhe dava, Mano.

– Eu estou sua cara! Não se lembra mais do que fez com a gente?!

– Não fiz nada.

– Não fez...!? Eu estou sua cara!

– Acho que não. Coisa do trivial. Não fui a primeira. Nem a segunda, nem a terceira moça que deu passo errado. Quando acaba, você mesmo sabe por que foi. Só porque foi com o Aristeu, filho do dr. Teobaldo. E só caí no laço porque ele me prometeu casamento. Só o prazer de casar com um filho de doutor!... A desgraça foi a safadeza das autoridades.

– Bem. Não adianta conversa.

– Mas Mano!...

– Não adianta! Não adianta!!

Voltou para casa um tanto satisfeita. Mas, pra falar a verdade, como também uma ponta bem dosada de contrariedade. Pobre do Mano! Como teria apanhado! Ainda bem que não ia para as Ilhotas. Mas isso só porque ela pediu a seu Epitácio. Então ele lhe respondeu:

– Minha filha, atualmente, preso pela primeira vez, por outro motivo, é dispensado das Ilhotas. Mas, por furto, não é, não. Entretanto, vou soltar esse tal de Parente. Só porque é seu irmão. Mas faço isso a você, negra. Não a ele. Aqui você não pede, negra cheirosa do papai. Aqui você manda. Se eu soubesse ele ser seu irmão, não tinha nem apanhado.

Contente e contrariada, lá se ia ela rumo à pensão da Madame Chica Pote. De qualquer maneira, ia satisfeita. Estava agora com suas jóias às mãos. Podia enfrentar a vida.

Chamou a negra velha Maria Sapatão que ia assim passando naquelas suas saionas compridas e chapéu branco e deu-lhe uma esmola.

– Deus lhe pague, minha santa. Você é uma jóia.

XXIII

A margem do rio, o povo se aglomerava. Sempre havia aglomeração quando morria gente afogada. Nunca, porém, uma outra foi tão intensa quanto aquela. Seria por ser uma moça bonita e branca que as águas levaram daquela vez? O mais interessante, porém, provinha de aquilo ali não ser lugar próprio de moça bonita e branca tomar banho. Moça branca, rica e fina toma banho em casa. Em chuveiro, porque acha bom a água fria cair em sua pele macia. Ou mesmo em praia, pra mostrar, através do maiô, a moldura do corpo bem-feito. Mas, ali?!... Naquele cais nojento de canoeiros, pescadores, balseiros, estivadores, carroceiros, porco d'água, lavadeiras e outras pessoas da raia miúda...!? Não era lugar pra moça de gente rica tomar banho.

Aquela mesma morreu porque quis, de propósito, — era a voz do povo que estava ali:

— Morreu de propósito. Não estava nem tomando banho. Suicídio, no duro!

Apareciam até boatos que alguém vira como. Caiu nas águas com roupas e tudo.

— Foi suicídio. Talvez que algum desgosto sem remédio na vida. Namoro. Caso de amor, na certa.

Antonino mergulhava. Com aquela vontade maluca na cabeça. Assim uma vontade grande, mas que nem ele mesmo sabia dizer o quê. Seria o primeiro defunto a pescar. Uma defunta. Nova e bonita. Conhecia-a. Dona Serafina. Levara ainda umas cartas do padre Salviano pra ela. E aquela satisfação passando que mais passando por sua cachola. Ia pescar uma moça bonita. Apalparia aquele

corpo que nem em sonho pensou de um dia apalpar. Aliás, lembrava-se que com ela algumas vezes sonhara. Sempre que lhe entregava carta do padre, à noite sonhara com ela – em abraços, beijos. Mas agora não mais era sonho. Estava acordado, nas águas do rio – nadando e mergulhando. Arriscando a própria vida por ela que propriamente já não era mais nada no mundo. Lá no fundo das águas estava ela, dormindo o sono eterno. Haveria de abraçá-la. Mergulhado, até beijá-la podia. Era por demais imensamente grande aquele prazer sem limite que Antonino sentia. Só que também pensava que a primeira mulher que ia abraçar era uma mulher fria, sem ação. Morta.

Cadã vez mais chegando mais gente. Naquela confusão. Falando alto. Cada um queria dar sua opinião. Só que quase nada se entendia no meio de tanta zoadada. E choro. Dona Margarida se acabando em lamentos. Sorte triste. O marido se fora (há ano e pouco) em desastre de carro. Agora, a única filha que tinha a se acabar daquela maneira.

Muita gente. Uns com ares de tristeza, outros chorando – a mãe e as primas dela. Só dona Febrônia alegre. Rindo com o tempo! Conversando com prazer! Rindo e contando ninguém sabia o quê (ali ela falava baixo) ao dr. Teobaldo. O dr. Teobaldo bem sério. Só batendo com a cabeça, como se confirmando o que dona Febrônia lhe dizia.

Pau de Fumo sentiu aquela vontade doida de dizer, nas barbas do dr. Teobaldo:

– Como manso!

Alguém chegou a afirmar que alguém dissera que viu quando ela se jogou nas águas. Pareceu até que amarrou uma pedra ou outra coisa qualquer ao pescoço.

Chegou a ponto de não mais aparecer. Houve mesmo quem visse quando ela amarrou uma pedra ao pescoço e se jogou nas águas.

Na opinião de muitos, se Parente chegasse ali, logo que encontraria a defunta. Aquele sim!... sabia nadar e mergulhar com perfeição. Parecia até que tinha fôlego d'água. Era bem fácil aquele garoto ainda passando a rapaz nada conseguir. Nadava e mergulhava bem, era verdade. Nadava mesmo melhor do que qualquer um outro. Se duvidasse, melhor até mesmo do que o negro Parente que, até então, foi o melhor nadador que se viu naquelas águas. Mas ainda muito novo para uma infuça daquelas. Marinheiro de primeira viagem. Neófito. Aprendiz de pescador de defuntos. Muito novo ainda...

Houve até apostas. Uns apostavam que o menino arrancaria o corpo da moça dos fundos das águas. Outros, ao contrário.

Pau de Fumo falou ao ouvido dum velho camarada seu:

— Veja como são as coisas! Mesmo depois de mortos, os ricos fazem mais movimentos que os pobres. Veja só que que *tamanca* de infelicidade. Nem na morte pobre tem prestígio nesta terra. Quando acaba, o povo diz que na morte todos somos iguais. Pura besteira! Nem mesmo depois de sepultados. Vá ao cemitério e preste atenção aos túmulos. Em sepultura de pobre, quando muito, uma cruzinha chorada de madeira. E assim mesmo por pouco tempo. Depois vão e plantam outro em cima, e o pobre do dono do cadáver não tem mais nem direito da sepultura de seu defunto pra chorar nela. Quer dizer que não temos direito nem aos sete palmos de terra, que aquilo é apenas emprestado por uns tempos. Não temos nem o direito

de chorar. O culpado de tudo foi a secularização do cemitério. O dinheiro do rico superando até a religião.

– É mesmo!

– É, sim. Nas dos ricos, cada túmulo suntuoso de mármore!... E aquilo com perpetuidade. Direito adquirido para filhos, netos, bisnetos, trinetos, tetranetos, pentanetos,...

– É mesmo!

– É. E agora está aí. Se ao invés dessa tal moça (que eu nem sei se era mesmo moça de verdade) fosse um miserável qualquer?... Tinha lá este bandão de gente?! Gente junta em afogamento de pobre. Mas só por curiosidade. Mas aí está todo mundo (ou mesmo quase todo mundo) com ares de tristeza e lamentando o ocorrido. Só dona Febrônia está alegre de verdade. Mas eu sei por que ela está assim contente.

– Por que é?

– Depois eu digo. Como ia dizendo: até no cemitério o rico é superior ao pobre. Mas aquilo só por fora. S. Mateus disse:

Maldição sobre vós, doutores da lei! Maldição sobre vós, hipócritas! Assemelhai-vos aos sepulcros brancos por fora; o exterior parece formoso, mas o interior está cheio de ossos e podridão.

– É mesmo.

– É!... Mas o povo não sabe. Poucos pensam como eu. O povo só dá mesmo valor ao luxo, à suntuosidade. No outro mundo é que quero saber se há essa desigualdade.

Antonino mergulhava com força de ânimo. Ganharia muita coisa. Talvez que seu pai nunca ganhara tanto numa só pescada daquelas. Os que nele apostaram lhe

garantiram uma parte do lucro. E a família da morta também lhe pagaria bem. E ainda havia de aparecer alguém (tinha quase certeza) que lhe desse uma gorjeta. Além de tudo, iria pegar naquele corpo de moça bonita. Seria a primeira vez que suas mãos tocariam num defunto. Também a primeira, e talvez a única, oportunidade de apalpar uma moça branca, rica, bonita e fina. O povo iria vê-lo nadando nas águas do Parnaíba com uma moça branca, bonita e fina nos braços. Talvez que muitos ficassem se babando, com água na boca da pura inveja.

Antonino mergulhava num desespero tremendo. Decepção não ia passar. Não ia passar vergonha diante de tanta gente que o tinha em conta do melhor nadador daquelas águas. Havia de encontrá-la – desse no que desse, acontecesse o que acontecesse.

Parente chegou. Foi logo que o povo lhe pediu que entrasse no rio, que procurasse a moça. Tinham certeza que com ele era mais do que na certa encontrá-la.

– Não. Não é preciso. Aquele moreno é meu filho. Quero ver mesmo se ele sabe ou não com perfeição fazer o serviço. Deixem o menino vadear nas águas, que nadar ele sabe e a moça ele encontra.

Aí correu logo, por todo aquele povo, que o menino era filho do negro Parente. E lá se vinha um e outro, e outro mais, e mais outro perguntar ao negro velho de guerra se o menino era mesmo seu filho. Parente metia as mãos nos bolsos e ficava todo imponente explicando que o garoto era mesmo seu filho, que a mãe morreu no parto e ele o criou com todo trabalho, todo sacrifício. Chamava-se Antonino. Contava apenas quinze anos completos. Dentro de dezesseis. E passeava por o meio daquele poviléu, com cara trancada e ares de imponente. Mas sempre com

aquele pensamento triste por causa do que lhe acontecera na Polícia. Sentindo mesmo uma vontade maluca de se atirar às águas. Não para procurar a moça. Pelo contrário... Para morrer também. Morrer!... A primeira vez que roubou. A primeira também que foi preso. E mais que apanhou que não foi brincadeira. Quebrou o capricho e escangalhou o orgulho de dizer que, mesmo na maior miséria, não pegava no alheio. Todo aquele povo ali, na certa, sabia da desgraça que lhe aconteceu. Podia morrer afogado! Mas se dava que Antonino estava ali diante dele. Seu querido e estimado filho do coração não podia ainda ficar sem pai.

Maria Piribido passou. Toda se remexendo em cima dum Luiz XV bacana e dentro dum vestido bonito de seda. Toda cheia de brincos, anéis, broches e pulseiras. Negra nojenta e safada. Infelizmente, sua irmã. Miserável! Sentiu uma vontade medonha de esfregar as fuças daquela quenga sem-vergonha na lama. Só assim se desabafaria. Mas se dava que a infeliz ia acompanhada. Quase de braço com seu Epitácio, aquele mesmo Comissário safado que lhe dissera uma carrada de desaforos dentro da Delegacia. Ficaria para outra ocasião. Um dia feliz aquela *cafubila* desgraçada haveria de lhe pagar tudo em dobro. Aquela negra convencida que queria ser tanta coisa e não passava de uma bunda suja, um dia ia lhe pagar a desfeita que sofreu.

O negro velho ficou orgulhoso. Não é que o menino encontrou mesmo a moça!? Lá se vinha ele nadando com ela!

Todo mundo queria ver a cara da morta. Mesmo os que perderam dinheiro em seu cadáver. Todo mundo queria ver a moça que morreu afogada porque quis. A moça

que se atirara às águas com uma pedra amarrada ao pescoço pra se afogar melhor.

Mentira! Pedra no pescoço coisa nenhuma!... Apenas um cordão de ouro, com uma medalha também de ouro com a efígie de S. José. A barriga era que estava amarrada, com um pano e um prato esmaltado por baixo. Mesmo assim, apesar de amarrada, nunca que ninguém morreu no Parnaíba com barriga tão grande. Chega estava bochechando, já quase cobrindo as bordas do prato.

Lá se vêem os cochichos, os comentários. Bem que o povo falava dela! Sempre foi um tanto espoletada. Aí era onde estava o porquê da estória. Por último, já andava por aí às voltas com o Desembargador Evaristo. Mas, que Deus abençoasse sua alma.

Vida ingrata! Cheia de tantas coisas, que a gente nunca sabe como há de se finir. Quem seria capaz de supor que dona Serafina se acabasse daquele jeito?!

Que Deus se lembrasse de sua alma na Glória Eterna!

O padre Salviano veio se aproximando. Pálido que não vertia uma gota de sangue no rosto. Com cara de tanta tristeza, que mais parecia ser uma pessoa sua que tivesse morrido – uma filha, por exemplo. (Mas ele era padre. Não podia ter filho). Toda aquela tristeza era apenas o sentimento dum homem humanitário que se condoía da alma e coração do sofrimento e da miséria alheios. Aproximou-se devagarinho. Piedoso e apertando entre as mãos um crucifixo que trazia ao peito.

Com dois fios de lágrimas no rosto e um simples gesto com as mãos, o padre Salviano pediu que o povo se afastasse um pouco.

Todo mundo sério. Todo mundo calado. Nem um pio. Silêncio.

E o padre Salviano, ali mesmo na ribanceira daquele rio velho, ingrato e perverso, recomendou o corpo daquela defunta nova, branca e bonita, cuja alma, em boa hora, subira ao Céu de véu, grinalda e capela.

XXIV

Nunca que um Natal foi tão triste em sua vida! Apesar de pobre, já ia para muito tempo que não relaxava uma panelada numa noite de festa. Ô Natal triste na vida dum homem!

Pouca gente nas ruas. Quase todo o comércio fechado. Só mesmo algumas lojas, aquelas mais luxuosas, abertas onde os pais ricos iam comprar presentes para os filhos.

Luz elétrica não havia. Lá se estava ela, a cidade, a capital do Estado do Piauí, dormindo de pernas escancaradas na rede da escuridão da noite (Uma vergonha em caixa-alta!). Tudo escuro. Escuro e soturno. Parado. Só mesmo nos patamares das igrejas luz e movimento. Festa. Quermesses. Leilões. Banquetes lautos nas casas dos ricos. O mais, tudo era silêncio, tristeza. Mas, ali mesmo, na margem do rio, onde a escuridão era maior, que se sentia bem em estar. (Para que se divertir com o divertimento dos outros?! Que graça tinha?! Que prazer dava?!) No escuro, era melhor para pensar nos problemas da vida. Nos problemas mesmo até do mundo.

Escuro denso. Grande. Pesado. Noite. Mas ali mesmo que queria estar. Ouvindo as cantarolas dos sapos, dentro de toda aquela tristezona, sentia-se como se numa festa, num banquete. Talvez que eles também estivessem

com fome. As lâmpadas apagadas. Nunca mais que os sapinhos de Deus comeram mosquitos aos pés dos postes! Decerto que era mesmo de fome que eles cantavam.

Nunca um Natal foi tão triste!

– (De fome também se canta).

Genoveva passou cantando naquela sua toadinha penosa e penada.

Chico da Benta ali no escuro, sentado no chão e pensando. Pensando nas desgraças da vida. Também se lembrando de Genoveva quando ainda nova. E bonita. Agora, aquele resto de caco de gente. O incêndio. A filha queimada. Ele preso. E ela agora louca. Correndo, cantando, rindo, chorando. Alma penada numa noite de Natal sem luz. Cantando de fome. Fome de barriga, fome de justiça. Mas, cantando sem em nada pensar. Só o subconsciente falando. Tal qual uma sapa. Aí sentiu aquela vontade doida de adivinhar quantos sapos com fome, àquelas horas, cantando Brasil afora. No mundo.

Um dizia:

– Quando eu morrer?...

Outro respondia:

– Quem fica?...

Mais outro:

– Com tua mulher.

Aí cantavam num coro de não sabia nem quantos sapos.

– Sou eu! Sou eu! Sou eu!...

E ele, Chico da Benta, pensando. Também era um sapo. Um sapo que ficou com a mulher de outro sapo que morreu – Zé Remador. Não havia dúvida. Com a barriga pregada no espinhaço no meio de tanta gente com a barriga cheia, só podia ser mesmo um sapo. Podia cantar.

Podia não, devia. Cantar para esquecer alguma coisa dos tormentos do destino. Mas já ia para tanto tempo que ela cantava em sua casa, em seus ouvidos, nas ruas. Já não lhe era possível cantar outra cantiga. Veva cantava em seu destino de louca. Era mesmo que ela cantasse em seu destino de homem pobre e sacrificado por todos os lados. Daí só lhe vir aos sentidos aquela mesma cantiguinha que sua pobre louca cantava.

E Chico da Benta, também em tom de tristeza, cantou:

– Zefinha morreu.

Morreu queimada.

Incêndio maldito.

Polícia safada.

Agora veja só que coisa! Nunca que tirara de seus cuidados para atinar o quanto ia de tristeza naquela cantiguinha de sua pobre doida. Só agora sentia de dentro o quanto que doía a história da morte da filha. Queimada no incêndio da Palha de Arroz. Incêndio feito de propósito. Pelos grandes. E dizer que não foi só a sua. De outros pobres também filhos se foram. Queimados. Os três da velha Herculana do Mafuá, por exemplo. Coitada!... Deixou os filhinhos trancados. Foi lavar roupas no rio, como de costume. Quando de volta, os três em torrão. Também o menino do carroceiro velho da Vermelha. As duas meninas do fateiro Zé Boi, lá do Cabral. E muitos e muitos outros, inclusive seu Eutanásio, paralítico e cego, lá na Matinha.

– (Quando acaba a Polícia matando gente de espancamento para descobrir a origem dos incêndios!...)

– Cretinos!

Ô fome danada! E a escuridão tomando conta de tudo. E os grandes se banquetando – pelos clubes, pelos patamares, pelos palacetes.

Conceição também era uma sapa. Sapa ainda um tanto nova. Ainda com qualquer coisa de bonita. Que em outros tempos fora bem chancuda. Àquelas horas, na certa que estava também cantando. Cantando com um sapinho nos braços. Um pobre sapinho de Deus que teimava pra mamar em dois peitos que não tinham uma gota de leite.

Seria que Conceição estivesse tuberculosa?! Com aquele negócio de com poucos meses de parida e não dar mais leite, só era o que parecia. Pobreza! Causa de muitas misérias no mundo. Por isso que Augusto dos Anjos dizia:

*– Prostituição ou outro qualquer nome,
Por tua causa, embora o homem aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome.*

Mas Conceição não era mulher ruim. Só não era casada. Mas não vivia em prostituição. Prostituição é vender as próprias carnes, segundo já o dizia o grande Vieira. Mas era uma daquelas de qualquer nome em relação ao ato sexual ilícito. Concubina. Vivia com ele sem serem casados.

Seria que Conceição estivesse mesmo enfraquecida, tocada da fininha?! Não. Não, que as regras vinham todos os meses.

Numa quitanda ao lado, uma lamparina fazia um ponto de exclamação no escuro da noite. Talvez que por

lá encontrasse alguém que lhe oferecesse um trago. Muitos conhecidos seus perambulam por ali. E mesmo, cachaça é só o que não falta para quem quer beber. Na voz de empinar o louro, salgar o galo, lavar a alma, matar o bicho,... não falta homem de ação.

Dito e feito! Lá se estava Parente que foi logo lhe metendo entre as mãos uma bicada de oito. Para quem quase nada havia comido naquele dia, um quarteirão assim duma talagada...?

– Como vai, negro velho? Onde achou dinheiro pra cana?

– Duma patroa acolá. Só quinhentão. Pau de sombra. Gente boa.

– Não diga...!?

– Pois é. O marido da dita que andava com um rabicho desavergonhado com uma tal de Chica Tonta. De cama e mesa. Negrota que estava de empregada dele – *chofé-de-fogão*. Vai que o homem descabaça a menina. Um doutor. Mas o nome é quem faz o fuxico. Depois eu digo. E montou casa pra ela, lá na Catarina. A patroa apalavrou comigo e fiz o serviço. Um serviço bem-feito. Um festejo de peia no entrepernas e depois um pai-d'égua clistel de pimenta no rabo. Garanto como vai passar uns poucos de dias a *caldo-de-pinto*. Ainda mais que quebrei tudo o quanto de teréns de casa – cristaleira, pote, pratos, panelas, copos, mesas, cadeiras,... Foi um quebra-quebra danado. Mas até que a diaba é bonita! De feia só tem mesmo o nome – Chica Tonta. Pois foi. E ainda mais que tirei o frete antes. Cheguei lá cedo da noite e estive com ela até madrugada velha. Que negral... Só fiz o serviço porque necessidade obriga. Mas foi com pena. Que negral...

– Quem é essa tal patroa?

– Bem. Diz que o nome é quem faz o fuxico. Só outra hora. O certo é que é gente boa. Gente grande. Marido até advogado. O que eu quero é lhe dizer que não é do dinheiro do menino que estou bebendo. Comprei foi roupa e calçados pra ele com o dinheiro que ele ganhou.

– Que negócio é este de dinheiro de menino?!

– O dinheiro que Antonino ganhou pra tirar do rio o corpo da moça que morreu afogada.

Chegou mais um *irmão* que mandou botar mais outro oito. Meia garrafa sem para bem arredar os pés do lugar.

Chico da Benta já bem ervado. E pensando sempre nas coisas do destino. Quando ladrão, não bebia tanto. Só mesmo em comemoração a qualquer prazer – coisa por demais difícil em sua vida. Por motivo de tristeza, lembrava-se que bebera apenas naquele dia em que um guarda cretino metera Genoveva nos fundos da *Carinhosa*. Não bebia muito. Mas, de quando em vez estava na Polícia. Já agora bebia em demasia e, vez por outra, visitava as grades. E os cassetetes, as faxinas e as lavagens de palavrões para com os bêbados eram tal qual a mesma coisa de para com os ladrões. Ainda bem que já tinham acabado com aquele negócio de Ilhotas. Sinal dos tempos. Prenúncio da Democracia que a Oposição pregava.

Contudo, não deixava de tomar suas pingas. Bebendo estava, ao mesmo tempo, lavando aquelas tantas feridas de contrariedades e tristeza que tinha dentro da alma e esquecendo as amarguras da vida. Sim... Que coisa bem certa. Lavando as feridas da alma, pisaduras do destino. Mas na certa que o álcool ia também abrindo-lhe pisaduras na saúde. Reduzindo seus dias de vida. Da Costa e Silva:

– *Álcool para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um tormento maior.*

Para ele não era bem assim. Ele, Chico da Benta, tinha feridas na alma. A dor espiritual é sem comparação maior que a física. Em casos como o seu, a dor física é até mesmo bálsamo para a dor moral. E ia reduzindo seus dias de vida. Um homem naquelas condições suas devia mesmo fazer tudo para viver menos, ao menos o sofrimento seria menor. Só não recorrer ao suicídio, porque é covardia. E pecado. *Auto-homicídio*. Pecado mortal. E, apesar de tudo, ainda existia em si, no seu íntimo, a formação religiosa.

Entra Maria Preá. Vai tomar com eles umas bica-das. Vai se despedir dos amigos da terra. Vai-se embora, viajar. Para bem longe. Lá no seu dizer, para uma terra onde pobre não sofresse tanto. Para a Baía de Todos-os-Santos. Na certa que também de todos os cristãos.

Maria Preá ia-se embora. Precisava de beber, para se despedir da terra, dos amigos. Beber para se despedir daqueles camaradas que com ela amavam e sofriam da Barrinha para a Palha de Arroz. Ia para a Bahia. Um *chauffeur* de caminhão que lhe garantiu passagem e bóia até lá. E dizendo-lhe mais que, se ela se mantivesse na linha para com ele, iriam viver juntos como se casados.

– E os meninos?

– Há tempo que dei.

Parente ficou olhando pra ela, com água na boca, na certa que de inveja.

Tomaram mais uns tragos. Chico da Benta temperou a goela e foi dizendo, em tom de tristeza misturada com despeito:

– Você vai para a velha Bahia com h, negra. Faz muito bem. O pobre do Piauí já perdeu o h que tinha no nome – a primeira letra do homem. Por isso mesmo que esta terra velha nossa não presta mais. Também é a primeira de honra. Isto aqui já prestou. Terra do *já-teve*. Tanto que até para se ter um Chefe de Polícia tem de ser importado de outro Estado. E o resultado é este que aí está – tudo se acabando até queimado. Por isso que eu digo que progresso nesta terra é como correia no fogo – só faz enco-lher. Mas a Bahia não é cocho, não, negra besta. Terra para os donos e não para os porcos. Tanto que mulher-da-vida lá é chamada de mulher-dama. Onde diacho vai você um dia ser mulher-dama?!

– Hoje eu sou porca, porque você não precisa mais dos fiangos de minha *tipufa* para dormir escondido da Polícia com o cu cortando linha sessenta de tanto medo. Está bem. Pirão comido não é lembrado. Pão comido, pão esquecido. Muito obrigada! Por isso mesmo que eu vou-me embora desta *tamanca*. Mas fique certo que em sua boca eu só quero ser mesmo é merda.

Parente entrou no meio com outras conversas. Para ver se aquietava com aquela briga que já ia em pé de se formar. Falou noutras coisas. Mudou o assunto. E perguntou a ela se era mesmo verdade o que o povo dizia do dr. Leovigildo. Se ele andava muito na casa dela. Respondeu que sim. Que até gostava um tanto quanto dele. Que era um dos de quem mais levava saudade.

Então o negro Parente deu mais um pouco de cor-da na história:

– É verdade que ele só fica com uma mulher tendo outra assim perto?

– É. Pra ficar passando a mão nas vergonhas da outra. É só de que eu não gosto muito, porque aí é preciso

ele pagar também à outra. Embora ele pague bem, mas é mesmo que dividir o ganho da gente. Tem ainda mais: quando está bem bebaço, chega a levar até um homem para o tal serviço.

– Outro homem?!

– Que que tem! Só pra pegar. Eu também já pego. Que é bom, lá isso é.

– E há homem que se preste a isso?!

– Há, sim. Tem um estudante do Liceu que é freguês dele nesse assunto. Certo dia, levou foi um médico – o dr. Teobaldo. Sim que este estava pregado de tão bêbado. Mal se deitou, foi logo roncando que nem um porco. Aí nós fizemos o serviço, os dois pegando nas partes do dr. Teobaldo.

– Aquele é um corno. Diz que só passa em porta estreita porque os chifres são de rosca e ele tira os galhos na hora.

– Mas, mudemos de assunto. Quero conversar é com este Pau de Fumo que quando precisava de mim não vinha com estes desaforos.

– Sim. Não nego. Mas quem dormia em sua casa era Pau de Fumo. Hoje eu sou Chico da Benta. Pau de Fumo morreu no meio da rua, por cima duma chapa de carregador. E Chico da Benta nasceu com uma chapa de carregador nas mãos.

Ninguém compreendia aquela estória confusa, sem pé e sem cabeça, de Chico da Benta. Achavam mesmo que aquilo não passava de lengalengas de cachaçada. E Parente, para mais uma vez desviar o assunto, entrou na conversa com gracejos e relaxos. E cantou:

“– *Você já foi à Bahia, negra?...*

– *Não!*

– *Então vá!”*

Farrearam até perto de a barra do dia raiar. Chico da Benta, quando viu que o sol não já tardava, saiu. Era preciso procurar um lugar escuro, solitário, para pensar no destino e nas coisas da vida. Saiu tão bêbado, que as ruas eram estreitas e o chão empenado, – como se diz.

Na margem do rio, mais uma vez, sentou-se para ouvir a serenata dos sapos. Ficou ali com aqueles pensamentos malucos rodando na cabeça. Os sapos cantavam com fome. Nunca mais que pegaram mosquitos em pé de poste. Ele também estava com fome. Sim. Ia ficar ali por um bom pedaço de tempo. Só para ouvir a serenata dos sapos boêmios e conformados que cantavam com fome e dentro duma escuridão tremenda daquelas. Ficava ali mesmo. Ouvindo sapos que cantavam com fome porque eram boêmios, porque o boêmio sabe sempre ser mais conformado do que todo mundo. Ele, que também era um boêmio, que também estava de barriga pregada no espinhaço, só podia também ser um sapo.

Nunca viu tanta miséria em casa, naquela data, como naquele ano. Nunca um Natal foi tão triste em sua vida!

Maria Preá foi passando, bem bebaça, mas viu-o – assim mesmo no escuro. Vai e pergunta se ele já tinha onde dormir naquela noite (naquele resto de noite).

Mesmo que tivesse, noutro lugar não podia ser senão ali. As pernas não davam. Pesava tanto a carga da cana na cabeça, que as pernas não agüentavam o peso do corpo.

Mas respondeu que sim. Tinha onde dormir aquele restinho de noite.

– Pois então, se está aí fazendo hora, vamos balançar o esqueleto ali no Curral-das-Éguas. O forró lá ainda

está torando. Não tenha medo, que o camarada que vai me levar pra Bahia anda pra Campo Maior e só volta amanhã à noite.

– Quero não, Preá.

– Pois então vá-se à puta que o pariu.

– E você vá-se à puta que a cagou, que você foi cagada e não parida.

E se levantou, pé dentro, pé fora, pronto pra dar umas encontroadas naquela depravada, para ela aprender a respeitar mãe de homem. Mas aí vem chegando Parente que entra no meio:

– Besteira!... rapaz. Tolice! Bater em mulher é covardia.

– E o caso de Chica Tonta!?

– Mas aí é outra coisa. Negócio. Pra ganhar dinheiro.

O certo é que o tal barulho foi acalmado. Aí Maria Preá falou por aqui:

– Vamos pra o Curral-das-Éguas, Parente, que o paulá ainda está torando.

– Então vamos. Vamos logo pegar o sol com a mão, que é o certo.

E se foram.

Chico da Benta ficou ali sentado. Pensando nas desgraças da vida. Foi quando a cabeça pesou de vez e o homem tombou de costas. Ficou ali. De papo pro ar. Olhando para o céu. Olhando para as estrelas. E dormiu. Dormiu pensando nos sapos, em Veva, em Ceição. Nele mesmo. Nos filhos dos três. Todos com fome. Todos sapos.

Olhando para as estrelas do céu e pensando nos sapos da terra, dormiu. Dormiu ali mesmo. Dormiu ao ar livre. E sonhou um sonho bonito. O mais bonito de todos os sonhos que um pobre pode ter o prazer de um dia sonhar.

Sonhou que a cidade estava toda iluminada numa noite de festa. Um Natal com muita luz. O comércio todo aberto e um movimento que fazia gosto. Luzes de todas as cores. E luz muito melhor do que qualquer luz elétrica. De se achar uma agulha no meio da rua. Além do mais, Papai Noel dando presentes e mais presentes aos meninos. Até aos filhos dele com Ceição e com Veva! Depois aquilo foi aumentando. Já não era só em Teresina que havia tanta luz. Em todo o País. Todas as cidades do Brasil e os campos estavam repletos de luzes incandescentes!... Uma coisa que nem parecia coisa deste mundo. Foi aumentando. Já não era só o Brasil. Todo o mundo estava inundado de luz. Uma verdadeira maravilha! E o melhor: todos os sapos do mundo cantando de barriga cheia.

XXV

Agora quem ia viajar era Parente. Vontade propriamente dita não tinha. Não era que de modo algum quisesse deixar a terra onde enterrara o umbigo. Pelo contrário!... a terra que já se sentia farta dele. A cada dia, mais a necessidade aumentava, mais a coisa ficava preta. Safra pobre aquela. O ano todo com apenas três empreitadas de sova. De morte, nem uma para remédio. Já chegava a sentir saudade. Como era bom cochilar na mira dum Cruzeta do cano-oitavado, dentro da mata, numa noite de lua ou mesmo num dia de sol! Como era bom meter um be-souro-sem-asa nos peitos dum criminoso, para ver a queda e encher os bolsos de dinheiro! Já quatro passara no papo naquela profissão, sem que ninguém de nada soubesse - Chico Papagaio, Manoel Pinto, Zé Chico e Zeca Catingueira.

Zeca Catingueira que matou o único filho de dona Bernarda sem um tico de razão. E a Justiça não tomou a mínima providência, que foi o que mais zangou a velha. Dona Bernarda disse: se a Justiça não fez justiça na morte de meu filho, eu vou fazer justiça com minhas próprias mãos. Pois é. Matou o filho de dona Bernarda só por causa de uma moleca intitulada e ficou esgaravatando os dentes.

Quando mandou Catingueira para a cidade dos *pés-juntos*, dois filhos de Pau de Fumo estavam para esticar as canelas com impaludismo. Deu um conto de réis a Pau de Fumo. Tratou dos meninos. Os bichinhos escaparam. Escaparam, graças a ele que tirara a vida de Zeca Catingueira que, com o filho de dona Bernarda, já carregava três mortos na cacunda.

Se não fosse faltar empreita, até que seria rendosa a profissão de caçar gente. Podia usar as duas – caçar gente e pescar defuntos. Mas não. Não ia fazer concorrência ao filho. Antonino era mesmo quem ia, dali por diante, ser o único pescador de defuntos naquelas águas.

Agora, vinha-lhe à lembrança a morte de Manoel Pinto. Matou-o apertando as goelas. Depois, tirou-lhe as roupas e jogou o corpo no rio. Deixou as roupas do peste assim na ribanceira, para o povo pensar que tivesse sido mesmo morrido afogado. E foi Antonino quem o pescou. Quando o menino vinha nadando com o defunto aos tombos, não teve natureza de assistir ao resto. Hora amarga. Sentiu aquele arrocho seco na garganta e uma coisa apertando-lhe os peitos por dentro. Saiu dali. Entrou numa quitanda e foi logo tratando de meter um quarteirão de cachaça na pessoa. Pra ver se desentalava aquele arrocho seco nos peitos. E aquele remorso aumentando. Ver o filho tirando um cadáver do rio pensando que o homem

houvesse morrido afogado, quando seu pai (dele, Antonino) era quem o havia matado!... Quando se lembrava que ganhara dinheiro para matar o homem, e o filho, inocente de tudo, ganhando dinheiro para procurar o corpo do mesmo homem nas águas do rio!... Tomou outro trago. Aí sentiu aquele afrouxamento por dentro. Aí não agüentou mais. Entrou para o muro e foi chorar lá detrás do tronco duma mangueira.

Era a terceira vez que chorava depois de homem feito.

As lágrimas vieram. Correram. O negro Parente chorou copiosamente. As lágrimas passaram. O pranto se foi. Mas ele ficou sempre com aqueles pensamentos de remorso nos sentidos. E desde aquele dia que lhe nascera aquela vontade de ir-se embora pelo mundo. Noutras terras talvez que se arranjasse melhor, sem ser preciso viver matando o semelhante. Ouvia falar nas minas de ouro e diamante de Mato Grosso. Aquilo era que era ser terra! Terra onde homem pobre não era preciso viver matando gente pra poder viver. Terra de se anoitecer no pó da miséria e amanhecer podre de rico. De se nadar em ouro. Ouro nos bolsos dos ricos, nos bolsos dos pobres. Ouro debaixo do chão. Lá, decerto que iria ser feliz na vida.

Chico da Benta foi besta. O melhor presente que um pobre como ele podia ganhar. Um *Cruzeta* do cano-oitavado de mão beijada, nem oferta de Papai Noel pra filho de gente rica. Besteira. Não aceitou só porque dissera que lhe dava o presente mas com o propósito de não se desfazer dele. Teve vontade de amassar as ventas daquele negro nojento, quando se recusara de receber o rifle. Aquele rifle que ele não se sentia bem deixar nas mãos de outra pessoa, mesmo no caso de bem vendido como

foi. Como lhe seria agradável os dois maiores amigos seus depois de Antonino – Chico da Benta e o cano-oitavado – ficarem juntos!

Queria bem à terra. Ficar, porém, não podia. Para viver caçando gente, já cheio de constrangimento até a tampa, não era possível. Depois daquela cena – o filho tirando do rio o cadáver de um homem morto por ele – nunca mais que tivera sossego de pensamentos. E tinha certeza que seria castigado se ainda continuasse caçando gente. Foi quase como se castrar a machura do negro Parente para o lado de quebrar cachaço de cabra cretino.

Ganharia o mundo à procura doutro meio de vida. Daria um saudoso abraço em Antonino, um adeus ao Parnaíba e demais amigos, uma grande *banana* ao Piauí com toda a sua corja de grandaços, o dedo à Polícia, e pisaria na aba do mundo sem destino que nem merda n'água. Um dia feliz voltaria. Mas só no caso de nas condições de voltar satisfeito. Com muito dinheiro, ternos de linho e tropical Aurora, gravatas bonitas e sapatos de luxo. Passaria uns dias. Só pra mostrar ao povo que também era gente. Depois regressava, levando Antonino pra ser gente também.

Danado seria se nada fizesse por aí afora. Mesmo assim, nada seria. Mesmo assim, estava resolvido. Miséria por miséria, em qualquer parte é a mesma coisa. Em parte, até melhor no meio de estranhos. Ao menos ninguém sabia quem ele era, nem de onde havia vindo na vida em outras terras. Duro era sofrer, como no seu caso, na terra da gente, no meio de tantas caras conhecidas. Até preso fora. E por roubo. Aquela tranca, sua irmã... Um dia, um dia feliz, ela iria pagar com juro a injúria que sofreu. Tranca! Pau-de-bater-bosta!

Horas que pensava em desistir da viagem. Ou então ir, mas levando o filho. Depois voltava atrás. Ele ainda era verde para uma aventura daquelas. Ia mesmo só. Depois que se firmasse na vida, lá fosse onde fosse, viria buscar o menino.

O negro Parente andou assim zonzinho por um bocado de dias. Pensando em ir-se embora. Pensando em não ir. Até que se deliberou de vez. Não havia de ser nada. Estava firme. Estava decidido. Ia-se. Ia-se embora. Tornava-se mesmo preciso e necessário procurar meio de vida noutras terras, que na sua só encontrava mesmo meio de morte. Meio de morte, sim. Naquela profissão de matar gente, ia terminar sendo morto um dia por um bandido qualquer. Ou mesmo preso, processado e condenado a vinte, vinte e tantos ou trinta anos de sol-quadrado.

Ia. Ia-se embora.

XXVI

Agora a despedida do negro Parente. Farra pesada. Chico da Benta não podia dormir em casa naquela noite. Nem que se arriscasse a topar, no dia seguinte, com um baita cabo de vassoura no batente da porta. Não adiantava Conceição ser valente que nem porca ruiva. Sim. Fazia tempo que ela vinha com umas ciumadas sem cabimento para seu lado. E tudo ele fazia para viverem em paz. Tanto que a última farra que fizera foi aquela do Natal. E esta mesma lhe custara turra grossa. Mas aquela era a noite da despedida de Parente, seu maior amigo de todos os tempos. Noite da despedida do maior amigo que Chico da Benta encontrara na vida depois da morte do

pai. Ia-se embora, no dia seguinte, para outras terras. Para onde pobre também fosse gente. Por isso mesmo talvez que nunca mais voltasse. Pois iam brincar a valer. Beber, dançar,... fazer o diabo a quatro.

O que valeu foi que Conceição não fez questão. Até que foi compreensiva. Só duas coisas exigia dele. Que não fizesse semodagens com outra mulher. Bebesse, farreasse, fizesse o que bem lhe viesse às ventas. Mas não caísse na esparrela de fazer a besteira boa do amor com quem quer que fosse. Mais uma vez lhe avisava: no dia que chegasse a seu conhecimento que ele se deitara com uma gata qualquer, ficasse na certeza que perderia, para o resto da vida, a mulher que tinha. O outro pedido era que falasse com a velha Noca da Beira para vir dormir com ela. (Medo de alma)

Começaram pelo Cai-n'Água. E não ficou frege que não remexessem – Curral-das-Éguas, Balança-Cu, Pau-não-Cessa, Quatorze-Bandas,... Cachaça beberam sem limite e sem tampa. Também!... não ficou biboca que eles não andassem. Nunca só dois homens até então beberam tanta cachaça por ali. E cada um com mais ânimo de vontade. Eram que nem duas pipas vivas dentro da noite da despedida do negro Parente.

Farra grossa e pesada aquela. Farra cheia. Só não mais animada, porque era uma farra de despedida.

Parente bebia para se despedir da terra que por muito tempo lhe servira de madrasta. Chico da Benta bebia para se despedir dum grande amigo e também para desabafar qualquer coisa do paiol de sofrimentos que trazia dentro daquele seu peito velho amarrotado de tantas e mais tantas misérias do destino. O diacho era que aquilo, mais do que nunca, ia despertando uma saudade sendeira

dos seus tempos de colégio. Era como se o estudante se acordando e se levantando dentro de seus pensamentos.

– Você devia ir comigo, Chico! Vamos! Vamos enfrentar a vida por aí fora. Isto aqui não é terra pra homem pobre que tem vergonha na cara viver.

– Vou não. Não vou porque não posso. Você é porque só tem de seu um filho, e este mesmo já quase criado. Mas eu, que tenho três e uma pobre louca pra sustentar, como que posso sair daqui?! Se pudesse, eu ia. Só não vou porque não posso. Três filhos e uma louca na cacunda!

– Quanto mais principalmente. Como diacho que você, nessa pobreza toda que vive, pode criar a família numa terra destas?

– Outra coisa, negro velho. Não quero lhe dizer que não vá. Pode ser que seja feliz por aí fora. Mas uma coisa eu lhe digo e afirmo: o problema não é de espaço, é de tempo, de época. Nesta Ditadura maldita (que graças a Deus já se encontra de vela na mão pra morrer), não há lugar bom dentro do Brasil para pobre viver. Regime de força, negro velho, só presta mesmo para os homens do Poder. E às vezes mesmo nem eles se sentem seguros quanto ao dia de amanhã. Quantos vultos importantes da Revolução de 17 na Rússia não já foram sacrificados por seus companheiros?! E cinicamente se tratam uns aos outros de camaradas. Regime de força é totalitarismo. Totalitarismo é escravidão. O que é o cidadão no regime russo?

– Um escravo do Estado ou um homem independente?!

– É. Por esta tal de Ditadura a gente está vendo.

– Que nada! Esta nossa Ditadura é apenas uma pequena amostra do totalitarismo.

– Vamos, Chico! Vamos pra outras terras, que pode ser que a gente ainda faça alguma coisa na vida.

- Daqui só sairei para o outro mundo. Fui estudante. Ainda hoje leio. Quando tenho um tempinho de folga, estou lá na Biblioteca Pública. Tanto entendo qualquer coisa de geografia, como de história, política e sociologia. Esse negócio de Estado este, Estado esse e Estado aquele entre nós não passa de convenções e trapagens. Tudo é Brasil. E todo o Brasil, neste regime que aí está, é uma miséria só. Estados são só mesmo para, em cada região, um determinado número de grandaços tomar de conta de um. Por ora são vinte. Daqui a uns trinta anos, se você for vivo, vai ver, estaremos com uns trinta Estados. Isto porque os ricos vão aumentando e vão precisando de mais Estados para se fazerem. Ainda bem que a Ditadura já está de sentinela, que o melhor regime de todos, apesar de tudo, é a Democracia. A não ser República Democrática, prefiro o Império hereditário. Daqui não saio. Nem que a merda dê nos joelhos! Quando você ouvir dizer que o negro Chico da Benta se mudou, pode rezar um padrenosso para minha alma, porque foi para o outro lado da vida que viajei. Este mesmo chão que me comeu o umbigo e vive a me roer a vida, há de um dia fazer um prato em meu cadáver. Já aí não vou lhe dizer que seja desta ou daquela maneira, ruim ou bom o meu destino. Sigo a teoria do Agnosticismo. Para mim, Metafísica é ficção. Acredito na impenetrabilidade do incognoscível, que é uma pura realidade. Pode ser que não. Mas eu quero que seja. E eu sou o que eu penso que sou. E tudo que existe no Universo, no Cosmos, é da maneira que eu penso que é. Teologia é teoria e não ciência positiva. A íntima essência da razão pura e absoluta das coisas não pode ser sondada por simples deduções ou intuições. Não podemos conhecer Deus.

– Já começa a dizer besteiras. Mais uma vez lhe digo que eu ouvindo esse seu palavreado sabido e empolado é mesmo que um burro olhando para uma igreja. O que eu quero dizer é que, para bem dizer, morto você já vive. E mais morto vai ficar se não sair desta infeliz terra que nunca deu uma gota de conforto a um filho pobre. Vamos, que é melhor.

– Não senhor! Morto não sou eu ainda, negro velho. Quem morreu foi Pau de Fumo. Pau de Fumo morreu. Mas nem que a terra o comeu. Não quis vingança. Só porque ele roubava mas para as mulheres e os filhos dele não morrerem de fome. Hoje, sou Chico da Benta que mais uma vez nasceu. Por outro lado, todos nós somos apenas um bocado de sapos. Sapos que cantam de fome. Sapos que esperam um Natal cheio de luzes. Sabe pra quê? Só pra comerem mosquitos nos pés dos postes.

– Macaco me lamba dos pés à cabeça se entendo patavina desse seu palavreado! Já está é bêbado, conversando carga-d'água (miolo de pote). Francamente! Ou está bêbado, ou então é loucura.

– Aquilo que não é loucura, Parente, não é positivamente humano. Tudo aquilo que é apenas normal, digo e afirmo, é apenasmente também animal. Certo escritor (aliás, grande escritor) certa vez disse: "O mundo está cheio de loucos e quem não os quiser ver que se tranque no quarto e quebre o espelho". Já eu tenho este outro pensamento: o homem tem de ser um dia uma de duas coisas – ou um Deus, ou um Diabo. Sendo o homem um Deus, é ser louco por só querer o que lhe seja conveniente e necessário. Sendo um Diabo, é um louco também, pelo mesmo motivo. E assim, meu caro, o mundo marcha para uma de duas decisões: ser um Céu, ou um Inferno. Se o

homem conseguir ser um Deus, o mundo será um Céu, graças aos seus esforços. Se conseguir ser um Diabo, o mundo será um Inferno – pelo mesmo motivo. O certo (segundo eu penso) é que marcharemos para uma perfeição. (E eu já tive religião. Aliás, para falar a verdade, ainda tenho muita coisa de religião saturada em meu espírito. Não vou negar. Mas, diante de tanta coisa, já me sinto quase que um desiludido). Mesmo, se falo em Deus e Diabo, em Céu e Inferno, é para você compreender o que é que eu quero que o mundo um dia seja. Se é que o Céu é perfeito por ser imutável, o Inferno também o é – pela mesma razão. (Mas isso é coisa para daqui a milhares de anos). Vamos, porém, supor que fosse coisa para nós. Eu mesmo muito falaria em qualquer uma das duas soluções. Sendo o mundo um Céu, eu seria um Santo. Sendo o mundo um Inferno, eu seria um Diabo.

– Quer dizer que você queria ser um Diabo!?

– Claro! Quem vai por gosto deixar de ser senhor pra ser escravo?! Também sei que, se o mundo fosse um Inferno, todos seríamos Diabos. Não seria senhor de ninguém, mas seria senhor de mim mesmo. (Melhor ainda, porque não seria mandado mas não precisava de mandar ninguém). O certo é que, ou sendo Céu ou Inferno o mundo, iria reinar o princípio de igualdade absoluta entre os homens.

– Não me fale mais nessas loucuras, por amor de Deus!... Na certa que tinha mas era raspa de unha naquela cachaça que você bebeu ali na bodega do Doca da Jovita.

Chico da Benta arregalou os olhos e continuou a conversa, naquele gesto escabroso como se fazendo um discurso mefistofélico. Um discurso de alma penada:

– Tenha calma!... Parente. Tenha calma! O que eu quero é lhe explicar que toda terra é ruim e toda terra pode ser boa neste Brasilão. Depende apenas dos homens do Poder.

– Quer dizer que são os homens que não prestam?

– Não é bem isto. Todo homem é bom. Também todo homem é ruim – em estado de igualdade. Os ricos são bons para eles e ruins para nós. Os pobres somos bons para nós e ruins para os ricos. Na realidade absoluta, são eles que não prestam. Não prestam, porque deviam fazer como que sofrêssemos muito menos sem prejudicar a menor parcela da felicidade deles. O diacho do princípio da relatividade é que faz a trapalhada. Entretanto, pelo simples motivo de pobre a nada ter direito no Brasil, não vamos cruzar os braços. Conformismo é besteira. Ora, besteira!... Coisa muito pior. Covardia estratificada. Minha concepção mesma é esta: ou tudo, ou nada. Ou todos ricos, ou todos pobres. Se todos ricos, a Terra será um Céu. Todos seremos bons. Pronto! Todos iguais. Se todos pobres, a Terra será um Inferno. Bom também. Todos Diabos. Todos também iguais. Um mundo sem problemas. Sem solução de continuidade. Mas eu falo assim para ver se você compreende melhor. Não quero liberdade absoluta, que liberdade absoluta é anarquia. A liberdade que eu falo é no sentido de todos sermos iguais perante a lei.

– Sabe, aí parece que eu quase compreendi.

– Pois é. Veja o que disse Sócrates: "A excessiva liberdade degenera, cedo ou tarde, tanto para o Estado como para o indivíduo". Quer dizer que um Estado com liberdade absoluta seria um Estado anárquico. E, quanto ao Inferno, não tenha medo que o mundo não vai ser um Inferno, não. Tá bem?

– Arre que diacho! Lá sei o que seja solução de continuidade! E dessas bondades de se viver num Inferno, eu agradeço de coração.

– Não é bem isso! Tenha calma! Ouça-me, por favor. Essa sua pobreza é ou não é um Inferno? Essa sua vida é ou não é uma vida do Diabo?

– É.

– E então! Já como eu quero, de um jeito ou de outro, o mundo será de nós todos. Não sabe que fiz o quarto ano ginásial e a metade do quinto, quando tinha pai e o mundo era meu também? E naqueles tempos de estudo era estudo mesmo. Hoje se vê ginásiano aí analfabeto de ida e volta.

– Sei. Eu que sou um pobre Diabo. Nunca encontrei um filho de Deus que me ensinasse sequer a ferrar o nome. Pra bem dizer não conheci pai. Mãe também morreu cedo. Nunca quase que tive ninguém no mundo por mim. De parente mais próximo só mesmo uma irmã que deu pra safada e por causa dela já fui até preso. Sou um pobre Diabo.

– Dois. Fiquei órfão de pai e mãe já com o quarto ano ginásial feito. E nunca que encontrei emprego, por mais reles que fosse.

– Que diacho é reles?!

– Espere,... moço! Se tivesse me empregado, teria continuado meus estudos. Seria hoje um médico pra olhar pra essa pobreza aí desamparada, – especialmente da Barrinha e da Palha de Arroz. Ainda fiz três concursos para emprego público. Passei em todos. Por gauchada, em dois deles em primeiro lugar. E nunca que fui nomeado, porque em todos havia rabo-de-saia no meio. No último, por exemplo, uma dona da bunda grande, classificada em

décimo terceiro lugar dentre os quinze que passamos, foi o primeiro candidato nomeado. Depois outras. E eu fiquei de fora que nem bunda de índio. Hoje ela deve estar ganhando uma fortuna pra não fazer nada e passar a maior parte do tempo de licenças e férias. E eu batendo pernas nesta miséria e tido como um desocupado e vagabundo. Ainda hoje, quando entro nos Correios, tenho a impressão que sou um funcionário de lá.

Chico da Benta tomou um trago de cana. Temperou a goela. Acendeu um cigarro. Tirou umas baforadas e ficou ali calado, pensando. A seguir, esmolambou os chefes das repartições que podiam lhe arranjar um emprego sem ao menos de longe ser favor. Fez quase um discurso, falando nas injustiças que sofrera em concursos e noutras oportunidades que lhe ofereceu a vida. A seguir, bêbado que nem um gambá, descambou para aquelas suas conversas aparentemente sem rumo:

– Outrora – na Índia, na Grécia, em Roma e noutras paragens – existiu uma religião denominada Mitologia. Uma infinidade de sabedoria! E com Deuses para todo mundo, todas as classes, todas as coisas. Deus do mar, do Sol, da Lua, da caça, da guerra, do fogo, do vento, da vida, do amor, da morte, do bem, do mal,... uma infinidade!

– Até dos pobres?!

– Até. Depois que Gautama Buda, Zoroastro, Moisés, Cristo, Allan Kardec e outros tidos como Missionários passaram foi que a tal história se acabou. Mas que certo historiador certa vez dissera: “a história é um eterno começar”. Estou com ele. Pode ser que esses Deuses voltem e mais uma vez mudem a face desta situação triste em que se encontra grande parte da humanidade no mundo atual.

Parente pedia a Chico da Benta que não mais continuasse com aquelas histórias malucas sem pé e sem cabeça. Já estava de juízo zonzinho e não queria sair louco para outras terras onde ninguém o conhecia.

– Tem razão, Parente. Todo mundo pode viver em terras estranhas, menos o louco. Doido é um pobre vivente que só pode viver mesmo entre conhecidos. Dedução minha, mas uma pura verdade. Quem estuda, Parente, não é dizer que aprenda apenas porque leu. Vai além. Desenvolve o raciocínio.

Parente ia-se embora na manhã daquele dia. Chico da Benta faria as vezes de pai de Antonino. Que o orientasse, especialmente quando o visse em caminho errado. Ele era novo. Quase menino. E gente nova não tem cabeça bem certa. Que fizesse com ele como se com um filho. Não se preocupasse, que um dia voltaria. Com muito dinheiro. E ele, Chico da Benta, também iria ser gente. Cuidasse de Antonino. Tirasse-o de qualquer precipício, que não estava perdendo trabalho. Ficava empregado na casa do Desembargador Deoclécio. Verdade que um empregueiro vagabundo. Mas, ia dando para se manter. Além do mais, podia, vez por outra, pescar um defunto no rio. Quanto a isto, não tivesse sobressaído, que o menino nadava com perfeição. Bastava que, quanto ao mais, tivesse o cuidado necessário, porque gente nova tem o juízo nos solados dos pés.

– Sim, Chico... Ia-me esquecendo. Eu lhe peço, pelo amor de Deus, que nunca diga para Antonino que eu sou um criminoso.

– Já não posso mais ter amor a Deus, Parente. Não posso gostar de quem não gosta de mim. Só se eu não tivesse vergonha.

- Pois, pelo leite que você mamou em sua mãe.

- Aí é outra conversa! Mas não seria nem necessário você me pedir isso. Não sou louco. Não vou dizer para uma criança, ou mesmo a um adolescente, que seu pai é criminoso. Já lhe disse que o homem que estuda tem o raciocínio desenvolvido.

Já o dia vinha perto. E os dois bêbados numa mesa do Quatorze-Bandas da Palha de Arroz. E com eles Maria Bunda-de-Breque e Ana Peituda. Tomando pinga. Bunda-de-Breque com aqueles chamegos com Parente. Galinhando o negro. Depois debruçava-se em seu ombro e começava a chorar.

- Besteira, negra! Machos por aí há às carradas.

- Eu sei. Não é preciso que me diga. Mas homens a gente recebe todos porque a necessidade obriga. Não queira saber com quanta contrariedade muitas vezes abro as pernas. O prazer do negócio só se encontra mesmo com aquele que a gente gosta de verdade. Me leva, diabo! Me leva, cão!

- Levo não, negra. Mas só porque mesmo não posso. É que não vou ter mulher pra viver tendo necessidade de receber outros. Mas quando eu ganhar dinheiro com suficiência, eu volto e te levo.

- Leva mesmo?!

- Levo.

- Ó diabinho que a mamãe quer bem! Vamos dar a despedida!

- Vamos.

- Me leva, negro! Me leva, negro da mamãe! Me le-é-é-va!!!

Beberam até o dia raiar.

- Pois Chico, tenha cuidado com Antonino!

- Está bem. Eu sei que gente moça é como relógio velho - não regula certo. Mas, pode ir sem um tico de sobrosso.

- Sabe quem morreu ontem?

- Quem?

- Maria Gorda, madrasta da tua Conceição.

- Graças a Deus. Que o Diabo a leve para as areias-gordas do Inferno.

Em São Luís do Maranhão pegaria um navio para Espírito Santo. Chico da Benta, cabra bamba em geografia, que lhe dera o roteiro.

Despediu-se de toda aquela turma bamba do Quatorze-Bandas. Bem entendido, só não de alguns que estavam dormindo. Todos lhe desejaram felicidades, inclusive a *Madame*, Júlia Bitola. Maria Bunda-de-Breque chorava tanto, que dava dó no negro. E acompanhou-o até a Estação.

Agora estavam no ponto do embarque de Parente - ele, Antonino, Chico da Benta e Bunda-de-Breque. O negro velho ia-se embora para Mato Grosso. Lá, caso não se desse bem, não encontrasse colocação, zarparia para a frente. Iria até onde o vento encostou o cisco. Estava disposto. Desse no que desse, acontecesse o que acontecesse. Voltar nas condições de miséria em que saía, era que não voltava.

Aproximou-se o momento da partida. Ia-se embora mesmo aquele negro pobre e matador de gente para vingança de gente rica.

O sino do trem badalava. E Chico da Benta com aquela impressão de pensamentos tristes na cabeça. Na sua mente, no seu modo de pensar, estava mas era assistindo ao enterro do negro Parente.

Segunda chamada. Terceira. O sino badalando e a máquina velha do trem velho apitando.

Com os olhos nadando n'água, Parente abraçou e beijou Antonino. O filhinho ia ficar não sabia nem até quando.

Abraçou Chico da Benta, amigo velho bom – apesar de maluco com aquelas suas sabedorias – de todos os tempos, de todas as horas.

Deu um quebra-costela bem apertado na sua querida Maria Bunda-de-Breque de tantos dengues e xodós.

– Vem mesmo me buscar, negro?

– Venho. Espere por mim, que um dia eu volto para a nossa felicidade.

Em pensamento, deu o dedo à Polícia e uma banana ao Piauí.

Os gonzos rangiram e a condução deu marcha. E lá se vai o negro. Na sua mente, a zoadia do trem dizia direitinho:

– Vou-me embora! Vou-me embora! Vou-me embora!

Ainda em pensamento, ao atravessar a ponte, deu um adeus saudoso ao Parnaíba e consigo falou para dentro da alma:

– Olhe meu filho, rio velho querido!

E se foi mundo afora à procura de uma terra onde pudesse viver sem ser preciso matar gente.

E o trem velho cantando nervoso:

– Vou-me embora! Vou-me embora! Vou-me embora!

XXVII

Muita gente achava que a mulher havia se ido em bom tempo. Que uma pessoa naquelas tristes condições

não mais presta para viver neste mundo. Por muitos tempos sofrera. Coitada! Sem saber sequer se vivia, muito menos o que estava fazendo na vida. Todos que a conheciam de perto, que de qualquer modo acompanhavam seu sofrimento, falavam por um boca só: que se fora em bom tempo, que quem sofreu o que ela sofrera não era possível que ainda tivesse um grama de pecado nas costas da alma. Decerto que descontara suas culpas aqui mesmo na Terra. Certamente encontrara amparo do Reino de Deus. Decerto que fora bem recebida por S. Pedro e nada de pecados seus a balança de S. Miguel acusara.

Já ia com um bocado de anos de sofrimentos. Esperando naturalmente pelo chamado de Deus. Mas o chamado de Deus demorou. Daí resolvera por conta própria viajar para o outro lado da vida.

E viajou.

Genoveva morreu. Morreu a pobre doida da filha queimada. Morreu a Veva querida de Pau de Fumo.

De princípio, a opinião do povo era que ela não seria sepultada no cemitério. Mas Chico da Benta pensava ao contrário. A seu ver, nesse caso a religião se denunciava de vaidosa. Que culpa podia haver?! Uma coitada alma penada. Um pobre cristão sem um pingão do uso da razão.

Mas o Vigário colado à Paróquia de Nossa Senhora das Dores a que a morta estava sujeita, não foi com a opinião do povo. Pensamento igual ao de Chico da Benta. Nem de leve tocou no assunto. Não pôs o menor obstáculo. Aquele sim!... O Padre Leonardo era Padre mesmo. Não disse nada. Ainda fez foi lamentar o ocorrido. E recomendou o corpo. Abraçou Chico da Benta e deu-lhe os pêsames.

O padre Leonardo fora professor de Chico da Benta. Era um de seus admiradores como estudante de

inteligência rara. Tanto que lamentava aquele seu triste estado. Dizia mesmo que aquele negro era uma cultura que o Piauí extraviou por culpa tão-somente dos homens do Poder. Um gênio a mais desperdiçado no mundo. Um êmulo de Diógenes.

Agora Chico da Benta estava viúvo. Podia casar com sua Conceição querida. E foi o que fez. Não tanto por ele, que já não mais dava bolas a certos preconceitos. Mas por ela que vivia impressionada em viver com um homem sem ser casada com ele. Ao voltar do cemitério, passou pela igreja e tratou dos preparativos. Deu os nomes e demais dados necessários ao sacristão para os banhos. Já não dava mais crença à religião. Mas Ceição tinha lá as suas convicções. E ele, de maneira alguma iria contrariar àquela que tanto lhe servia em todos os pontos de vista. Ainda mais que achava que mulher sem religião é meio caminho andado para mulher de má vida.

Dentro de poucos dias estava casado.

Quando os nubentes foram se retirando, o padre olhou assim para o sacristão e disse em tom de contrariedade:

– A inteligência mais rara que vi até hoje. Um gênio. Uma oportunidade que o Piauí perdeu de dar ao Brasil um Rui Barbosa de cor. É um Diógenes Brasileiro.

XXVIII

Pois foi assim o triste caso. Chico da Benta vinha vindo do rio. Tinha ido deixar a bagagem dum passageiro do vapor "Chile".

Pois bem. Recebeu a gaita do carroto e vinha vindo mais ou menos satisfeito com a profissão. Bem conformado

e contente com o pouco de gaita que trazia nos bolsos dos quilangos. Não era profissão para se fazer meio de vida mas, por ora ia passando. Aperreado sempre vez por outra, mas bem que muito diferente dos aperreios daqueles tempos em que vivia correndo desatinado com medo dos macacos da Guarda Civil, e mesmo até sendo preso e sofrendo vez por outra.

Vinha de encontro a ele o professor Cagliostro. Como de sempre, para não se encontrar com o velho bom mestre, entrou na quitanda do Doca da Jovita. Tomou um trago de cana. O professor passou. Então saiu e prosseguiu viagem rumo à casa.

Lá se vai pensando. Aquela mesma bodega fora um dos pontos de farra de despedida dos seus dois maiores amigos – Maria Preá e Parente. Aonde andaria o negro Parente àquelas horas?... O que estaria fazendo na vida a sua querida Maria Preá?...

Quase sol a pino. Começando cambaiar apenas. De longe, porém, apesar de as vistas tremendo com o quinturão do sol, enxergou uma mulher subindo numa mangueira. Não deu, porém, para conhecer quem. Talvez que uma qualquer mendiga procurando manga pra comer.

– (Mendiga... Sim. O professor Cagliostro ficava por conta quando se chamava mendigo de esmoler. Unidade semântica é conformismo de intelectuais indolentes. Justificativa rasa sem razão de ser).

Talvez alguma mendiga, que por ali havia às carra-das. Decerto que à procura de manga, para consolar o bucho, enganar o estômago. Ou mesmo para algum menino sem pai, com fome, que era o que mais se via por ali. Meninos famintos que jogavam peladas de bola de meia por aquelas pontas de rua. Logo lhe veio aquela vontade

de dar àquela pobre qualquer coisa do que trazia nos bolsos dos quilangos. Uma esmola àquela coitada que se arriscava a subir numa mangueira talvez que por amor ao filho. Uma esmola para aquela infeliz que se arriscava a mostrar as pernas e demais partes das vergonhas a quem chegasse debaixo da árvore, pelo amor a seus rebentos. Ali, se lembrou do grande Pascal dizer: "O coração tem razão que a própria razão desconhece".

A mulher se deitou numa galha da mangueira, como se procurando se esconder de alguém.

Se tivesse adivinhado, talvez tivesse evitado o desastre como noutras tentativas. Na primeira vez, por exemplo, foi até Ceição quem a salvou. Com uma faca amolada e uma ponta que não tinha mais para onde fosse mais fina. Ceição correu e atracou na mão que segurava a peixeira. Os meninos chorando. Ceição lutando com ela e gritando por socorro. E Veva gritando que Ceição não se importasse com a sua vida. Que se preocupasse com o seu macho, aquele negro sem respeito que vivia fazendo semodagens com ela.

Todas as tentativas dela de suicídio, até então, foram com faca. Numa delas até ainda se furou. E não foi nem facada pequena. Por um triz não morreu. Se tivesse tentado uma vez enforcada, decerto que não suicidaria. Dizem os entendidos que tentativa de suicídio nunca fica na primeira. Mas diz que sendo por enforcamento nunca mais que o indivíduo quer saber de suicídio.

A mulher deitada por cima da galha da mangueira. Chico da Benta se aproximando. Talvez que fosse até alguma camofa. Por ali havia gente capaz de tudo para conseguir uma safadeza. Quando ouviu foi aquela voz:

— Fica com aquela safada, negro sem-vergonha!

Aí sentiu de quem se tratava. Mas foi logo que gritou:

– Zefinha morreu!

E fez o pulo trágico.

Chico da Benta sentiu como se um vento frio galopando-lhe por dentro do peito. A corda esticou. O galho envergou. E Genoveva ficou embalando-se que nem pêndulo de relógio. Aquilo trouxe, de repente, à cabeça do negro, a lembrança de Galileu descobrindo, numa lâmpada de igreja, a lei do isocronismo.

Ali estava a sua Genoveva naquela cena trágica, mas se embalando que nem artista de circo em trapézio.

E ele parado. Sem ação. Quieto que nem uma estátua.

Miséria de Ditadura. Mas a Democracia já vinha aí mesmo encarapitada na campanha da Oposição. Sim senhor!... Galileu: “E pur si muove”. Sim... A Terra ainda girando. A Democracia ainda viva. A vida continuando.

Nunca que na vida vira morte tão bonita. Nunca que também morte alguma o fez sentir e chorar tanto. Uma coisa que ele mesmo sentia e não sabia explicar como. Veva com bem meio palmo de língua de fora. Olhos esbugalhados. Cresceram como nunca ela pensou que olhos de gente pudessem crescer tanto.

O negro sentia uma carrada de sentimentos: pena, tristeza, raiva, dor, satisfação... Pena de ver sua pobre doida naquele estado. Tristeza em perder para sempre a sua querida Veva. Raiva ao se lembrar que aquela cena toda teve origem nos incêndios de Teresina – no incêndio da Palha de Arroz, a morte de sua Zefinha. Genoveva não se matou. Veva foi morta pelos desgraçados que queimaram seu casebre. Aquela palhoça que não era da conta de sem-vergonha nenhum ser um lar pobre – mais: um

pobre lar. Os mesmos cretinos que mataram Zefinha foram os mesmos patifes que assassinaram Veva. Talvez que aqueles infelizes, àquela hora, estivessem satisfeitos. Com os dentes no quarador por haverem queimado muitas casas, matado muitas crianças e deixado muitas crianças na orfandade em plena miséria. Um dia aqueles miseráveis responderiam por tantos crimes. E sentia dor, nas profundas da alma, em ver quadro tão triste em pessoa tão querida sua.

Tudo isso Chico da Benta sentia. Mas era que também sentia qualquer indício de sintoma de satisfação. Voltou o seu íntimo (pelo menos naquele momento) a entrar em contato com a religião. Na certa que o Céu é mesmo uma Verdade. Deus também. Só podia mesmo era haver autor de todo esse maravilhoso Universo. Só os planetas em disposição matemática...! Raça mesmo de fibra na inteligência, a alemã. O teuto João Elert Bode, com uma simples progressão aritmética, descobrindo a lei para se encontrar a distância de qualquer planeta ao Sol. Sim. Agora já não lhe restava dúvida quanto à existência de Deus. Certamente Veva se fora para o Céu. Para outro lugar não podia ir quem sofreu o que ela sofreu no mundo. Veva estava no Reino Eterno, bem longe da Polícia do Piauí. Bem distante dos incêndios de Teresina. No meio dos anjos, onde o mais bonito e original era sua Zefinha.

– (Por que que anjo não tem sexo?! Por que que não há um anjo preto?! Na certa que para que todos sejam iguais).

Mas Zefinha era original. O único naqueles trajes – uma mortalha de cinza e asas e grinalda de palha de coco.

– (Coco babaçu... Ociosa fonte econômica dormindo em parte do Piauí e em todo o Maranhão imenso. É

mesmo. "O Brasil é rico mas não sabe o quanto possui". Que tal! O próprio governo confessando a negligência nacional).

Aquelas palhas eram da casa em que ela nascera e vivera até o infeliz dia do incêndio da Palha de Arroz. Palhas que também cobriram qualquer coisa de felicidade duma mulher pobre, enquanto os homens quiseram que ela fosse qualquer coisa de feliz no mundo. Palha de coco babaçu.

– *Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;*

Decerto que Veva agora estava feliz. Para lá de contente. Além dos planetas, das estrelas, dos satélites, dos cometas e das nebulosas. Na Mansão Celestial. Na Morada de Deus.

Foi num instante. Coisa rápida. Dentro de poucos segundos Chico da Benta pensou naquelas coisas todas. E em outras tantas.

Agora estava o cadáver estirado ali no meio da salinha de chão batido. Num caixão que o dr. Leovigildo lhe ofereceu.

Genoveva estirada. Mãos cruzadas ao peito. Os filhos chorando sentadinhos ali mesmo ao chão. E Chico da Benta num tamborete, caladão. Só fumando. De cigarro em cigarro e pensando. Se tivesse chegado a ser doutor, como estaria sua casa àquela hora, cheia de gente grande! Talvez que nem Genoveva estivesse morta. Só se fosse por outra causa. Como doutor, não iria morar em casa de palha. A filha não teria sido devorada por incêndio.

E fumando. Calado e pensando. Genoveva fez o pulo trágico cantando. Talvez que a única pessoa no mundo que cantando marchou para dar ordem a morrer.

Não podia outra morte no mundo ser mais bonita, ou mesmo tão, quanto a da sua nunca esquecida Genoveva.

Chico da Benta, apesar de tudo, estava com qualquer coisa de satisfeito. Genoveva se fora para o outro mundo dando língua aos cretinos que queimaram sua casa com Zefinha dentro.

XXIX

Chega de Mato Grosso um filho de Chica Pote – Mundico Potó. Com cartas do negro Parente pra Pau de Fumo e Antonino. Acompanhadas de setecentos bagarotes – quinhentos para o filho e duzentos para o amigo. Foi novidade. Mundico Potó nasceu e se criou ali na Barrinha, na maior miséria. Saiu de Teresina puxando uma cachorra, como se diz. Agora voltava naquele luxo todo. Charmoso e com dinheiro. Muitos já o xingavam de rico. Quando Chico da Benta o viu, naquela pinta toda, até julgou que o moleque tivesse vindo milionário. Mas que nada! Só luxo! Só a casca. Estava mas era doente. Coitado! Todo mundo não tardou a notar logo tudo. O pobre estava era cheio de febre palustre até a *caixa-do-olho*.

Sim. Dizia ele que em Mato Grosso corria mesmo dinheiro a valer. Mas ele próprio chegava a dizer que mais que dinheiro lá corria era febre palustre. Que a maioria dos que chegam por lá dava o couro às varas e a alma ao Criador dentro de pouco espaço de tempo. Por onde andou, por exemplo, a coisa mais rara do mundo era médico. Medicamentos, muito pior. Umas zonas incultas e selvagens, onde só se viam mais índios. E tudo caro. Custo de vida pela hora da morte, sem vela na mão.

Parente dava a entender, nas cartas, que ia mais ou menos bem de vida. Mas terminava dizendo que, em breves dias, arribaria ferros para o Rio Grande do Sul. Um colega convidara-o. Este dito era de lá mesmo, de Mato Grosso. Mas há tempo que vivia no Rio Grande do Sul. Fora a Mato Grosso apenas passar férias. Visitar parentes e rever amigos.

Pois é. O negro Parente ia para o Rio Grande do Sul – Uruguaiana. Terra boa. Terra onde se ganha dinheiro a rodo e pobre também é gente. Ia para Uruguaiana. Já estava de pé no estribo para a arribada. Tanto que, quando ele – Chico da Benta – respondesse às cartas, mandasse-as para lá. Deu até o endereço que era o mesmo do colega que o levava, – na rua Bento Martins.

Bem satisfeito ficou Chico da Benta com aquela nova. De qualquer maneira, o seu velho amigo ia furando mundo afora e vivendo melhor. E ainda que dizia mais que, quando as coisas melhorassem qualquer coisa, mandaria buscá-lo juntamente com Antonino.

Quem teria escrito aquela carta? Era de homem a letra. E bem regular. Português macarrônico, mas, mais ou menos certo. Só que com aqueles lugares comuns de quem não tem redação epistolar própria. Com “mal traçadas linhas”, “juntamente com a família” e outras expressões por demais batidas.

Agora seria que ele, Chico da Benta, fosse um dia esbarrar no Rio Grande do Sul?!

– Uruguaiana, Ceição, é extremo com a Argentina. Aliás, a maior parte do município extrema com o Uruguai, tanto que o nome vem de Uruguai e Ana (que Santa Ana é a padroeira da cidade). Mas a cidade mesmo fica defronte à Argentina. Do outro lado é Passo de Los Libres.

– Do outro lado de quê?
 – Do rio.
 – Que rio?
 – O Uruguai.
 – E Uruguai não é um país?
 – Sim. Mas também há um rio com o mesmo nome. Semelhante ao nosso caso aqui de Parnaíba rio e Parnaíba cidade.

– O rio Uruguai é do tamanho do rio Parnaíba?
 – Mais caudaloso.

Bem que Chico da Benta estava com qualquer coisa de impressão no sentido de um dia feliz sair pelo Rio Grande do Sul. Iria ver aqueles pampas, aquelas *manantiais* que tanto conhecia através de história e geografia. Iria conhecer Uruguaiana com a sua famosa Praça da Redenção, onde parte das forças do Ditador Francisco Solano López se entregara e baixara as armas na célebre Guerra do Paraguai.

Vontade era mato. Mas, sair dali sem ter de louça um caco? Fosse só por ele, nada seria. Aliás, caso fosse solteiro, de há muito que teria zarpado mundo afora. Mas o duro da parada era a família. Sete pessoas! Ele, Ceição e cinco filhos. Nunca! Nunca que teria possibilidade de arrear os pés do Piauí. Ali mesmo, da Barrinha para a Palha de Arroz, haveria de um dia assentar o cabelo e viajar para o Carabranca velho da Vermelha. Mas podia ser que um dia Parente mandasse mesmo buscá-lo.

– Será que o velho manda mesmo buscar a gente, Chico?

– Não sei, Antonino. Tudo indica. Pelo menos tem tais intenções.

– É longe, daqui lá?

– Mais de dez dias de viagem a carro.
– Passa por quantos Estados?
– Muitos. Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Santa Catarina. E mais que para se chegar a Uruguaiana atravessa-se o Rio Grande do Sul de ponta a ponta.

– Como diacho o senhor sabe de tudo isso?!
– Porque estudei.
– Podia todo mundo poder estudar. Podia.
– Podia, sim. Mas é que não pode. É isso mesmo, meu filho. Desigualdade de classe é um imperativo da própria sociedade. Em todos os tempos, todos os lugares, sempre houve e há gente de todas as camadas – branco e preto, rico e pobre, culto e analfabeto.

– É.
– É, sim. E tem de ser.
– Mas pode ser que um dia a gente vá para o Rio Grande do Sul.
– É. Pode ser. Tudo é possível no mundo.

XXX

Teresina, 20 de março de 1947

*Meu prezado e caro Amigo,
Negro Parente:*

Recebi sua carta com os duzentos bicos de coruja. Muito obrigado, mais uma vez, por mais uma ação sua para com este seu velho amigo e criado de ontem, hoje e sempre.

Antonino vai bem de vida. Como você sabe, pobre bem de vida é com apenas saúde, que vida de pobre de maneira alguma é boa. Cresceu. Já fala grosso – está roncando no fueiro como se diz. E homem e tanto. Com ele, é por dentro que nem braguilha de padre. Escreveu não leu, pau comeu. Deixou aquela vida nojenta de ser empregado de recado. Vive de pescar defuntos, como diria você, e doutros trabalhos pesados. E é macho almoçado. Todo e qualquer barbado por estas quebradas, até mesmo deles de caracas nos chifres, o respeitam. Um verdadeiro manda-chuva da Palha de Arroz para a Barrinha. Respeitado por todos. Mas, atencioso. Obedece, cegamente, às minhas ordens. Respeita-me como se a um pai. Segue meus conselhos. Pode estar no maior pacote do mundo, atende-me. Quando chego, baixa a **cantiga** e vai comigo pra casa.

O rio velho este ano abriu as barbas. Enchentes doídas. E comeu um bocado de cabras cretinos que precisavam de morrer. Só que levou um bocado de casebres de nossos velhos e queridos bairros – Palha de Arroz e Barrinha. O Quatorze-Bandas se foi de água abaixo. Faça um cálculo o quanto tem sofrido nossa amiga Júlia Bitola. Naquele tempo, o Quatorze-Bandas foi tragado pelos incêndios. Agora, já depois de todo reconstruído, se vai nas águas. Outras tantas casas, até de gente metida a grandaça, se foram. Só agora cheguei à seguinte conclusão: a água é mais justa que o fogo. Os incêndios nossos, de um modo geral, só causaram danos e prejuízos aos pobres. As enchentes deram prejuízos a grandes e pequenos. Aliás, em relação a outras casas, tanto de pobres como de ricos, não me bateu sequer a passarinha. Pra falar a verdade, de bairros e pobres só tenho mesmo tempo de ter pena dos nossos.

Foi uma calamidade pública. O Parnaíba comendo por um lado e o Poti pelo outro. O Poti passou no papo também um bocado de palhoças e casas de telha. E terminou fazendo sobremesa naquela sua ponte velha de madeira. E o pior é que quase nada de lavoura ficou nas proximidades de ambas as margens de ambos os rios. Até seria melhor se eles tivessem se encontrado e comido logo Teresina duma vez.

Invernão de papoco, negro velho. Mas a safra não vai valer um xenxém furado. Por causa das inundações. É assim: quando Deus dá a farinha, o Diabo esconde o saco.

Por outro lado, Antonino lavou a burra e escovou a pata. Ganhou dinheiro a rodo. Quase que se acaba de tanto tirar teréns das águas do rio. E vez por outra pescando um defunto. Se você estivesse aqui, garanto como teria enricado.

Vou lhe contar uma que você não vai gostar. Mas não se preocupe, porque tudo já passou. Antonino passou um bom tempo de rabicho montado com Maria Piribido. Veja-o só! Uma tia fazendo vida com um sobrinho. A negra se apaixonou pelo menino duma tal maneira, que chegou a dar até escândalo com algumas de suas colegas de pensão. Chegou a ciumar dele até com a **Madame** Chica Pote. Uma coisa louca! Embriagava-se e dava o maior esporre. E eu tentando retirá-lo de tal caminho. Era mesmo que nada. Bem sabe você como é rabicho de rapaz novo com mulher caída de quatro por ele. É mesmo, comparando bem, que novilhote quando anda amolando as pontas. E ela dando escândalos nas loucuras dos histerismos da paixão. Chegou a vir buscá-lo aqui em casa não sei quantas vezes. Ele ia. Por sorte nunca me encontrou aqui. Como você sabe, Ceição não tem a menor ação para agir em casos de tal natureza. Foi xodó grosso! Dinheiro a ele ela dava à vontade. O Desembargador Evaristo encrencado com ela. Ela ganhando dinheiro a valer

do Desembargador e jogando dinheiro nas mãos de Antonino. Pra dizer: chegou a vender jóias pra comprar presentes de luxo para o menino. Até que me espoletei. Fui um dia arrancá-lo de dentro do quarto dela. Ela só de calcinhas e *soutien*. Na maior das galinhagens. Falei pra ele, e o cabra me obedeceu. Foi comigo pra casa. Mas ia fungando de rai-va. Então resolvi jogar a última carta. Narrei, de ponta a ponta, todo aquele drama de sua prisão por causa dela. Só fez baixar a cabeça e chorar. Não me respondeu uma nem duas. Aí tomou chá de vergonha. Nunca mais que cruzou os pés na porta do quarto dela.

Hoje vive encrencado com outra. Uma tal de Andreлина. Bonita. Uma bochecha d'água! E pintosa. Só anda por cima dos garranchos, de tanto luxo. Quando passa pelas ruas (toda não-me-toques) parece que as bochechas das ancas vão dizendo para os homens de olhos pidões: vão-se às favas, vão-se às favas, vão-se às favas.

Mas Maria Piribido ainda anda tecendo fuxicos e criando casos. Duas vezes já foi à Polícia com Andreлина. É o menos, porém. Não se preocupe, que Antonino não quer nem ovo com ela.

Minha velha não mais continua cantando na terra. Foi fazer coro com os anjos no Reino de Deus. (Voltei a acreditar em Deus. Se não se acreditar nEle, em quem é que se pode acreditar no mundo?). Enforcou-se, naquela mangueira grande que fica lá no fim da Palha de Arroz para as ban-das da Usina. Naquela mesma mangueira velha, cujos galhos me deram acolhida muitas noites, escondendo-me da Polícia. Veja só como são as coisas do destino!... Naquela mesma mangueira onde várias vezes me escondi após uma *defesa* para ela (Veva) e os meninos não morrerem de fome. Mas fiquei conformado. Conformado porque ela morreu se

embalando numa corda e dando língua aos safados que queimaram nossa palhoça com Zefinha dentro.

Casei-me com Ceição.

Um estudante me disse que vai escrever um romance sobre os incêndios e o nosso Bairro, onde eu, você, Veva, Ceição e Antonino seremos personagens centrais. Pena você não saber sequer o que seja um romance, nem tampouco personagens. Talvez nem ele faça nada, que estudante só tem arranco no cu como foguetão. Eu mesmo não dou crença a esse povo que só tem o primeiro vôo como seriema. Do meu tempo mesmo, não sei quantos colegas diziam que iam ser escritores. E até hoje o nosso Piauí não deu um escritor sequer. (É mesmo uma merda de purgado esta nossa terra!)

Ao mesmo tempo, volto atrás, falando pela boca de Sócrates: "Não devemos crer em Solon quando diz que um velho pode aprender muita coisa. Não. Todos os grandes trabalhos só podem ser feitos pela mocidade". Pois bem, uma coisa esse tal estudante fez que bastante me agradou. Cabra bom. Se não bromar, vai terminar mesmo fazendo alguma coisa e o nosso Piauí vai ter um escritor de verdade. Deixando uma coisa por outra, o dito é nosso amigo. Boêmio. Mas um boêmio controlado. E homem de ação, de fibra. Só bebe, só farreia aos sábados e domingos. O resto é para os estudos. Ele mesmo não diz, mas todo mundo aqui sabe que é o primeiro aluno do Liceu velho. Temos feito muitas e bonitas farras. Chama-se Jônatas Nonato de Moraes Farias Itabaiana. Mas ele, que escreve em jornais, só assina mesmo Farias Itabaiana. Sim. Como ia dizendo, parece que vai mesmo dar no couro. A nossa capital ainda se encontra no escuro, sem luz elétrica. E ele escreveu no muro da Estação, ali perto do Perebal, numa noite de farra (o cabra é mesmo irmão da opa) assim:

"Dorme cidade maldita,
Teu sono de escravidão".
Sonha com o pobre que grita:
Senhor meu Deus! dai-me pão!

Os dois primeiros versos são de Castro Alves. Os dois últimos são dele. Que tal?!...

Pode ser que venha mesmo o romance. Da moita que não se espera é que sai o coelho, e a galinha que se espanta é que põe o ovo.

Sim... Houve uma baita campanha política aqui. A Oposição ganhou. Só que os então situacionistas, herdeiros da Ditadura, fizeram maioria na Câmara Estadual. Dizem os filhos de Candinha que foi roubo do Tribunal, porque a Oposição tinha elemento eleitoral para fazer maioria em tudo. Faça um cálculo o que será de um País onde até a Justiça rouba! Mas a Oposição, mesmo assim, fez os dois Senadores e maioria nos Deputados Federais. Um dos ditos Senadores é o pai do dr. Josias Olívio, aquele mesmo que fazia parte no rol dos incendiários – segundo o Capitão Vilmar. Que tal!?... Justiça do povo.

Mas a coisa aqui está ficando preta que nem terreiro de macumba para meu lado. Se não fosse Antonino vez por outra meter o braço, com um auxílio qualquer, não sei nem o que seria de mim. É que, depois da Guerra, gasolina baixou de preço. E todo pé-rapado, todo **bunda-suja** sem eira nem beira, que não tem no cu o que um periquito roa de manhã para meio-dia, só quer andar de automóvel. Os carregadores não estamos fazendo nem para o cigarro. Ganho para nós está escasso que nem garupa de jumento, curto que nem coice de porco, crise infeliz. Ruim que nem falta de fôlego ou sal amargo em jejum. Pelo que vejo, mais uma vez vou mudar de

profissão, que quem espera por tempo ruim é vazante, e quem fica parado é poste. Tudo indica que Chico da Benta vai acabar encostando a cerca no brejo e Pau de Fumo ressuscitando para um dia se acabar por uma vez no Poço da Usina.

Na campanha eleitoral apareceu gente nova. A maioria dos estudantes ficou ao lado da Oposição. Pra mim foi surpresa agradável. Nossa mocidade promete. E há um estudante magro das bandas de Valença que é um talento na tribuna. Se um dia aquele cabra chegar a ser governador, este Piauí caduco vai ter um destino moço.

Quanto aos incêndios, depois que você saiu foi que o rojão foi grosso. Aconteceu que aquele comandante do 25º BC foi-se embora. E o pau cantou de novo que não foi brincadeira. Rojão pesado, feio e grosso. Quase que acaba o que restava de casas de palha. E o pior foi que as que mais os infelizes queimaram foram as novas. Ultimamente, porém, depois que o novo Governador assumiu as rédeas do Poder, não mais houve incêndio. Outra coisa que ele acabou foi com aquela perversidade de mandar presos para as Ilhotas. (É que você não sabe. Depois que o Major Laurentino saiu, Comandante do 25º BC, o Capitão Vilmar botou as Ilhotas para renderem castigos de novo).

Desculpe, meu velho amigo, eu ter me alongado muito. Era que precisava mesmo duma oportunidade destas pra me desabafar. Mesmo assim, não escrevi talvez um centésimo do que precisava um dia escrever. É o menos. Ficaré para outra oportunidade.

E o mais, receba uma baita quebra-costelas piauiense da gema, do seu velho amigo de sempre,

Francisco Clemente Puciúnculo

(Vulgo Pau de Fumo)

P.S. Minhas alvíssaras! Antonino não mais é analfabeto. Gastamos um bocado de pavios de lamparina, mas bem que valeu. O cabra deu no couro direitinho. Inteligente que só ele! Só que não estudou outra coisa além de português e matemática. Mas já é alguma coisa para quem não conhecia o a. Aprendeu a ler e escrever o suficiente para a vida prática em aritmética. Se duvidar, lê e escreve melhor do que muitos ginasianos de hoje, onde há deles que escrevem cu com s e põem cedilha. Essa carta dele pra você que vai anexa à minha foi escrita por ele. Que tal?!

Outro quebra-costelas.

O mesmo

XXXI

Uma beleza de buenazo a vida naqueles pagos. Louca de linda! Rio Grande do Sul, sim!... Aquilo era ser terra! Mal foi chegando e arranjando logo colocação. Serviço pesado, porque não sabia sequer assinar o nome. Mas, dava bem para viver. Só que de começo pegou uma linchiguana danada. Cuê puxa! Ô frio danado!

Meio para tratamento do impaludismo não faltou. Foi logo que ficou bom. Curadinho da silva. Capaz de outra. Até que finalmente saiu daquelas infelizes zonas dos garimpos. Finalmente, saiu daqueles centros de vida tão selvagens porque, graças a Deus, saíra do centro do Brasil. Não era que tivesse medo, que um cabra tureba, cutuba da sua marca não ia ter medo de qualquer besteira. Mas era que aquilo não era terra para se morar nem em pensamento.

Parente velho estava agora de feições mudadas. Era outro homem. Aquilo sim! Era que era terra. Chegou e foi logo se empregando. Foi logo mesmo ganhando o suficiente.

Também teve oportunidade de um dia mostrar sua machura nas águas. Se deu que um rapaz, filho dum ricoço (comerciante e estancieiro) da rua General Vitorino, morreu afogado. No rio Uruguai. Muito maior que o Parnaíba. E duma correnteza danada de forte. Águas valentes.

Um bocado de homens procurando o cadáver do moço. Aí lhe veio aquela recordação, aquela saudade madura de suas pescarias de defuntos no rio Parnaíba. Lembrou de fundo de seu querido rio velho saudoso. Aí caiu n'água. Mostrou como se nada. Mostrou como se mergulha com arte e perfeição. Foi logo que dentro de menos de coisa de hora encontrou o rapaz. E saiu à tona, arrastando o defunto e nadando só com um braço. Ficou todo mundo ali bestificado em ver tanta bravura num nortista.

Tirou o corpo do rapaz das águas. Mas aquela saudade de cheio foi apertando de cheio os peitos do negro velho por dentro. Era como se estivesse vendo a sua velha e querida terra – Teresina, Barrinha, Palha de Arroz. O Rio Parnaíba. Não teve coragem de agüentar pé firme. Foi se despistando, saindo, se afastando daquele poviléu. Entrou num boliche e tomou uma pala de canha. O Sol ia se escondendo lá por trás da mata da Argentina, no outro lado do Rio Uruguai. Tal qual o mesmo Sol se esconde por trás das matas do Maranhão, no outro lado do Rio Parnaíba. Passo de Los Libres defronte, recordando Timon. Aí o Minuano apitou. Era como se estivesse ouvindo o apito do trem velho do Urbano Santos lá na Estação do Perebal.

Chorou. Era a quarta vez que o negro Parente chorava depois de homem feito.

Um dia feliz voltaria ao Piauí. Um dia abraçaria sua querida terra do coração. Para morar sabia que não tinha meios. Mas, para buscar Antonino, Chico da Benta e talvez que Maria Bunda-de-Breque. Solito era que não ia ficar ali, que terminava até mesmo morrendo de saudade.

Quando chegasse a Teresina, todo no luxo, ia deixar muita gente de água na boca da pura inveja. No luxo e com dinheiro na guaiaca. Ia até impolante. Com palavreados bonitos que nem mesmo Chico da Benta sabia o quê. – Los menos, a la fresca, soldo, boliche, querência, malacara, pialo, xucro, tordilho, rodeio, sanga, sombreiro, matungo, pingo, galpão, picaço, canhada, poranga, carencho, china, chinoca, pécora,... Um mundo de coisas do Rio Grande do Sul. E a estória do Negrinho do Pastoreio, a da Salamandra, a do Boitatá,... Outras tantas. Também alguma coisa dos garimpos – bamburrar, pifar, checado, bateia, chibiu, dor-de-curau, desapossuado, piramba, rolado, faisqueiro,... Me dá uma *bandeira*!

Voltar para morar não queria, por preço nenhum. Não era não querer, era não poder. Mas, um dia iria ainda ao seu velho Piauí, rever seus pagos e velhos amigos. Buscar Antonino, Chico da Benta e Bunda-de-Breque.

Vida boa aquela. Até que enfim encontrou lugar bom no Brasil. Já foi no fim do espinhaço do Brasil, mas viu terra boa. Pra dizer a verdade, gostava mas de Libres do que de Uruguaiana. Questão de gosto. Ainda mais que só aquela praça!... Que coisa bonita aquela estátua de Madariaga! Homem e cavalo em tamanho natural. Madariaga e cavalo de bronze, Madariaga de espada na mão, subindo uma ladeira puxando o cavalo. Diz que aquilo

é uma passagem da História da Argentina. Diacho! Se tivesse estudado, saberia contar como foi que foi o tal caso. Decerto que Chico da Benta sabia a história daquele heroísmo de Joaquim Madariaga.

Ô Rio Grande do Sul velho danado de bom! Vida farta. Dinheiro fácil. Pensões de mulheres bonitas. Cada corpito de fêmea!... Nem de longe que davam a menor aparência das pobres e coitadas quengas da Palha de Arroz. Cada chinoca que valia por duas sirigaitinhas do Norte. Mulher de o cabra passar a escova dos olhos e ficar se babando da pura vontade das machuras.

Cidade bonita pra mandar Uruguaiana. Não gostava só daquela estátua do Barão do Rio Branco na Praça da Redenção como se estivesse pondo um ovo. Para que aquilo?!

XXXII

Tirou aquela noite para farrear. Matar ao menos de leve as saudades da terra. Esteve na pensão do Ivo. Tomou umas bias. Passou pelo *casino* da Florzinha. Meteu outros tragos na pessoa e se foi. Finalmente, entrou na velha e afamada Cova-da-Onça. O *casino* velho estava repleto. Animadão. Uma revira de donitas bonitas!... Sentia-se satisfeito naqueles ambientes. Mas deixe que todo o tempo com o povo de sua terra nos sentidos. Em sua lembrança sempre aquele povo que com ele sofreu, que com ele também amou. Especialmente aquelas pobres coitadas que viviam na maior das misérias do mundo.

Entrou. Uma charanga tocando um tango. Um bocado de gente dançando. Cada china de o camaradinha

passar as vistas, de cima e baixo, e não encontrar um feito. Assim num terraço muitas mesas e gente bebendo.

Passou pelo salão de dança e sentou-se a uma banca. E ficou ali com aqueles pensamentos: quem seria capaz no Piauí de ao menos em sonho pensar que o negro Parente um dia se achasse em situação tão boa!? Sentadão a uma banca num big cassino, tomando cerveja... Fumando charuto caro. Ainda mais que o bolso velho gemendo de gordo. Todo metido numa beca de casemira. De pulôver, com um sombreirão derreado assim um pouco por cima dum olho. E tomando uma fria. Na pura *brahma*! Mas sempre com aqueles pensamentos em seu povo: àquelas horas, que misérias não estariam reinando nos bairros de Teresina!? Aonde andaria Antonino? Aquelas rameiras... O que estaria passando nos velhos cabarés da Barrinha, Palha de Arroz e Paissandu? O que estaria acontecendo no Pau-não-Cessa, Balança-Cu, Curral-das-Éguas, Cai-n'Água, Quatorze-Bandas?... Que estaria, àquelas horas, fazendo Maria Bunda-de-Breque? Coitada! Tanto que chorou na noite de sua despedida!... Mas um dia iria buscá-la. Tanto que brincava por ali mas ainda não tinha uma pécora.

Já estava à meia-guampa, quase borracho, bebendo. Quando lá se vem uma camanga em direção à sua banca. Mulher baixa, de idade um pouco avançada, mas bem bonitona. Alva. Pele sentada. Penteado todo bacana. Metida num soarê estampado que era uma beleza. Volta de ouro. Anéis. Pulseira. Brincos grandes e bonitos. Um pedaço de dama! Lá se vem ela. Toda faceira! Toda não-me-toques. Lá se vem vindo ela do lado do salão da dança. Toda se requebrando dentro de tanto luxo! Em cima dum Luiz XV, chega se derrengava toda no caminhar. E o

negro ali, um pouco pra mamau, mas prestando atenção. Aproximou-se de sua banca. E foi se sentando toda faceira. Passou as mãos ao pescoço, para melhor mostrar as pulseiras e sacudiu assim a cabeça ajeitando os cabelos, chega os brincões de ouro balançaram.

Logo o negro percebeu de quem se tratava. Pediu outra bia. Outro copo. E botou cerveja pra ela. Ela foi bebendo, foi conversando. Dançaram. Voltaram à banca. Mais bebidas. E a mulher se alargando no mundo das conversas. Contando aventuras. E o negro se fazendo de desconhecido. Até que, a certa altura, ela olhou bem para ele, mirou-o e remirou-o. Franziu os cenhos em atitude de surpresa e foi dizendo por aqui:

– *Bueno, muchacho! Yo soy moza, pero yo estuve en Mexico. Yo tengo mucha recuerdo de Guadalajara. Yo estuve también en la España. No me recuerdo bien, pero yo lo vide o en las avenidas de Acapulco, o en un casino de Madrid.*

Parente mirou bem naqueles olhos grandes, pretos e bonitos dela. Passou-se bem um minuto ali os dois com os olhos nos olhos um do outro. A seguir, o negro deu-lhe umas palmadinhas irônicas no ombro e, em tom de mofa e crítica, de cara bem fechada, respondeu, bem compassadamente:

– Sossega! Sossega, Maria Preá!... Eu te conheço é do Piauí, de Teresina. Lá da Palha de Arroz!

XXXIII

A cada dia mais as aperturas perigando para o lado do negro. De maneira alguma, por pequeno que fosse, ganho nenhum aparecia. Os filhos doentes. Além do

mais, passando fome. Ceição também doente. Pelo que via, pelo que sentia, por tudo o mais, Chico da Benta precisava mesmo de morrer. Já que não podia sustentar a família, necessário seria ceder o lugar a outro. E só quem o poderia substituir era Pau de Fumo – seu único e universal herdeiro em todos os pontos de vista, de qualquer modo, de qualquer maneira, em qualquer tempo, lugar, caso ou condições. Também... seria pela última vez. Nunca mais que aquele pobre vivente, infeliz, – Chico da Benta – haveria de vir outra vez ao mundo. Pau de Fumo ia ressuscitar para tirar o resto da vida (da existência, que aquilo não era vida) daqueles dois coitados viventes que viviam se permutando para uma pobre família não se acabar de fome. Mais de uma vez iria vir ao mundo Pau de Fumo, o negro mais ladrão que Palha de Arroz deu em toda a sua vida de bairro pobre. Nascer para morrer na profissão de pegar no alheio, que é a mais triste das profissões, depois da de pedir esmolas (porque aí é triste e humilhante). Sabia que ia morrer no Poço da Usina. Mas ao menos iria satisfeito para o outro mundo, já que nunca tivera satisfação na vida depois da vida de estudante. Ao menos na morte queria ter aquele prazer. Dar uma gargalhada espalhafatosa, atirar-se ao Poço da Usina, deixar a Polícia com sede de espancá-lo. Sabia, tinha plena certeza, que Chico da Benta não nasceria mais. Acabava-se, por uma vez, o sofrimento daquelas duas vivalmas – Chico da Benta e Pau de Fumo.

Quando o freguês lhe perguntou se era carregador, puxou a chapa do bolso e, todo imponente e satisfeito, falou com sustância:

– Para todos os efeitos, patrão! 208. Anote se quiser. Um criado às suas ordens. 208. O senhor manda.

Conversou ali um pouco com o viajante. Era carregador. Chapa 208. Conhecia a cidade de ponta a ponta. Para onde quisesse ir que lhe dissesse, que tinha ali, em sua humilde pessoa, um criado para lhe servir. Mas o negro falava num português tão bonito, que o homem ficou assim querendo desconfiar tratar-se dum caloteiro qualquer.

Naquele dia, por sorte ou por infelicidade, era o primeiro carroto que pegava. Sorte ou infelicidade, porque a sua macaca já era dum tal modo, que nem ele mesmo sabia onde terminava uma nem aonde começava a outra. Sorte ou infelicidade.

Três longos dias já se iam sem um pequeno serviço pra consolo. Vida dura. Ganho de jeito nenhum. Gasolina barata e todo e qualquer *bunda-suja*, todo pé-rapado bancando de automóvel. Decerto que iria desapertar-se. As conseqüências, os efeitos da causa era que não sabia quais seriam. Azar!... Estava por tudo. Arranjar qualquer coisa ao menos para o bagulho por uns dias era a única coisa que lhe interessava diretamente no momento. Só. E só mesmo. Azar!...

Malas bonitas. Na certa que muita coisa de valor e muito dinheiro ali dentro. Passaria, no seu dizer, uma bala simbólica nos peitos de Chico da Benta – pela última vez. Pela última vez também Pau de Fumo iria nascer.

Dali por diante iria ficar de novo conhecido por Pau de Fumo – nome que pouca gente já o chamava depois que deixara a vida de ladrão. Azar!... Desgraça por desgraça, tudo desgraça logo. Ao menos Ceição e os meninos teriam o que comer por uns dias. E dali por diante continuaria mesmo a roubar. Até que um dia se acabasse no fundão do Poço da Usina. Azar!... Desgraça por desgraça, tudo desgraça logo.

Já estava com as malas em casa. Era que havia conseguido engambelar o viajante. Já estava ali com as malas, prontinho da silva para matar Chico da Benta por cima de duas fechaduras das gordas.

Só podia mesmo haver muitas coisas boas dentro daquelas duas malas bonitas.

Mas se dava que, desde a agência, sentia aquela impressão que aquele indivíduo não lhe era estranho. Já o tinha visto um dia. Só que não se lembrava onde, nem como, nem quando. E coçava a cabeça para ver se acordava a memória. Conhecia aquele indivíduo...! Mas era tolice, que a memória estava funda. (Seria que da fundura do Poço da Usina?!). Talvez. Ou mais! Era que estava com fome. E, quando a barriga vazia, a memória fica que nem uma pedra de tão pesada, especialmente em tais casos. Ainda mais que Ceição e os meninos também estavam com fome. E fome de filho dói mais nos pais de que sua própria fome. Já tinha disto experiência própria.

Tentava se lembrar aonde, quando e como havia um dia conhecido de perto aquele moço. Nada!... Memória pesada. Memória dormindo. Dormindo aninada pelas tripas que roncavam de fome.

Os filhos ali defronte, magros e barrigudos, chupando o dedo e admirados daquelas malas bonitas.

Ceição entrando em casa com uma lata-d'água à cabeça. Vestido em tiras, sem quase roupas de baixo que, molhado, mostrava diversas partes de seu corpo. Magra. Faces escaveiradas e com nítidos traços de tom de desconsolo, de tristeza, de miséria.

Foi de vez. De tanto catucar a memória, ela acordou. A memória levantou-se de repente no pó do caco do quengo do negro velho. Assim como um estalo à Vieira.

Agora lembrava-se bem quem era aquele moço. Aquele mesmo que salvara Parente quando o negro velho se queimou lutando como um herói louco e anônimo para apagar o incêndio da Palha de Arroz. Quando Parente se queimou tentando apagar o incêndio de sua casa. Salvou seu amigo, pagando as despesas do hospital, dando-lhe remédios e tudo o mais.

Aonde andaria o amigo Parente àquelas horas?! Negro fiel na amizade. Amigo de todas as horas, até mesmo nas horas mais incertas. Amigo de verdade. Chegou a por ele entrar até no fogo.

Era. Era o viajante que livrou o negro Parente da morte. Homem bom. Homem de coração grande. De bons costumes. De ação. Um cidadão daquela cepa não merecia ser roubado. Seria uma injustiça. A partir do dia do incêndio em sua casa, todos os favores que Parente lhe prestara, ele os devia não a Parente propriamente dito, mas àquele cidadão que livrara Parente da morte. O que ele devia e tinha obrigação, caso um dia fosse necessário, era arriscar a própria vida em defesa daquele viajante. De cidadãos daquela estampa era que o Brasil precisava.

Não. Nunca que os dez dedos daquelas mãos baixariam um dia em cima de tamanha injustiça. Homem de bons costumes. Que sabia de perto sentir as dores e demais sofrimentos alheios. Que fazia economias não por ser pão-duro, mas para servir na hora precisa e necessária aos pobres necessitados. O exemplo estava ali mesmo. Viajante. Ganhando bem, estava se vendo. Mas não fazia como qualquer mequetrefe que ainda bem não salta do ônibus vai logo pedindo um automóvel, — só pra bancar o importante. Ele, não. Procurava mas era um carregador

pobre para lhe dar um ganha-pão. E guardava o resto para amparar outro necessitado lá na frente. Se ao menos a metade dos arranjos fosse como aquele, a pobreza não passaria tanta necessidade e tantas amarguras neste mundo velho cheio de tantas e mais tantas reviravoltas. Mundo velho enganoso! Traíçoeiro. Mundo velho que Deus deu em tão boas a uns e em horas tão malditas a outros.

Um homem daquele não merecia ser roubado. Se Pau de Fumo quisesse ressuscitar mais uma vez, que tivesse um pouco de paciência. Que esperasse por outra oportunidade.

Lá se vai ele às pressas pelas ruas. Com duas malotas e um saco à cabeça.

Já o viajante estava às calçadas, inquieto. Quando lá se vinha Chico da Benta numa diparada maluca.

Pôs as malotas no chão, tirou um sopro de fôlego assobiado e tratou, o quanto antes, de justificar aquela demora toda, que, decerto, já estava causando qualquer coisa de preocupação ao moço.

E lá se vem com uma carrada de desculpas e justificativas. Pegara o bonde errado, como se diz. Foi-se ter no Teresina Hotel, pensando ser lá que o freguês dissera-lhe que se hospedava. Lá, um sujeito de fala fina e todo requebrado, aliás, garçom, dissera-lhe que conhecia aquelas malas. Eram de seu Farias, viajante da *Rhodia*. Mas que ele se hospedava era na Pensão Glória.

(Mentira salutar. Salvava uma situação crítica).

E Chico da Benta se foi para casa contente, não só pelo ganho do carroto, e sim pela tranquilidade de consciência.

XXXIV

Até que enfim o problema está resolvido. Passar a ser quem fora, mesmo que fosse para se acabar um dia por uma vez. Não mais iria esperar pela promessa de Parente. Parente prometera mandar-lhe o necessário para a viagem. E tinha certeza que o negro cumpriria a palavra. Não padecia a menor sombra de dúvida a respeito. Ou mais hoje, ou mais amanhã, ou mesmo mais depois, o dinheiro haveria de vir. Mas o caso era que não sabia quando. Quem vive de promessa é santo. Quem enriqueceu com promessas foi S. Francisco do Canindé. Não era que quisesse agravar o negro Parente, nem mesmo em pensamento. Bem o conhecia de perto. Bem sabia que ele estava trabalhando, de duro a doer, para levá-lo para Uruguaiana juntamente com a família e Antonino. (Negro besta! Bastava dizer com a família, que Antonino já estava em lugar de um filho seu). Além de tudo, o que se dava também era que, àquela altura, não mais lhe interessava viajar. De miséria por miséria, aquela mesma miséria em que já se acostumara. Aonde (lá em seu pensamento) que pobre com família crescida pode encontrar felicidade dentro do Brasil?! Sofrer por sofrer, ficaria mesmo sofrendo ali. Aí é como se diz: de Diabo a Diabo, tudo é Diabo; de merda a merda, tudo merda logo.

Bem. Estava mesmo decidido, esperando apenas a oportunidade.

Chegou um caminhão na Agência Americana. Na certa que ia pegar um carreto. Muito bem! Vai e canta pra cabeça dum passageiro velho. Era um caboclo mangaieiro - calças de mescla Jangada, camisa de riscado, alpercatas

de rabicho, chapéu de palha. Matuto das bandas dos Picos, lá do lado do Riachão das Pedras. Vendedor de alho e cebola – mangaieiro, como se diz.

Cantou para o velho:

– Carregador às suas ordens, patrão!
– Pois não! Pensão da negra Gitó. Bem ali por trás daquele colégio.

Mas vai o velho matuto e fica conversando miolo de pote, derrubando rodela com um seu conhecido. E Chico da Benta seguiu com a bagagem. Lá adiante, dobrou uma esquina e pisou pra casa.

Mala velha. Toda mesmo desengonçada. Só se vendo!... A ponto de quem a visse não ter coragem de arriscar um tostão furado por ela. Nem fechadura tinha. Amarrada com cordas de caroá. Mas bem que pagou o susto e a morte de Chico da Benta. Nunca que nem em sonho pensou que dentro da mala tão velha e tão feia encontrasse tanto dinheiro. Mais de três mil cruzeiros! Sim senhor!... De qualquer maneira, Pau de Fumo ressuscitou-se mais ou menos feliz.

Agora mudava novamente de opinião. Arribaria, por aqueles dias, com a família e Antonino. Iria mesmo para Uruguaiana. Para onde Parente. Talvez que por lá sofresse também. Mas ao menos sofreria em terras estranhas.

Agora lhe vinha mais um problema. Viajar naquela miséria! O dinheiro podia dar apenas para as passagens e o passadio. E o resto?... Os meninos doentes, além do mais desprevenidos de um tudo – sem roupas, sem rede, sem calçados. E doentes sem remédios.

Mais de três mil cruzeiros!

Muito dinheiro. Acontecia, porém que sua condição estava tão precária, que aquilo era como se um dedal d'água

no oceano. Os meninos nus e descalços e doentes. Ceição já parecendo estar tuberculosa, magra de dar dó. Fiminha!... que nem vara de virar tripa ou cipó de dar em alma. Contudo, talvez melhor mesmo viajar. Teresina estava cheia até a tampa de tuberculosos, e sem um pequeno sanatório para remédio. Miséria!... Parecia lenda a construção do Pavilhão. Obra do governo da União. Mas aí parada que nem relógio de moça há não sabia quantos anos. Verbas e mais verbas chegando e os ladrões oficiais metendo-as nos bolsos. Papando tudo. E a construção parada que nem água de poço. Servindo de amparo, às caladas da noite, para os malandros exploradores de mocinhas pobres. Antro de prostituição em pleno coração da cidade. E os ladrões ricos metendo as verbas nos bolsos e seus filhos prostituindo suas empregadas lá dentro da construção do Pavilhão de Tuberculosos. Miséria! Se o Brigadeiro Eduardo Gomes tivesse ganho as eleições, não estaria naquele jeito. Ganho não é bem o termo, que as eleições ele ganharia. Foram tomadas. Mais de dez anos sem campanha política e os homens do Poder montando a máquina eleitoral. Miséria! Passaram uma vida roubando (na Ditadura), roubaram as eleições do Brigadeiro e o roubo continuando.

– (O Brigadeiro Eduardo Gomes. Único sobrevivente dos dezoito de Copacabana. Homem capaz de administrar o Brasil dentro da honestidade. Miséria!)

Sim... Lá no Rio Grande do Sul, talvez que Ceição melhorasse de saúde. Recobriria os quilos perdidos na pedra de lavar roupas, no ferro, no banheiro de tantas outras coisas sem tréguas. Além do mais, o clima. Talvez que voltasse a ser aquela mesma mulata bonita de outra. Bonita e chancuda. Só o clima!... metade brasileiro e

metade uruguaio e argentino. Só o sopro do minuano brando!

Fechava os olhos. Via Ceição passeando nas rua de Uruguaiana, em Passos de Los Libres. Forte. Vendendo saúde! Bonita e cheia de vida. E ele sempre cheio de Ceição.

Chico da Benta morreu. Bateu o *trinta-e-um* o carregador velho de chapa 208 que nunca conseguiu nada na profissão. Bateu o corredor por cima duma mala velha dum mangaieiro vendedor de alho e cebola lá das bandas dos Picos. Encostou a cerca no brejo! Por cima duma mala velha, Pau de Fumo mais uma vez veio ao mundo. Mas nasceu com os bolsos gemendo de dinheiro, para felicidade sua, de Ceição e dos filhos dela com ele e também dos dele com a finada Veva. Para felicidade sim, pois, de qualquer maneira, ia mesmo viajar.

Agora tinha já outra opinião formada. Chico da Benta iria renascer outra vez. Iria para outras terras. Para onde na certa nunca se viu uma família se acabar de fome aí no meio da rua. Decerto que lá não iria mais roubar. Então, mais uma vez Chico da Benta voltaria ao mundo, para felicidade de toda a sua família, para o resto da vida.

XXXV

Diabo! Atrás do pobre corre um bicho. E ele, que era duma pobreza franciscana, não podia fugir à regra. Foi descoberto. Pegado pela perna, no dizer do vulgo. Azar de rabo! Além de tudo, ou por safadeza do destino ou por caiporismo qualquer, o guarda que descobriu a cilada foi aquele mesmo cretino que num dia de incêndio meteu Genoveva nos fundos da *Carinhosa*.

– (Fela da puta!)

Já tudo adereçado. Tudo prontinho da silva para a viagem. Nada mais faltando. Passagens no bolso. Tudo arrumado. Tudo pronto. Arribaria no dia seguinte. Não tinha conversa.

Quando menos esperava, o peste do guarda bateu. E bateu de cheio. O desgraçado se atravessou na porta de pistola em punho. E foi logo gritando por cima:

– Ou o roubo, ou a vida! Bandido!!! Preso ou morto!

Fechou os olhos, pra não ver a cara da morte de perto. Abriu-os em seguida para, de qualquer maneira, ver a cara da morte com todo aquele seu cinismo descarado de quem não tem dó nem compaixão de ninguém, entre a sua, a cara cínica do guarda.

Pensou em reagir. Com quê?!...

Pensou em derrapar rumo ao Poço da Usina. Pra quê?!...

De nada lhe adiantava nada. O infeliz atirava, na certa. E morrer perseguido pela Polícia, sem ser dentro do Poço da Usina, não tinha graça. Não lhe adiantava pois, correr.

Agora estava perdido por uma vez mesmo. O único jeito que havia era mesmo ficar sendo Pau de Fumo para o resto da vida. E esperar o dia de se acabar dentro do Poço da Usina, longe da Polícia, distante dos homens miseráveis de sua pobre e infeliz e miserável terra. Não havia sequer a menor das menores possibilidades de voltar um dia, a mais uma vez, ser Chico da Benta. Muito menos possibilidade de um dia viajar para outras paragens.

Já outro carregador se achava na Polícia por possuir uma chapa com o mesmo número – 208. Vai seu Epitácio e manda o outro dito ir-se embora.

– (208. Número miserável! Múltiplo de 13).

Diabo! O novo governador mudou quase todos os funcionários de cargos importantes, mas deixou seu Epitácio ali. Azar de rabo!

Nunca que um dia tirou de seus cuidados para pensar que a alma dum homem fosse tão covarde para se pegar à matéria em momento tão oportuno para tirar passaporte para o outro lado da vida. Oito dias de faxinas pesadas. Não ficou uma rua ali por perto que não varresse. Limpou quintais e encerrou casas de quase todas as autoridades policiais. Nem ficou braço de homem daquela meganha que não fizesse instrução física em seu lombo. Parecia que toda a Polícia estava com um mundo de saudade de seu espinhaço para bater. Para bater como quem bate em tambor de 13 de maio. Para os castigos da Ditadura, faltou mesmo só os temperos da temporada nas Ilhotas.

De uma coisa, porém, estava certo: um dia feliz vingar-se-ia de tudo. Quebraria o cachaço de pelo menos um daqueles filhos duma égua.

É sofrimento danado era aquele de entrar naquelas furnazinhas de cimento como casa de João-de-Barro e ficar de cócora só com o lombo de fora para agüentar pneu. Invenção de Chefe de Polícia. Ô surra maluca!

XXXVI

Ceição chorava. Chorava que mais chorava. Chorava por três motivos. Com pena de Pau de Fumo, com medo de alma e por pensar como era que poderia viver com aquelas crianças sem contar com o auxílio do marido.

Passava a noite em claro. Pensando nos sofrimentos do marido lá na cadeia; pensando nos sofrimentos dos filhos em casa. Passava a noite pensando, sentada na rede a ouvir apenas os cantos dos sapos lá para as bandas do rio, até o dia amanhecer. E os meninos naquela latomia de sofrimentos. As crianças choramingando de fome, deitadas em tipóias velhas, sem um fiango de cobertor. Quando lá do meio da noite para o amanhecer do dia, chegava a cruviana. Um frio mais lascado do mundo. Aí era que os meninos choramingavam.

Certa manhã, resolveu pôr em prática o que conjecturava à noite. Saiu com os meninos para o mercado. Foi pedir esmolas. Ela pedindo por um lado, os dois mais crescidos pedindo por outro.

Deu mais ou menos para o engano das tripas. Para o consolo do estômago. Esmolas escassas. Mas iam indo a vara e a remo, enquanto Pau de Fumo estivesse nas grades.

À noite, porém, o mesmo baião. Ela acordada. Os pequenos chorando. E os sapos cantando lá para as bandas do rio até o dia amanhecer.

Sufrimentos grossos aqueles de Ceição. Com os meninos com fome e doentes e sem dinheiro e sem remédios para eles. Para completar o azar, Antonino, que bem poderia lhe dar qualquer auxílio, viajara para Floriano, de onde só regressaria dali a uns dias. Devia vir logo, que ele saíra já sabendo do dia da viagem para o Rio Grande do Sul. E já estava quase nas vésperas. (Tadinho dele! Àquela hora, nem sabia que a viagem gorou). E ele foi como ajudante de caminhão de um seu conhecido. Na certa que traria qualquer coisa de dinheiro.

Danado era se aqueles desgraçados matassem seu pobre marido. Como iria viver!? Que vida infeliz a sua! Ainda moça (aliás, menina ainda), sofrendo e mais sofrendo nas garras de Maria Gorda.

- (Pata Choca! Que o Diabo te tenha para todo o sempre nas profundas dos caldeirões dos quintos do inferno, com borralhos do Purgatório e tudo. É a reza que te ofereço).

Depois o marido lá em Amarante. Verdade que Zé Remador não era dos piores. Mas, também tinha um bocado de pedacinhos amargos. Depois lá se vai ele. E lá se vai ela de casa em casa de amigas. Penando. Ainda bem que encontrou quem a amparasse. Mas vinha agora aquela miséria que na certa seria a pior de todas. Se ele morresse na cadeia?!...

- Ô infelicidade!

XXXVII

Até que enfim chegou o dia da liberdade. Mas o sofrimento foi tanto, que não sentiu a menor sensação de prazer ao receber a notícia. Todo moído! Todo quebrado de borracha, cassetete, o diabo a quatro. Todo rebentado.

Para que liberdade naquele estado!?

- (Liberdade... Democracia... Tantas palavras de significado e sentido bonitos e tanta gente sofrendo no mundo!)

Mais uma coisa começava agora impressioná-lo. Há quantos mil anos o homem na Terra!? E ainda sem conseguir resolver os problemas da humanidade. Francamente!... O único animal que anda armado contra o semelhante:

o único que constrói cadeias para elementos de sua espécie. Por que o homem ainda não solucionou o problema do homem?! Ora mil anos!... Milhões! Há quantos a pré-história nos fala dos *tlavatlis* com reino organizado!? E os continentes que se foram em cataclisma!? Lemúria... Atlântida... Hiperbório...

Homem! Predestinado animal mas tão cheio de oscilações intelectas – ora lentas, ora bruscas. Animal apressado mas sem linha reta e definida na escala de seu desenvolvimento. Ser que se diz superior; que se diz até mesmo semelhante a Deus. Que semelhança com Deus!? Caindo e se levantando; levantando-se e caindo através dos séculos, dos milênios. Cresce. Desenvolve-se. Eleva-se. Procura Deus. E termina voltando à origem picantrópica. *Picantropus erectus*. *Homo stupidus*! *Homo sapiens*!

– (Miséria! Para que estudei tanto!?... *Homo stupidus*. Único animal do mundo que ri e chora. Chora, infeliz! Ri, miserável! Chora das desgraças tuas! Ri das misérias dos outros!)

Contudo, apesar dos pesares, quando o guarda o chamou para a celeberrima descompostura final, sentiu como que uma alma nova escaramuçando por dentro daquele seu corpo velho amarrotado de tantos e mais tantos sofrimentos sem termo e sem limite. Até que enfim iam soltá-lo. Iam lhe dar liberdade ao menos de ver o Sol brilhando nas alturas e respirar ar livre. Quanto à dose de desaforos, pouco estava se importando naquele momento. Logo que cruzasse os pés à rua, efetuariam um roubo na primeira oportunidade que encontrasse. Furtaria, ou melhor: roubaria às claras. Queria mesmo ser descoberto e perseguido. Azeitaria as canelas em direção ao Poço da Usina. E, com uma gargalhada espalhafatosa

que desse mesmo para, por muito tempo, ficar repercutindo nos tímpanos da consciência (e seria que eles tivessem consciência?!...) dos guardas que o perseguiram; atirar-se-ia naquele porão que não sabia nem com quantos metros de profundidade.

O Comissário, o mesmíssimo seu Epitácio de tanta fama, começou o *padre-nosso*. Enfadonho para mandar pra casa do Diabo aquela sua preleção! Um português trôpego! Assassinando a gramática! Disse-lhe o que pôde! O que quis. As do fim. Leu, no seu (dele, Pau de Fumo) dizer, da primeira à última página, o GRANDE DICIONÁRIO DE DECOMPOSTURAS E ESMOLAMBATOLOGIA DA POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO PIAUÍ – BRASIL.

Depois de tal *padre-nosso* policial rezado, veio o oferecimento que foi o pior. Não ficava em Teresina. Sairia dali escoltado por dois policiais que o embarcariam no trem. Lá no Maranhão, S. Luís ou mesmo antes, que tomasse o rumo que bem entendesse. Que fosse tentar o Cão com rezas nas areias gordas das Profundas.

Preleção dura. Ameaças e mais ameaças. Ameaças por todos os lados, modos, meios. E terminou dizendo-lhe que seria morto se um dia tivesse o atrevimento de cruzar os pés nas terras do Estado do Piauí. Estava deportado.

Pau de Fumo ouviu toda aquela conversa do Comissário que dizia falar também pela boca do Delegado e do Chefe de Polícia. Ficou com água nos olhos e uma coisa apertando-lhe as goelas por dentro. E com vontade de perguntar como era que se deportava um brasileiro para outras terras também dentro do Brasil. O que significava aquilo? Exílio? Asilo! Banimento? Que Direito Interestadual seria aquele?! Aquilo não era nada mais nada menos do

que safadeza. E por que não deportavam também Ceição e os meninos?! (Por causa deles que roubava).

Em todo caso, ficar calado seria melhor. Bem conhecia de perto aquela Polícia Civil.

Miséria! Ser obrigado a pedir um favor a um infame daqueles!

– Seu Epitácio, eu quero ao menos permissão para me despedir da família.

– Que família, negro safado! Onde foi que já se viu um ladrão de sua estampa ter família!

E os guardas riram a valer.

– (Miséria! Homo stupidus! Único animal do mundo que ri e chora. Chora, infeliz! Ri, miserável! Chora das tuas desgraças! Ri das misérias dos outros!)

XXXVIII

Lá se vai ele escoltado rumo à Estação do Trem! Como estaria Ceição àquelas horas? Os meninos...?

O trem apitou. A mesma máquina velha, uma das mais antigas do todo o Brasil (do tempo de Mauá). A mesma que um dia levava seu amigo Parente para outras terras.

Lá se vai embora o negro Pau de Fumo! Num vagão de terceira classe. (De terceira não, que uma imundície daquelas não era classe nenhuma).

O trem apitando, mas não era o mesmo apito do dia da despedida de Parente. De modo algum nem de longe parecia com despedida de quem parte para outras terras. Parente um dia podia voltar. Ele, nunca! Era assim como se uma despedida eterna, – deste para o outro mundo. Ainda mais que o sino da viatura badalando. Como se

fosse dobres de finado. Também lhe recordando os alarmes nos incêndios.

Seria que os demais planetas fossem também habitados?! Seriam tão desumanos quanto aos da Terra seus habitantes? Haveria algum fundamento nas deduções de Flamarion e outros astrônomos? As foguerias de Marte... Astronomia... Mecânica celeste...

Que saudade do Colégio! Que vida aquela sua! Genoveva, Zefinha, Ceição, os meninos... Maria Preá, dr. Leovigildo, a mulher dele... Professor Cagliostro, Teresa Caga-no-caneco, Zefa Traíra, Chica Pote, Maria Sapatão...

Assim num momento, toda sua vida passando em seus sentidos como se uma gravação.

Pôs a cabeça a uma janela. Tudo escuro ainda. Mas sentia como se os vagões se retorcendo como um monstro pré-histórico nas curvas dos trilhos.

Que saudade dos tempos de estudante!

Seriam habitados os outros planetas? Na certa!

Noite ainda. Perto da ponte metálica do Parnaíba velho, pelejava mas não podia ouvir a cantoria dos sapos. Naturalmente que eles ainda estavam cantando, que o dia não havia ainda amanhecido. Mas o diabo do ruído do trem nos trilhos não deixava ninguém ouvir outra coisa. Mas sentia, perfeitamente, que àquela hora, com tudo ainda em plena escuridão, os sapos ainda estavam cantando. Cantando de fome. Fome de luz, que o dia não havia ainda amanhecido. A luz ainda não havia chegado. E mesmo sem ouvir, mas apenas sentindo que os sapos ainda estavam cantando, a recordação dos filhos veio-lhe mais aguda do que tudo que até então sentia. É que cantiga de sapo parece com choro, especialmente com choro de menino que chora de fome. Decerto que àquela hora seus

filhos estavam chorando. Ceirão também. Também eram sapos. Eles sapos pequenos, ela sapa velha. Sapos que choravam de fome. De fome, porque não havia ainda luz na terra. E também com pena do sapo velho dono da casa que partia. E este era que estava com fome de verdade. Fome de barriga. Fome de justiça. E a zoadinha do trem dizia direitinho:

– Tô com fome! Tô com fome! Tô com fome!

XXXIX

Sobre a ponte metálica do Parnaíba velho. Os dois guardas ali de lado. Iam com ele até a Estação de Timon.

– (Timom... origem grega. Genitivo plural – plural – das honras. Honra de quê?! De quem?!... Diabo, pra que estudei!?)

Aí Pau de Fumo sentiu que se era de um sapo viver chorando de fome e ouvindo a sapa velha e seus sapinhos chorando de fome a vida toda, melhor morrer. E o melhor lugar era aquele. Também a hora era oportuna, que o dia não havia ainda amanhecido. Ali nas águas, ele se transformaria num sapo de verdade. E ficaria chorando com os sapos de verdade, esperando um Natal cheio de luzes, para todos os sapos do mundo cantarem de barriga cheia.

Fechou os olhos. Fez de conta que ali era o Poço da Usina. E fez de conta também que os dois guardas que estavam ali a seu lado – armados até os dentes – perseguiam-no numa carreira maluca e desatinada. Aterrou os pés e correu. E, da prancha entre os dois vagões, gritou:

– Filhos duma puta!

Aí soltou uma gargalhada espalhafatosa e atirou-se, das alturas do meio da ponte, nas águas do rio velho.

Pela primeira e última vez na vida, depois da morte de Pau de Fumo, Chico da Benta não veio ao mundo.

Morreu de verdade.

Acabou-se o homem.

...

HISTÓRIA E FICÇÃO EM *PALHA DE ARROZ*

Raimunda Celestina Mendes da Silva

(Pós-graduada em Letras pela PUC do Rio Grande do Sul
– Fragmentos da tese de mestrado “Palha de Arroz,
de Fontes Ibiapina, e a cidade incendiada”.)

As fronteiras entre História e Literatura são frágeis, uma vez que ambas narram acontecimentos humanos e deles procuram retirar os sentidos ou significados. Sendo assim, a narrativa ficcional tanto quanto a histórica, ainda que diferentes, pois a última tem seus fundamentos na cientificidade, portanto tem suas pretensões de objetividade, e a outra centra-se na subjetividade e na imaginação, têm, contudo, a apreensão do real traduzido em linguagem. É justamente esse aspecto, a procura da palavra, que se constitui no objeto tanto da História quanto da Literatura, aproximando-as, mas o que as diferencia não se encontra no que “ambas perseguem, mas no modo de investigar tais objetivos”¹. Mesmo percorrendo caminhos opostos, porque pretende a História alcançar a objetividade, o material histórico, ao ser decodificado pelo autor, é também impregnado de uma certa carga de subjetividade, por ser resultado do ato criador de um narrador.

Esse é o principal ponto de encontro entre Literatura e História, pois, como diz White, quando se refere ao trabalho histórico:

...é uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram representando-os.²

¹ WHITE, Hayden; DECA, Edgar de. O que é romance histórico. In: AGUIAR, Flávio (Org.). *Gêneros da Fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 199.

² WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 18.

Vê-se a preocupação em mostrar, não só através da forma como do comportamento do historiador, que há uma semelhança entre os fazeres histórico e literário, principalmente em relação ao comportamentos, porque, como já foi dito anteriormente, ele tem que decidir quais fatos serão relevantes para aquele momento, fazer uma relação entre o escolhido e interpretá-lo com outros, atitude que não é isenta de subjetividade, elemento primordial no labor ficcional.

A Literatura, cujo objetivo primeiro é o fenômeno estético e cultural, tem, ao longo dos anos, mantido um relacionamento com a História, buscando freqüentemente no fato histórico uma forma de representar a realidade, retratando uma época ou uma sociedade, buscando nos grandes momentos universais a matéria-prima, descobrindo mistérios atrás de alguma conspiração de determinado acontecimento e o resultado da obra literária é um mundo ímpar que se contrapõe ao real através da imaginação criadora, cujo trabalho artístico leva o leitor a produzir e resgatar imagens no momento da leitura, encontrando, portanto, uma nova forma de ler os acontecimentos, de questionar o fato histórico, de se posicionar e pensar historicamente; recorrendo a Linda Hutcheon, que diz: "e hoje pensar historicamente é pensar crítica e contextualmente",³ pois o leitor é levado a agir ao se voltar para o mundo, saindo do individualismo, procurando recuperar o viver coletivo do homem, inferindo de maneira ativa e concreta na comunidade, além de ter uma visão do modo de vida de seus antepassados ou contemporâneos.

Umberto Eco⁴ critica aqueles que "julgam que falar do passado é uma maneira de fugir do presente"⁵, pois o autor tem liberdade de usar o tempo da forma que desejar. Para ele, o passado pode ser contado de três maneiras: primeira, o romance conta o passado como pretexto, como cenário, é a construção que solta a imaginação, o romance não fala do presente, nem por alegoria; segunda, é aquele que escolhe o passado

³ HUCHETON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 121.

⁴ Eco, Umberto. *Pós-escritoe ou o nome da hora*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁵ *Ibid.*, p. 61.

"real" que todos reconhecem, colocando nele personagens já conhecidas, realizando ações que ainda não são conhecidas, inserindo também personagens que se comportam como personagens de outras épocas; a terceira maneira, romance histórico, em que não há necessidade de mostrar personagens reconhecíveis, porém o que eles fazem, necessariamente, deve ser em determinada época, isso para que o leitor compreenda a história, o que aconteceu. Embora sejam criados acontecimentos e personagens, o romance e suas criaturas falam de uma época, de determinado lugar, coisas que os manuais não referem. Além disso, o romance histórico deve mostrar não só a identificação no passado das causas dos acontecimentos, como deve mostrar os efeitos que as mesmas produziram, às vezes, num processo, de forma lenta e demorada.

É a estrutura do romance brasileiro que o define como histórico, ao referendar, ao lado dos traços literários e estéticos, componentes lingüísticos, sociais, políticos e econômicos da realidade brasileira.

Esse é o recurso usado por Fontes Ibiapina, em **Palha de Arroz**, ao colocar o leitor diante de um fato histórico conhecido: os incêndios em Teresina na década de 1940, em plena Ditadura Vargas. Alguns jornais da época denunciaram o caso, portanto é um fato documentado, porém o autor joga com outros elementos próprios da narrativa que não são verificáveis quanto à autenticidade, tornando a narrativa um texto em que ficção e história se misturam, pois o compromisso do romancista é com a invenção, não esquecendo a coerência interna que a obra literária deve apresentar.

Em **Palha de Arroz**, vivem e agem personagens imaginários, cujas vidas e ações são criações do narrador em um mundo imaginário, a diegese, mas, para isso, ele partiu, como se falou anteriormente, de fatos concretos: a história de um povo em determinada época e momento.

A manifestação histórica no romance de Fontes Ibiapina revela-se quando o narrador relata a história verdadeira de um povo que, sob a ideologia dominante, separa ricos de pobres. Revela-se, então, o desejo de os privilegiados permanecerem no poder, impedindo a saída, ou mudança social, da

classe proletária que não conseguia vencer os obstáculos impostos, nem através de concurso público.

Alguns elementos do texto de *Fontes Ibiapina* podem ser citados como específicos do campo histórico: a ação e a situação narrativa, a análise e a reflexão histórica, a localização espacial, a datação, a cronologia longa, as personagens históricas, as entidades e referências históricas, a utilização de documentos.

A ação e a situação,⁶ em **Palha de Arroz**, no que se refere a alguns acontecimentos, são precisas, isto é, fiéis aos documentos de época. Percebe-se desse modo que o autor, ao entrelaçar as outras ações secundárias às quais formarão a história, terá nos acontecimentos verídicos o elemento que conduzirá a diegese para um referente que é a realidade exterior à narrativa. Essa realidade é mostrada através do discurso e comprovada através de documentos. Os incêndios, a morte de crianças ou pessoas inválidas, o atentado ao jornal *O Piauí*, o bairro Palha de Arroz que realmente existiu, outros que ainda existem (Mafuá, Piçarra, Vermelha), as melhorias do chefe de Polícia, como a ampliação do Quartel, a criação da polícia montada, a aposentadoria forçada dos desembargadores, as torturas sofridas pelos presos, são alguns fatos que podem ser considerados como verdadeiros, acontecidos na década de 1940, durante o período da Ditadura getuliana, com censura a jornais, e não podendo esses fatos serem denunciados. Cabe, portanto, ao autor, no romance em análise, "assumir também a tarefa de explicar e interpretar o circuito histórico, adiantando-se muitas vezes em relação à palavra dos próprios historiadores",⁷ não só os historiadores, mas todos aqueles que trabalhavam com a palavra, na época, ficaram calados, porque só circulava o Diário Oficial e os jornais que, às vezes, denunciavam, eram os da oposição.

Cabe, portanto, à literatura, o papel de dar voz àqueles que foram sacrificados, de denunciar o que acontecia atrás do

⁶ FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986. p. 14.

⁷ CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1985. p. 25.

poder, levando o leitor a inquietar-se diante dos fatos denunciados, por estar diante de um texto com valor documental-histórico, pois a ficção, nesse caso, "assume a consciência política da sociedade",⁸ ou seja, História e Literatura assumem o mesmo papel ao sondarem e revelarem a realidade daquela gente do Piauí, mais precisamente de Teresina.

Outro elemento que merece destaque em **Palha de Arroz** é a *análise* e a *reflexão histórica*,⁹ pois cabe ao narrador fazer não só a reconstituição do passado, mas compreendê-lo, ou seja, ao invés de descrever fatos, comporta a análise do mesmo, é o discurso narrativo sendo substituído pelo discurso analítico, pois, no conhecimento histórico, a reflexão tem uma função relevante. Esse ponto mais uma vez aproxima a Literatura da História, já que o discurso literário pode assumir a forma analítica, porque é tarefa também do escritor relacionar os fatos ao que há atrás do contexto social no qual ele se insere. É o que faz Fontes Ibiapina, quando, em diversos momentos da narrativa, dá voz a alguns personagens, como Pau de Fumo/Chico da Benta, Parente, e à própria louca Genoveva.

Arre Diabo de tanto sofrimento! Já ia para quase um ano e ainda sentia a dor quando se lembrava de tantos martírios. (Dor na alma, na consciência. Muito maior que dor física!) Pelo menos mais persistente. A dor material passa. É física. Passou a causa, acabou-se o efeito. A espiritual fica. Dor química. A causa passa e o efeito permanece no camaradinho para o resto da vida. (p. 86)

Percebe-se, no exemplo citado, a análise que faz o narrador, cuja voz se confunde com a da personagem Pau de Fumo, refletindo sobre as torturas pelas quais passavam os presos na construção do prédio que abrigaria a polícia montada. A construção é um acontecimento histórico, relatado no texto ficcional, cujo valor como documento encontra-se exatamente na meditação que é feita sobre os efeitos causados no indivíduo.

⁸ Ibid., p. 26.

⁹ FREITAS, Maria Teresa de. Op. cit.

Em **Palha de Arroz**, o autor utiliza alguns pontos de referência ou de ligação histórica, chamados por Maria Teresa de Freitas de "técnicas de autenticação". São os elementos históricos secundários que, ao se relacionarem ao fato histórico principal, darão autenticidade ao mesmo de forma dupla, tendo em vista que eles, ao serem colocados no contexto histórico concreto, caracterizam o discurso histórico e, ao serem usados no discurso literário, atribuem-lhe uma expressão realista. São, por exemplo:

A *localização espacial* – as personagens de Fontes Ibiapina se deslocam em espaços precisos e reconhecidos, tendo existência concreta e referencial. Podem, portanto, serem reconhecidos no mapa geográfico: Teresina com seus bairros e praças, Amarante, Timon, São Francisco, o rio Paranaíba, Uruguaiana e Sergipe. Esse são alguns dos locais ligados à realidade exterior em que vive a personagem, cuja descrição se dá de maneira precisa, produzindo na narrativa o sinal de que as ações ocorreram realmente ali:

Fechava os olhos. Via Ceição passeando nas ruas de Uruguaiana, em Passo de Los Libres. Vendendo saúde! Bonita e cheia de vida. E ele sempre cheio de Ceição. (p. 204)

A *datação* – o acontecimento histórico é localizável facilmente no tempo cronológico, porém no texto de ficção ele é um dos elementos de ligação entre o tempo do romance e o tempo oficial que marcará a sua condição de documento.

Em **Palha de Arroz**, escrito em um momento em que reinava a censura, Fontes Ibiapina só coloca a data exata em duas cartas, porém vários acontecimentos deixam claro a época centralizada no romance: a década de 1940, Ditadura de Getúlio Vargas, as referências feitas à Segunda Grande Guerra e muitos outros acontecimentos que aparecem no romance e os jornais publicaram, tais como:

...Também o presidente era cúmplice como Ditador, bem que podia meter o braço e dar um jeito. (p.30)

...Os incêndios tiveram incio ainda no quente da guerra. O mundo quase todo em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim. (p.30)

...Aliás, diga-se de passagem: ninguém seria capaz de estirar o dedo e apontar esta ou aquela injustiça, esta ou aquela perversidade do Interventor. Pelo contrário... Homem bom, honesto (por prova ia sair do governo pobre, sem possuir de seu um carro)... (p. 89)

Pelos exemplos citados, fica claro a data em que os fatos ocorreram: Segunda Grande Guerra, Ditadura de Getúlio Vargas, o governo de Leônidas de Castro Mello no Piauí de 1935 a 1945; muitos outros fatos poderiam ser citados para comprovar a data que liga o tempo da História narrada em **Palha de Arroz** ao tempo da ficção.

Padre Salviano mandara uma carta para uma moça por Antonino, filho de Parente, que rasga a carta por não querer o filho como alcoviteiro, a mesma tem a data de "5 de junho de 1945" (p. 108). Quando Parente viaja, Pau de Fumo responde a uma carta que recebeu do amigo, essa tem a data de "10 de março de 1947" (p. 183).

A *cronologia longa* – é outro aspecto temporal que a narrativa mostra através da fala de Pau de Fumo, que faz alusões a fatos passados na Bíblia, em Roma, em Bizâncio, Constantinopla, a Revolução de 17 na Rússia; fala de autores como Augusto dos Anjos, Castro Alves e Da Costa e Silva, inserindo seus versos na narrativa. Tudo isso mostra que há uma preocupação histórica do autor, ao mesmo tempo em que esses fatos vão se infiltrando na narrativa ficcional:

...Quantos vultos importantes da Revolução de 17 na Rússia não foram sacrificados por seus próprios companheiros! – cinicamente se tratam uns aos outros de camaradas?!... (p. 162)

... – Outrora, na Índia, na Grécia, em Roma e noutras paragens, existiu uma religião denominada Mitologia. Uma infinidade de saberoria! E com Deuses para todo mundo, todas as classes, todas as coisas... (p. 168)

As *personagens históricas* – são aquelas que aparecem ao lado de personagens principais, como Pau de Fumo/Chico da Benta, Genoveva, Parente, Maria Piribido, Conceição, que

são imaginários. Algumas personagens históricas, entretanto, aparecem participando de forma rápida ou apenas a citação do seu nome, cuja função é de referência histórica. É o caso do Conselheiro Antônio José Saraiva, fundador de Teresina, citado no romance **Palha de Arroz** por Pau de Fumo, em um monólogo, com o intuito de mostrar sua função histórica ao tempo em que faz alusão à vida da personagem no momento de sofrimento e espera em que foge da polícia:

– (Conselheiro Antônio José Saraiva, fundador da Cidade Verde em plena Chapada do Corisco. Que Deus o tenha em bom lugar. Verde é esperança. E a gente sofrendo até mesmo de esperar.) (p. 15)

Abílio Manuel Guerra Junqueiro é outro personagem histórico que só é citado também por Pau de Fumo, ao lembrar o que ele havia dito: "E a justiça não perdoa" (p. 19), uma vez que ele se sentia sempre injustiçado, preso, apanhando da polícia por roubar o que não lhe pertencia quando não encontrava serviço.

Esses personagens são citados para dar maior credibilidade à narrativa, cuja intenção do autor é firmar o aspecto documental do texto com personagens reais misturados aos fictícios, dado que aproxima romance e história.

Ao citar personalidades como Castro Alves, Gonçalves Dias, Da Costa e Silva e Augusto dos Anjos, todos reconhecíveis, não só lembra a analogia entre o real e o ficcional, mas também denuncia a relação autor/leitor próprio do discurso da História, em que o autor pressupõe que o leitor tenha um certo conhecimento prévio do assunto, porém aqui, com a presença do ficcional, o intertexto vai mostrar algo mais, ou seja, o objetivo maior é fazer uma ligação entre as narrativas. Quando ele lembra os versos de Gonçalves Dias:

"Minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá." (p. 179)

O narrador está relembrando, através de Pau de Fumo, as palmeiras que na época havia em abundância no Piauí e no

Maranhão, mas que serviram para matar ou deixar muitos em sofrimento, ao perderem a casa ou a vida. Sua filha Zefinha, quando a descobriram morta, estava com "uma mortalha de cinzas e asas de grinalda de folhas de coco" (p. 178).

As entidades e as referências históricas – na obra em análise, além das personagens históricas, o autor mostra uma instituição de ensino cuja existência é historicamente comprovada: é o Colégio Diocesano, ou melhor, Colégio São Francisco de Sales, de orientação jesuítica, ainda hoje um dos mais conceituados em Teresina e onde Chico da Benta estudou até a 4ª série, antes do pai morrer:

O padre Leonardo foi professor de Chico da Benta. Era um dos seus admiradores como estudante de inteligência rara. [...] Aquele negro era uma cultura que o Piauí extraviou por culpa tão somente dos homens do poder. Um gênio a mais desperdiçado no mundo. Um êmulo de Diógenes. (p. 173/174)

Palha de Arroz faz alusão a muitas obras, como **Os Lusíadas**, a **Bíblia**; aos autores lidos por Pau de Fumo, como Spinoza, Comte, Eça de Queirós, Vítor Hugo, Platão, Aristóteles, dentre outros. Também fala no regime de força, suas causas e conseqüências, havendo dados que ele não esclarece, o que poderá aguçar a curiosidade do leitor, levando-o a fazer pesquisas sobre os dados citados.

A utilização de documentos – Fontes Ibiapina, em **Palha de Arroz**, faz citações de textos de outros autores, porém não os faz de documentos. Percebe-se que muitos fatos apresentados são comprovados através de jornais, como por exemplo: a decadência da Fábrica de Campos nas Fazendas Nacionais; o prédio que foi construído na Ilhota, onde os presos eram torturados com trabalhos forçados, no início abrigou o Batalhão de Polícia Montada, depois foi uma escola de menores; Parente foi chamado para acabar com o jornal *O Piauí*, não aceitou, pois para isso teria que matar o vigia que era seu amigo; os locais onde os suspeitos de incendiários eram supliciados: além da Ilhota, Cruz de Cassaco, três Paus...; o incendiário que foi pego com uma ponta de cigarro Odeon incendiando uma

choupana, são alguns dos acontecimentos que os jornais comprovam a existência e, para a narrativa, são um indício de objetividade de Fontes Ibiapina, nesse caso agindo mais como historiador, cujo objetivo é fazer o registro documental do texto.

Como se vê, no desenrolar da narrativa há uma alternância de elementos fictícios e de elementos históricos. A maioria das personagens povoam a imaginação do narrador que usa a descrição de cenas com detalhes que mostram a situação sociocultural que irá permear a ficção. Esses detalhes também projetam os elementos históricos inseridos na narrativa em análise, que privilegia a história de vida do dia-a-dia das classes menos privilegiadas.

Na estrutura apresentada em **Palha de Arroz**, as personagens históricas citadas convivem harmoniosamente com as personagens imaginadas pelo autor, pois real e fictício convergem para um mesmo ponto, que é a necessidade de levar o leitor a reviver o passado, conhecendo, descobrindo fatos e acontecimentos, cuja intervenção do narrador poderá levá-lo por trilhas imprevistas.

• • •

SOBRE O AUTOR

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina nasceu em 14 de junho de 1921, nas terras da fazenda Lagoa Grande, propriedade de seus pais, no município de Picos-PI. Cresceu junto aos engenhos de cana e carnaubais; estudou na "escola de matutos" de seu tio Mestre Quincó Fontes – situada na fazenda vizinha, chamada "Vaca Morta".

Aos 21 anos, com apenas o primário completo, resolve sair para continuar os estudos, fixando-se então em Teresina, onde conhece Clarice Rosa do Monte, com quem viria a se casar. Classifica-se em primeiro lugar no exame de admissão para o colégio Diocesano, onde cursa todo o ginásio (ensino fundamental) e o segundo grau (ensino médio).

Em 1954, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí. Exerceu carreira de magistrado, sendo Juiz em vários municípios do Estado como: Ribeiro Gonçalves, São Pedro, Miguel Alves, Piripiri e Parnaíba.

Na literatura, destacou-se como contista e folclorista, ajudando a manter viva a cultura de nosso povo por meio de seus escritos inspirados em suas memórias de infância. Dentre outras premiações, recebeu em 1982 o Prêmio Nacional do Livro, com o romance **Vida Gemida em Sambambaia**.

Faleceu em Parnaíba a 10 de junho de 1986, deixando 18 livros publicados e mais de 15 inéditos.

Por sua contribuição como ficcionista e folclorista, recebeu elogios do mestre Câmara Cascudo. Fontes foi, acima de tudo, um escritor preocupado em resgatar e preservar valores da cultura popular. O povo simples do Piauí, notadamente o sertanejo, se reconhece em seus livros.

Foi membro da Academia Piauiense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura.

Laila Ibiapina Caddah

OBRAS DO AUTOR

1. Brocotós – 1961
2. Chão de meu Deus – 1958
3. Congresso de duendes – 1969
4. Crendices, superstições e curiosidades verídicas no Piauí (póstuma) – 1993
5. Curral de Assombrações – 1985
6. Destino de contratempos – 1974
7. Eleições de sempre até quando – 1986
8. Mentiras grossas de Zé Rotinho – 1977
9. Nas terras do Arabutã – 1984
10. O casório da Pafunsa – 1982
11. O tombador – 1971
12. Palha de arroz – 1968
13. Paremiologia nordestina – 1975
14. Passarela de marmotas – 1975
15. Pedra bruta – 1964
16. Quero, posso e mando – 1976
17. Sambaíba – 1963
18. Vida gemida em Sambambaia – 1985
19. Dicionário de Brasileirismos (póstuma) – 2001
20. Terreiro de Fazenda (póstuma)
21. Lorotas e Pabulagens de Zé Rotinho – 1982
22. Trinta e Dois – 1988
23. Dr. Pierre Chanfubois – 1988

